

Adolescência e Juventude





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Adolescência e Juventude

Volume 2

Francisco Ramos de Farias



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Leonardo Vilela

UERJ - Dirceu Castilho

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Francisco Ramos de Farias

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Miguel Siano da Cunha

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Elaine Perdigão

Heitor Soares de Farias

Lúcia Beatriz da Silva Alves

Paulo César Alves

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

Departamento de Produção

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Cristina Freixinho

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Carolina Godoi

Cristina Freixinho

Elaine Bayma

Renata Lauria

Thelenayce Ribeiro

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Ronaldo d'Aguiar Silva

DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alexandre d'Oliveira

Andreia Villar

Bianca Lima

Patrícia Seabra

ILUSTRAÇÃO

Jefferson Caçador

CAPA

Jefferson Caçador

PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2010, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

F224

Farias, Francisco Ramos de.

Adolescência e Juventude. v. 2 / Francisco Ramos de Farias. -

Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2013.

236p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-790-6

1. Adolescência. 2. Juventude. 3. Sexualidade. I. Título

CDD: 305.235

2013.2/2014.1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT e AACR2.
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Gustavo Reis Ferreira

Universidades Consorciadas

CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA
Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
Reitor: Silvério de Paiva Freitas

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Ricardo Vieiralves de Castro

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Carlos Levi

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitora: Ana Maria Dantas Soares

UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

SUMÁRIO

Aula 11 – Gravidez na adolescência _____	7
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 12 – Drogas, toxicomania e o falso paraíso _____	35
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 13 – A AIDS e as práticas sexuais na adolescência _____	63
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 14 – Cultuando o corpo: cuidados e excessos _____	87
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 15 – Adolescência, trabalho e lazer _____	119
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 16 – Tribos urbanas, exclusão social e laços identitários _____	149
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 17 – Adolescência tardia _____	177
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Aula 18 – A adolescência no transcurso da história _____	203
<i>Francisco Ramos de Farias</i>	
Referências _____	231

Gravidez na adolescência

Francisco Ramos de Farias

AULA

11

Meta da aula

Apresentar as consequências da maternidade e da paternidade na adolescência, além dos riscos de uma situação dessa natureza.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. enumerar os motivos da gravidez na adolescência;
2. destacar as características do relacionamento do adolescente com seus familiares diante da gravidez;
3. identificar as reações de quem lida com uma gravidez precoce.

INTRODUÇÃO

Um dos temas que tem provocado o maior número de discussões no âmbito da Educação e da Saúde Coletiva é a gravidez na adolescência. De acordo com as estatísticas do Ministério da Saúde, produzidas pelo DATASUS (Banco de Dados do Sistema Único de Saúde), nas duas últimas décadas do século XX, mais de 10% dos partos eram realizados em mães adolescentes e, no alvorecer do século XXI, esse percentual dobrou. Alguns dados dessas estatísticas merecem maior atenção: a maioria das adolescentes que engravidam apresentam baixa escolaridade. Mas mesmo entre as adolescentes que cursam o ensino médio e as que ingressam na universidade, a gravidez apresenta números consideráveis.

Em paralelo ao aumento da gravidez na adolescência, acontece a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, o que parece ir de encontro às campanhas de prevenção desenvolvidas pela mídia e divulgadas nas escolas. Tanto em uma situação quanto em outra, podemos sinalizar alguns aspectos importantes: a influência dos meios de comunicação, que podem “dar” notoriedade às mães e pais jovens, bem como aos portadores de doenças sexualmente transmissíveis, conforme acontece em folhetins, filmes e romances; destaca-se também a diminuição dos tabus e inibição sexuais, aliada a falta de diálogo e orientação da família, que apresenta uma nova estrutura em função das mudanças no âmbito da constituição dos casais. Mas tanto a gravidez na adolescência quanto a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis não acontecem porque os jovens desconhecem meios de prevenção.

Muito mais forte do que o acesso ao conhecimento dos métodos de prevenção é a crença dos jovens de que quando há amor não é preciso se prevenir, e que gravidez e doenças sexualmente transmissíveis acontecem somente com outras pessoas. Existem também as desculpas de que não houve tempo para conseguir os preservativos ou que a parceira ou o parceiro não gostam de ter relações com tais métodos. Há, também, mais entre as adolescentes, a crença de que uma gravidez pode servir para segurar o namorado e daí caminhar para o casamento.

Não há desculpa que justifique a possibilidade de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, já que o mundo contemporâneo convive com uma dura realidade: o alastramento desse tipo de doença. Este fato interfere significativamente na vida sexual dos jovens em termos de cuidados preventivos e também na reflexão em relação à gravidez. Apesar das campanhas de divulgação, o número de adolescentes grávidas e jovens que são pais,

na faixa dos quinze aos dezenove anos, cresce assustadoramente. Isso sem contar com os dados que não entram nas estatísticas dos abortos feitos sem autorização judicial ou em clínicas clandestinas.

Cada dia mais se faz necessário difundir informações para os jovens sobre as consequências de relações sexuais sem os devidos cuidados. Mas tanto os jovens informados quanto aqueles que não têm acesso às informações sobre as questões da gravidez estão nas estatísticas da gravidez na adolescência. Seria importante indagar qual o valor das informações transmitidas nas diferentes campanhas pela mídia ou, os jovens julgam que as informações são alarmantes, e que as coisas acontecerão sem maior gravidade?

Um fato deve ser considerado: a iniciação sexual antes do vínculo matrimonial, nos primeiros anos da puberdade, não deve ser uma condição que tenha como resultado a gravidez. Certamente, com todas as mudanças que ocorreram no cenário mundial e as novas concepções sobre união conjugal, temos uma nova concepção de casal. Nos tempos atuais, o casal não é somente a consequência de um acordo matrimonial. Isso nos faz pensar que os jovens falam de amizade, de amor e igualmente de sexo. Quer dizer, não só falam de sexo, mas têm uma vida sexual ativa, conforme vimos nos depoimentos expostos na aula 10. Além de se amarem e terem relações sexuais, os jovens gostam de ficar juntos. Mas, muitas vezes, o “ficar”, ter uma amizade ou mesmo um namoro podem resultar em uma gravidez inesperada. E, quando isso acontece, o que fazer? É esse questionamento que será o guia de nossas reflexões nesta aula. Vamos investigar quais as possíveis causas da gravidez na adolescência bem como suas consequências para o jovem e seus familiares.

A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Em todo o país, como também no mundo, tem sido observada uma incidência cada vez maior de adolescentes grávidas. Conforme indicam as ocorrências, essa é a faixa etária em que a natalidade aumenta consideravelmente. A que se deve esse aumento? Será que essa etapa do desenvolvimento psicológico é o período de maior fertilidade? Será que os jovens não receberam orientação a respeito do significado da maternidade e paternidade? Será que os jovens almejam realizar-se ou tornar-se independentes com um filho? Qualquer que seja o motivo, sabemos que a gravidez na adolescência tem suas implicações em termos de responsabilidade e nos projetos de vida, especialmente em relação à formação profissional que para a mãe adolescente tem maiores complicações.

Havia, por parte dos estudiosos, educadores e profissionais da área da saúde coletiva, a expectativa de que, com a difusão das informações pelos meios de comunicação, houvesse uma certa contenção no aumento da natalidade entre jovens, principalmente por se pensar que em muitos casos o fator determinante era a falta de esclarecimentos. No entanto, apesar de os jovens se tornarem ávidos por informações sobre os assuntos relacionados ao sexo, isso não interferiu na ocorrência de gravidez nesta faixa etária. Assim, podemos concluir que uma coisa é ter acesso às informações sobre a sexualidade, outra é a reflexão sobre as complicações de uma gravidez, em uma idade muito jovem, sem as devidas condições sociais, pessoais e emocionais.

Mesmo diante do bombardeamento de informações e campanhas educacionais em termos de cuidados e prevenções durante as práticas sexuais, muitos jovens não se preocupam com as doenças sexualmente transmissíveis, haja vista que as estatísticas crescem nesse setor da saúde coletiva. Tudo nos leva a crer que muitos jovens não tomam as medidas adequadas, movidos, talvez, pela crença de que tanto as doenças sexualmente transmissíveis quanto a gravidez jamais irão acontecer.

Dados do Ministério da Saúde no Brasil indicam que a contaminação de doenças como sífilis, herpes genital, gonorreia e AIDS tem aumentado consideravelmente. Diante dessa situação, foram postas em práticas políticas governamentais de distribuição de preservativos e circulação pela mídia de campanhas educativas de cunho preventivo, a serviço da orientação acerca de riscos de contaminação no âmbito das práticas sexuais. Essas campanhas governamentais visam, sobretudo, à conscientização acerca da prevenção da gravidez e da contaminação de doenças sexualmente transmissíveis. O dia 26 de setembro foi escolhido, em 2008, como o Dia Mundial de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Há vários *sítes* interessantes com importantes orientações aos jovens: mwww.vivasuavida.com.br – www.celsam.org (um site latino-americano, em castelhano) – www.your-life.com (em inglês) – www.programa-ato.com.br

Apesar do crescente número de campanhas informativas e da existência de tópicos sobre o assunto nos programas das disciplinas do Ensino Médio sobre a prevenção da gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis, podemos nos indagar: o que levaria o jovem a agir com

imperícia nas suas práticas sexuais? A esse respeito, algumas hipóteses podem ser formuladas considerando as circunstâncias do desenvolvimento psicológico.



Veja os interessantes depoimentos de adolescentes sobre a gravidez nesse vídeo do YouTube.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=XnKFKBmhmCo>

Quando ocorre o ingresso na adolescência, a menina se depara com diversas transformações tanto corporais, decorrentes da puberdade, quanto emocionais, devido ao mundo infantil recém-perdido. Todas essas transformações acontecem de maneira muito rápida e, devido à velocidade com que ocorrem, parecem produzir um certo desequilíbrio entre os aspectos da vida racional e a vida emocional. De onde, então, provém tal desequilíbrio? Certamente o fator determinante é a descoberta do próprio corpo, bem como a descoberta do corpo do outro. Isso quer dizer que o jovem se depara com uma quantidade enorme de informações sobre seu próprio corpo e sobre o corpo de seu semelhante, sem ter tempo hábil para elaborá-las de maneira precisa. Ao invés de certezas, o jovem é movido por muitas dúvidas e, mesmo tendo tido acesso a muitas informações, não consegue pô-las em práticas.

O que podemos afirmar sobre essa ocorrência? Se nos reportarmos à dinâmica do processo de desenvolvimento psicológico, encontramos uma explicação assaz interessante: o desenvolvimento das **FUNÇÕES COGNITIVAS** não caminha, em paralelo, com o desenvolvimento dos aspectos da **VIDA AFETIVA**.

O que então sabemos é que essas duas áreas do desenvolvimento psicológico, a cognição e a afetividade, na adolescência, encontram-se

FUNÇÕES COGNITIVAS

A cognição é o aspecto da vida psíquica que explica a maneira pela qual o homem se relaciona com as coisas do mundo, descobrindo-as e também se descobrindo. É o aspecto essencial no processo de conhecimento. Corresponde a um conjunto de funções e aspectos do desenvolvimento psicológico que abrangem a inteligência, o pensamento, o raciocínio, a memória, a aprendizagem e a atenção, entre outros.

Dos estudiosos que se destacaram nesse campo o nome mundialmente conhecido é Jean Piaget. Geralmente essas funções têm expressão significativa até os primeiros indícios da puberdade, momento em que sofre um certo declínio devido às intensas transformações características desse período, o que geralmente tem reflexo no desempenho escolar.

VIDA AFETIVA

A afetividade corresponde a um tipo de “energia” que faz a ligação do sujeito com outras pessoas. Inicialmente essa energia funciona no processo de construção do Eu, momento em que a criança extrai das pessoas de seu entorno características com as quais formará a sua identidade. Na adolescência há uma mudança, pois nessa etapa, a ligação com as pessoas se relaciona com o questionamento do jovem acerca da própria existência e do sentido da vida, além de voltar-se também para as questões de acabamento do processo de construção da identidade iniciado na infância.

divorciadas uma da outra, com maior predomínio das preocupações de cunho afetivo. Não é por acaso que o primeiro indício desse predomínio aparece na queda do rendimento escolar, fator que surpreende pais e educadores que não estão atentos para as evidências da adolescência. Certamente essa queda de rendimento é um fator passageiro, pois se deve à grande preocupação do jovem no sentido de descobrir quem é e qual seu valor para o mundo.



Figura 11.1: No período da adolescência, há um decréscimo no interesse pelos estudos.

Fonte: www.sxc.hu/photo/446665

Como são questões existenciais complexas, o jovem dedica-se com muito afinho, provavelmente deixando em segundo plano as informações que recebe sobre assuntos de vital importância, como gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Como a adolescente se vê diante de seu corpo de menina transformado em corpo de mulher, então crê que deve colocar em prática a realização do tornar-se mulher pela gravidez. Eis a consequência do crescimento dos seios e da menarca que atestam para a adolescente a prontidão ao exercício da reprodução.

Muitas vezes esse projeto assume a dianteira em relação a viagens, formação universitária e trabalho, entre outros. Queremos assinalar que uma orientação à adolescente, nesse momento, é muito

importante para ajudá-la no sentido de postergar essa realização, não só em função do acabamento biológico de seu corpo como também de sua maturidade emocional.

Com respeito ao jovem adolescente, vamos destacar a ideia de autossuficiência, bastante cultivada e presente nessa etapa da vida também nas adolescentes. O sentimento de autossuficiência tem consequências bem desagradáveis, que vão desde a exposição a situações de risco até a indiferença, o que pode resultar em uma gravidez indesejada. Muitas vezes, há uma grande minimização das consequências movida pela crença de que dificuldades só acontecem com os outros.

Além disso, há o chamado grande estirão, que significa o rápido crescimento da estrutura óssea, seguido da mudança do timbre de voz e da primeira ejaculação. Esse aparelhamento que aproxima fisicamente o adolescente do homem faz com que, ilusoriamente, ele se sinta potente e capaz de realizações que ultrapassem os limites preconizados socialmente, como são as atitudes de aventura. Nesse sentido, a paternidade na adolescência pode ter o sentido de ultrapassar um limite e demonstrar a transformação de jovem em homem.

Há um aspecto importante a assinalar com respeito aos adolescentes. No âmbito das questões relativas à sexualidade, observa-se uma grande tendência em separar os acontecimentos concernentes às práticas sexuais e os vínculos de afetividade, isto é, os aspectos genital e afetivo parecem caminhar dissociados um do outro. Mas, a que se deve tal dissociação? Para refletir sobre esse aspecto retomemos, mais uma vez, o que já aprendemos sobre o complexo de Édipo. Vimos que o menino fica dividido entre dois modelos de mulher: por um lado, espera ter uma mulher como a mãe e por outro, encontrar uma mulher com quem possa se satisfazer sexualmente, ou seja, uma mulher que seja fonte de excitação sexual.

A existência para o jovem dessas duas possibilidades de mulheres pode resultar na dissociação entre vida amorosa e vida genital. Daí a ligação a dois tipos de mulheres, aquela que é amada e aquela a serviço de seus desejos sexuais, como a conhecida figura da prostituta. Sendo assim, em muitas circunstâncias, a gravidez para o adolescente significa apenas a prova de uma prática sexual convincente, mas que necessariamente não inclui o vínculo amoroso. Diferentemente das jovens adolescentes, para quem no início da sexualidade não haveria a dissociação entre dois tipos de homens, estando unidos o vínculo amoroso e a vida sexual.

CRISE DE IDENTIDADE

A crise de identidade que acontece na adolescência deve ser entendida como o processo de reformulação de valores referidos à vida infantil no momento em que o jovem vislumbra o horizonte da vida adulta.

Podemos ainda refletir sobre essa questão considerando a possibilidade da chamada crise de identidade, quando acontece a passagem para a vida adulta. Por um lado, há a nostalgia da vida infantil e por outro, os atrativos para a vida adulta. Sendo assim, novos valores se descortinam e o jovem terá que elaborá-los. É o processo de elaboração que conhecemos como a **CRISE DE IDENTIDADE**, pois o jovem terá que repensar sua identidade construída na infância e formar a identidade com a qual ingressará na vida adulta.

A crise de identidade faz com que o jovem elabore suas próprias dúvidas, principalmente diante da crucial evidência: ora ainda se sente como criança e ora se sente como um adulto. Diante dessa dúvida, a gravidez na adolescência pode ser uma resposta de afirmação do jovem que quer sinalizar para o mundo sua condição de adulto. Mas existem alternativas para atravessar essa crise: é muito comum os jovens andarem em bandos como se o sentimento de pertencimento grupal servisse para amenizar a crise de identidade, proporcionando os sentimentos de proteção e de segurança, além da possibilidade, para o jovem, de deixar transparecer sua identidade até então oculta.



Julia Freeman-Woolpert

Figura 11.2: A crise de identidade é um fenômeno muito comum na adolescência.

Fonte: www.sxc.hu/photo/692910

Estamos, assim, apontando que, com a chegada na adolescência, o jovem permanece confuso, principalmente em função da crise de identidade. Tal confusão evidencia-se nos sentimentos, nas emoções e nas ações, pois sua atenção volta-se, quase na sua totalidade, para a construção da identidade para a vida adulta. Esse processo consome praticamente todo o tempo do jovem, e ele, por ser movido pela impaciência própria da adolescência, quer soluções imediatas, como pode ser a gravidez. Sem dúvida, são muitas as preocupações que pairam na mente do adolescente: encontra-se dedicado a elaborar a perda do corpo de criança, a perda dos pais da infância e a identidade infantil; deve construir uma identidade para ter acesso ao mundo adulto, tendo que produzir respostas para as indagações acerca de quem é e qual a utilidade que tem para o mundo e, enfim, demonstrar que já não é mais criança e que tem condições de assumir as responsabilidades da vida adulta.

Em certo sentido, o jovem atravessa na adolescência um período de reafirmação em que, muitas vezes, a gravidez é vista como a prova cabal de maturidade e conquista da própria identidade. Mas isso somente acontece quando não há a elaboração adequada das perdas relativas à infância.

A dificuldade de elaboração dessas perdas pode retardar o ingresso do jovem na vida adulta, não só com a manutenção da maneira infantil de ser, como também pela adesão a ações inadequadas que geram dificuldades no relacionamento social. A gravidez na adolescência pode ser uma dessas ações inadequadas.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Leia atentamente os depoimentos seguintes extraídos do *site*: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/roteiropedagogico/recursome-tod/1620_Gravidezprecoce.pdf

Depoimento 1

“É realmente difícil. Eu tenho que acordar à noite e levantar cedo para ir à escola. Minha mãe cuida do bebê durante o dia. Mas à noite tenho que fazer minhas lições de casa, alimentar, dar banho, pôr o bebê na cama e me preparar para o dia seguinte.”

Depoimento 2

“Fiquei grávida aos 14 anos e não tinha uma ideia sequer sobre o que fazer... Atualmente só se pensa em 2 ou 3 soluções para a gravidez na adolescência, no entanto a maioria esquece de uma outra: a adoção. Foi a melhor, ainda que a mais difícil decisão de minha vida. Eu vejo tudo o que estou fazendo agora e penso onde estaria se tivesse o bebê comigo. Eu não estava preparada para cuidar de um bebê. Isto só ocorreria alguns anos mais tarde... E a coisa mais importante para mim é que o meu bebê tem um pai e uma mãe que se amam.”

Depoimento 3

“Trocar fraldas, alimentar o bebê, dar banho e brincar com ele. Isto não é como se você pudesse somente dizer: O.K., estou cansado de ser pai, eu desisto. A criança ainda está aqui!”

Depoimento 4

“Minha amiga acaba de ser mãe. Ela não tem tempo para nada. Ela chega na escola parecendo cansada e para baixo. Ela tem que ir em casa alimentar o bebê. Claro, bebês são uma gracinha, mas eles dão muito trabalho. Sei que agora eu estou tomando muito mais cuidado quando faço sexo.”

Depoimento 5

“Eu não quero que alguém passe pelo que estou passando. Tinha 17 anos quando fiquei grávida. Quando tinha 13, ficava até 3 horas da manhã nas festas. Fazia sexo e pensava que nunca ficaria grávida. No mesmo dia em que meu namorado brigou comigo, eu descobri que estava grávida. Meu filho está se privando de uma série de coisas que teria se tivesse pai e mãe. A gente precisa de uma família. A gente precisa de estabilidade. Estaria só, não fosse meu bebê.”

Considere as mensagens transmitidas nesses depoimentos e responda:

- Qual depoimento apresenta uma causa para a gravidez na adolescência? Justifique sua resposta.
- Destaque dois depoimentos que apresentam consequências negativas da gravidez na adolescência e justifique.

O RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA

A notícia, para os pais, de que uma filha adolescente está grávida ou que um filho adolescente será pai, quase sempre não é bem-vinda. Não pelo fato de que os pais não tenham expectativa de que seus filhos lhes deem netos, mas obviamente por se encontrar



Figura 11.3: Mamã e papai: estou grávida.

trarem em idades bem jovens. Um filho, na adolescência, terá implicações em projetos fundamentais para a vida, como a conclusão dos estudos e o ingresso no mercado de trabalho.

A gravidez na adolescência representa, para os pais, uma certa frustração nos projetos que idealizaram para os filhos. Quase sempre é uma fonte de insatisfações e de conflitos, principalmente em função dos rearranjos que terão de ser feitos na estrutura da família, seja da jovem mãe, seja do jovem pai.

A primeira coisa que os pais se perguntam é se eles falharam na orientação de seus filhos, tentando buscar uma explicação para a situação; outra seria imaginar que se trata de negligência ou imperícia de seus filhos.

Qualquer que seja a explicação pensada, a situação requer ações concretas, visto que, muito brevemente, a família terá mais um componente. Então determinadas providências terão que ser tomadas. E é no planejamento de reestruturação do arranjo familiar que muitas situações difíceis aparecem.

Em primeiro lugar, há a questão de espaço físico em função da chegada da criança. Em segundo lugar, medidas terão de ser tomadas em relação aos estudos da jovem mãe e do jovem pai, além, evidentemente, do planejamento de condições materiais para o sustento e cuidados da criança. Há ainda um fator de cunho emocional, pois a chegada de um neto tem repercussões na estrutura familiar, pois a jovem adolescente, que era apenas filha, doravante será também mãe e isso implica uma

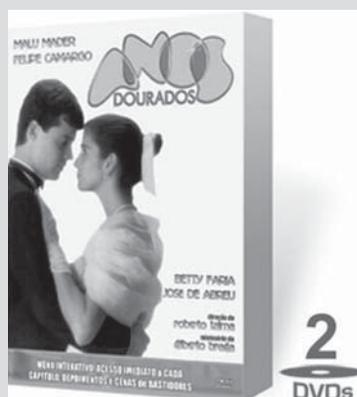
elaboração do papel de filha junto a seus pais. De igual maneira, o jovem adolescente, que era somente filho, será também pai. Não queremos dizer com isso que a elaboração dos papéis referidos à maternidade e à paternidade teriam lugar somente na gravidez na adolescência. Certamente para uma mulher ou um homem a condição de procriação põe em xeque o papel de filha e de filho, que deverão ser elaborados em função das novas exigências devidas aos exercícios das funções materna e paterna.

Quando acontece a gravidez na adolescência, é muito frequente a jovem permanecer na casa de seus pais, travando-se uma relação nada fácil com a mãe, apesar de recorrer constantemente a ela como acontece em outros períodos da vida em que a mulher engravida. O que significa, então, essa proximidade? Poderíamos dizer que quando a mulher grávida aproxima-se de sua mãe está, na verdade, buscando apoio e principalmente segurança, pois estaria ao lado de quem já passou por uma experiência dessa natureza e por isso traz um saber acumulado.

A notícia da gravidez na adolescência é um grande impacto para os pais, que reagem de forma bem diferente. Geralmente a primeira pessoa a aceitar a situação é a mãe. Porém, nem sempre é assim. Existem situações em que a mãe da jovem grávida reage de forma intempestiva, encorajando e forçando a filha à situação de aborto como a única alternativa viável. Às vezes, o aborto acontece sem que ninguém tome conhecimento, pois a mãe decide e acompanha a filha.



A minissérie produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão *Anos Dourados*, exibida no ano de 1986, apresenta a situação da mãe de uma adolescente dominada por valores morais que, ao saber que sua filha está grávida, planeja, contra a vontade da jovem, o aborto em uma clínica clandestina, que não acontece devido à interferência do jovem que seria o pai da criança. Esta minissérie está disponível em DVD.



Fonte: http://www.globomarcas.com.br/images/400/246865_1_400.jpg

O depoimento de uma adolescente sobre o assunto, em um setor de orientação familiar, é bastante elucidativo: “Quando dei a notícia para meus pais, na hora do jantar, e fiz questão de falar com os dois ao mesmo tempo, minha mãe chorou um pouco, ficou chateada, mas disse que nada tinha a fazer. Parece que ela aceitou. Pior foi meu pai, que se levantou da mesa, não disse uma palavra e ficou mais de um mês sem falar comigo. Foi muito ruim porque eu era muito ligada ao meu pai. Mesmo sendo muito distante e só preocupado com as coisas dele, era ele quem me socorria das agressões da minha mãe, que sempre perdia a cabeça comigo.”

Como vemos nessa passagem, o relacionamento familiar não ficou ruim com a notícia da gravidez, pois já era envolto em instabilidade na relação entre mãe e filha. A gravidez parece ter causado uma piora nesse relacionamento familiar que já era difícil. Porém, pode acontecer a situação inversa: a gravidez na adolescente pode ser o momento de aproximação e diálogo entre pais e filhos, principalmente quando os pais tentam encontrar uma linha de equilíbrio para a situação que se aproxima com a chegada de uma criança. Também é um momento em que pais elaboram questões relativas à sexualidade de seus filhos, como no caso da jovem, a perda da virgindade. No âmbito de nossas tradições culturais, disseminou-se a ideia de que a perda da virgindade não deve acontecer tão precocemente. Isso quer dizer que os pais esperam que seus filhos mantenham-se virgens até uma certa idade.

No âmbito das tradições judaico-cristãs, a perda da virgindade somente deveria ocorrer com o casamento, pois o valor da mulher estava condicionado à manutenção da virgindade. Em algumas culturas orientais, ainda existe o costume de devolução da jovem após o casamento, caso fique comprovado a não virgindade. Mesmo no Brasil, até bem pouco tempo, a constatação pelo marido de que a sua esposa não era mais virgem poderia resultar na anulação do casamento. Tudo indica que a virgindade era cultuada como o valor de pureza da mulher.

Façamos, então, uma reflexão sobre a questão que concerne à sexualidade dos jovens: o tabu da virgindade e a gravidez na adolescência. A princípio, no mundo contemporâneo, a geração dos jovens tem acesso

a um grande número de informações sobre o sexo e gravidez. Em segundo lugar, há também a liberdade e precocidade na iniciação da vida sexual também para as mulheres, visto que até bem pouco tempo, os jovens, por volta dos quinze anos, tinham que dar provas de sua masculinidade frequentando bordéis ou mesmo começando seus jogos sexuais com as empregadas domésticas. Não são poucos os casos relatados de filhos dos senhores com as escravas e dos filhos dos patrões com as empregadas. Quem não se lembra da história de Machado de Assis, que se encontra inserida em uma dessas circunstâncias!

Mesmo com a liberdade sexual e com as informações de que os jovens dispõem, é preciso a orientação dos pais tanto para a jovem quanto para o jovem. É interessante considerar uma constatação importante: os jovens do mundo atual são filhos de uma geração que lutou, nas últimas décadas do século XX, pela liberdade sexual. Esses pais que lutaram por essa liberdade vivem diante de um dilema: permitir a seus filhos um tipo de vida sexual que eles não tiveram. Isso pode ser uma fonte de preocupação dos pais com seus filhos e, conseqüentemente, os pais podem se sentir muito confusos diante da situação de uma gravidez precoce envolvendo seus filhos, cobrando a si mesmo por acreditar que não os orientaram adequadamente. É claro que esses pais têm uma clareza em relação à distinção entre relacionamento amoroso e as questões relacionadas à gravidez. Para esses pais, relacionamento amoroso nem sempre quer dizer que o resultado seja a procriação.

Aprofundemos mais um pouco sobre as questões relativas ao relacionamento amoroso. No que tange ao relacionamento amoroso, para os adolescentes de ambos os sexos, algumas características são marcantes, como o respeito mútuo, a confiança incondicional, a liberdade e a responsabilidade pela relação. Temos nessas características a expressão de uma definição de relacionamento que remonta praticamente às regras do casamento. Quer dizer, os conteúdos são expressos em termos de uma construção a partir de uma vivência compartilhada em que se mesclam amor, amizade, sinceridade e fidelidade. Contudo, para a condição de uma gravidez na adolescência, essas questões não são tão claras, pois enquanto que para a adolescente a gravidez pode significar a confirmação de um vínculo amoroso, para o jovem tem-se apenas uma prova de sua virilidade.

Articulando informações sobre relacionamento amoroso com as questões relativas à sexualidade, vemos que, na atualidade, a família aborda os assuntos relacionados ao relacionamento amoroso com muito mais facilidade do que quando a temática em questão é a sexualidade. Ainda persiste em algumas famílias uma certa dificuldade na abordagem de temas relacionados às práticas sexuais de forma aberta e com clareza. Ainda faz parte da mentalidade de algumas famílias que o pai deve ter uma conversa séria com o filho, e a mãe deve se ocupar de orientar a filha. Essa postura é o reflexo do constrangimento calcado em valores morais de que as mulheres não saberiam orientar seus filhos homens ou que os homens não saberiam orientar as filhas ou, ainda, que os pais em conjunto conversem com seus filhos sobre questões como relacionamento amoroso e sexualidade.

Os diálogos entre pais e filhos, quando acontecem, geralmente são focados em torno de questões de cunho reprodutivo, ficando de fora assuntos ligados ao prazer e à satisfação sexual. Há nisso um descompasso, pois enquanto o jovem está interessado em romances, aventuras, paixão e amor, a família e, muitas vezes, a escola abordam a temática da sexualidade apenas sob o ângulo da procriação.

O ideal seria que tanto a família quanto a escola abordassem a questão da sexualidade com naturalidade, desde a infância, e não esperassem a chegada da puberdade para tratar do assunto. Mas seria também ideal que os pais esperassem que os filhos demonstrassem a curiosidade necessária sobre o assunto para não parecer uma imposição ou mesmo uma invasão. Cabe lembrar que nem sempre essa curiosidade é expressa diretamente. Porém, os pais podem utilizar recursos, como as informações que são divulgadas pela mídia, de modo a trazer a questão para discussão no âmbito da família. Seria uma boa estratégia, que teria a finalidade de preservar a intimidade do adolescente.

Quanto às informações que são veiculadas pela família e pela escola, temos uma consideração a fazer: há uma grande diferença entre receber informações e saber colocá-las em prática. Muitas vezes, os jovens recebem informações, mas não sabem como agir ou agem de maneira tal como se não as conhecessem. Quando isso acontece, podemos pensar que tais informações não atingiram a sua finalidade. Há também o fato de que os jovens podem não valorizar as informações recebidas, em função do sentimento de onipotência, que, na adolescência, assume a dianteira em relação à razão.

Na adolescência, em função do processo de construção da identidade, a ideia de poder tem, quase sempre, o significado de ser a senha de ingresso no mundo adulto. Nesse sentido, a maternidade pode representar um acontecimento repleto de poder, ou seja, seria a aquisição do *status* social que indicaria o ingresso na vida adulta. Essa possibilidade pode ser a causa da gravidez na adolescência: a jovem alimentaria a ilusão de que sendo mãe encontraria liberdade e independência, pois a gravidez é vista como o momento em que se deixa para trás a adolescência.

Ora, sabemos que o mundo adulto é algo bastante tentador para o jovem, que, muitas vezes impaciente e de forma inconsciente, planeja situações para queimar etapas. Ao mesmo tempo em que é tentador, o mundo adulto apresenta-se também como um grande desafio, uma vez que é esperada a produção de soluções para as situações de angústia e incerteza próprias da adolescência. Isso quer dizer que o jovem idealiza que, quando atingir a vida adulta, muitas preocupações desaparecerão. Por isso, a gravidez na adolescência pode ser uma situação que, aparentemente, solucionaria muitas das dificuldades da adolescência. Obviamente as angústias e incertezas próprias da adolescência não se resolvem dessa maneira, pois antes de ter um filho é preciso que o jovem construa um projeto de vida, ou seja, aquilo que começa com um sonho de dois jovens deve se transformar em um projeto de vida a dois. Muitas vezes em situações de gravidez na adolescência, esse sonho transforma-se em um grande pesadelo, seja pela saída de cena do pai, ou mesmo pela não aceitação da paternidade, o que desencadeia medidas judiciais, entre outras.

Qualquer motivo apontado para explicar a gravidez na adolescência não deve descartar o entendimento das informações recebidas, bem como a capacidade de discernimento dos jovens. Quantas vezes já se ouvir falar de jovens que informam, nos postos de saúde, que tomam pílulas apenas nos dias em que têm relações sexuais.

O que parece engraçado pode ser, no mínimo, trágico, pois são adolescentes que, apesar de receberem informação, não têm discernimento de como pô-las em prática. Somado a isso, encontramos nos adolescentes o preconceito quanto ao uso de preservativos, pois muitos acreditam que os cuidados devem ser apenas da mulher. Um outro fator que se alia à desinformação é a vivência de solidão dos jovens, seja pela ausência de diálogo com a família, seja pela dificuldade de encontrar

PROMISCUIDADE

Define-se como o relacionamento sexual do homem ou da mulher não monogâmico, quer dizer, relacionamento com diversos parceiros diferentes. Seria um tipo de relacionamento sexual que não segue determinadas regras ou leis, popularmente conhecido como “galinhagem”. As relações sexuais promíscuas tanto pode ser a fonte de contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, quanto de gravidez indesejada, caso não sejam tomadas as devidas precauções. Vale salientar que a questão problemática não é o relacionamento não monogâmico em si mesmo, e sim a falta de cuidados.

alguém para desabafar. Esses e outros fatores parecem estar contribuindo de forma bastante positiva na crescente onda de gravidez não planejada na adolescência.

Há que se considerar um aspecto bastante importante no âmbito da sexualidade: a iniciação da sexualidade não quer dizer que a jovem ou o jovem devam manter relações promíscuas, como a mídia retrata situações de jovens que não sabem computar o número de parceiros ou parceiras com que mantiveram relações sexuais. A **PROMISCUIDADE** é uma aventura bastante perigosa.

Poderíamos também acrescentar mais um motivo na enumeração dos motivos que podem explicar a gravidez na adolescência. Para alguns jovens, ser mãe ou ser pai pode significar a compensação por alguma perda sofrida na vida, além do significado relativo a querer crescer e tornar-se independente dos pais. Pode ser mesmo uma reação impensada do jovem aos seus pais, quer dizer, a possibilidade de ser mãe ou de ser pai é vista como a senha para saída de casa e, obviamente, fuga da autoridade familiar.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Leia atentamente o seguinte trecho extraído do livro *Adolescências construídas*, organizado por Sergio Ozella.

Considerando a problemática da gravidez na adolescência, foi organizado um trabalho de orientação de gestantes adolescentes no Serviço de Pesquisas Clínicas e Epidemiológicas da Divisão de Psicologia e na Divisão de Clínica Obstétrica da FMUSP. A partir do trabalho de intervenção, constatou-se uma série de mudanças das jovens mães.

No relacionamento familiar, houve uma maior aproximação da jovem com sua mãe e um distanciamento de seu pai, além de conflitos com o restante da família pela aceitação da gravidez.

REAÇÕES DOS ADOLESCENTES À GRAVIDEZ

Muitas são as preocupações que rondam as cabeças dos jovens diante da constatação de que, em pouco tempo, terão à sua frente o exercício da maternidade ou da paternidade. Em primeiro lugar, conhecem o fato de que com a gravidez as rotinas diárias serão mudadas, pelo menos, para a futura mãe, que terá de se preocupar com a alimentação, além dos preparativos necessários à chegada da criança. Em segundo lugar, as futuras jovens mães ocupam boa parte do seu tempo imaginando quais cuidados serão necessários para o recém-nascido.

Existem muitas expectativas na jovem grávida em relação à experiência de ser mãe e também quanto à responsabilidade de educar. Sem dúvida, a vida da futura mãe passará por mudanças significativas, embora a vida do jovem pai, quando há conscientização, também mudará. Isso quer dizer que para ambos há uma certa dose de ansiedade no que diz respeito à chegada de uma criança, pois deverão projetar um futuro que inclua uma criança ao lado dos projetos de formação profissional, viagens e outras tantas situações que povoam o imaginário dos jovens.

As expectativas quanto aos papéis de mãe e pai vão da preocupação relativa aos métodos de cuidados maternos (alimentar, dar banho, botar para dormir, entre outros) até a preocupação sobre a saúde física e psíquica da criança. É muito comum a mãe indagar a si mesma se seu filho será normal, se terá visão, audição, e se andar e será bem-sucedido na vida.

Cabe salientar que, como a adolescência é um processo de transição marcado por significativas transformações e como a gravidez também requer mudanças, o adolescente tem que lidar com as alterações próprias de sua idade e as que são exigidas em função da gravidez. Por isso, é muito comum diante da situação de gravidez, a jovem, muito mais que o jovem, defrontar-se com uma situação de certo desequilíbrio, pois, tendo que refletir sobre as questões da adolescência, tem também que se ocupar das questões relativas à maternidade. Da mesma forma, o jovem tem de se ocupar com as questões da paternidade.

Desse modo, podemos concluir que a gravidez na adolescência acontece em uma fase da vida na qual a jovem e o jovem podem ainda não estar preparados para tal encargo, principalmente em termos emocionais. Quer dizer, falta uma certa maturidade psicológica para o entendimento das rápidas mudanças corpóreas, bem como acerca de si mesmo. Como houve uma rápida transformação no corpo, com a

saída da infância, ou seja, com o abandono do corpo infantil, é preciso um tempo para elaborar tais mudanças e se a gravidez acontecer nesse momento pode atrapalhar esse processo de elaboração. Pode acontecer também de o jovem e a jovem tornarem-se indiferentes à gravidez por estarem bastante absorvidos com as transformações da puberdade. A mudança do corpo da menina, transformado em corpo de mulher, não quer dizer que a jovem tenha definitivamente soterrado as lembranças de suas brincadeiras da infância. É comum muitas mães jovens tratarem seus filhos da mesma forma que tratavam suas bonecas. Isso reflete a falta de maturidade emocional para o exercício da maternidade. Algo semelhante acontece com o jovem, que deverá se conscientizar que a situação é bem diferente das brincadeiras nas quais exercia o papel de pai.

Em certo sentido, a gravidez, processo natural na vida da mulher, quando acontece na adolescência, pode significar um amadurecimento prematuro para a idade, impedindo os jovens de viverem as situações próprias dessa etapa do desenvolvimento psicológico. Muitas vezes, a gravidez na adolescência implica, para os jovens, a renúncia de uma liberdade adquirida ao deixar para trás o capítulo da vida relativo à infância. Essa renúncia deve-se às responsabilidades que deverão ser assumidas em função da criança, e o exercício dessa responsabilidade representa uma certa restrição da liberdade, pelo menos por um período de tempo para a jovem. Quer dizer, a jovem mãe e o jovem pai terão de assimilar tanto as mudanças corporais quanto psicológicas, principalmente diante da constatação de que não há como voltar atrás e que o filho é para a vida toda.

Quanto à não aceitação do jovem ante a condição de paternidade, o que o leva, muitas vezes, a abandonar a adolescente, podemos indicar duas possibilidades: a) a incompreensão das questões relativas à gestação e b) as dificuldades relativas ao exercício da paternidade. Na grande maioria das situações de gravidez na adolescência, o parceiro desaparece, não ajudando a jovem mãe nas tarefas destinadas à criança. Isso representa, para a jovem mãe, uma certa desproteção, mesmo que tenha todo o apoio familiar. De certo modo, a saída de cena do jovem pai é sentida pela jovem mãe como uma grande decepção com relação ao projeto de uma vida a dois. Certamente, cai por terra a esperança de ter sentimentos compartilhados. É por isso que em muitas circunstâncias o sonho de aventura idealizado pelos jovens de terem uma vida a dois pode transformar-se num grande pesadelo.

Para finalizar, cabe salientar que tanto a jovem quanto o jovem, por não terem ainda elaborado as questões próprias da adolescência, não terão maturidade suficiente para impor limites para a criança, mesmo porque ainda estão na fase de demarcação de seus próprios.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 3

3. Considere as conclusões apresentadas a seguir, para refletir sobre as reações dos próprios adolescentes à gravidez neste período:

- A gravidez na adolescência, nos dias atuais, tem sido objeto de inúmeras preocupações dos órgãos governamentais ligados aos programas de saúde coletiva.
- Até a segunda metade do século XX, era muito comum, nos países cuja tradição cristã era predominante, a gravidez na adolescência, uma vez que a menarca indicava, para a sociedade, que a jovem deveria se casar e, conseqüentemente, ingressar no universo da procriação.
- Com o avançado progresso científico e tecnológico, com reflexões diretas no âmbito da saúde, bem como a crescente complexidade do mercado de trabalho, aliado às revoluções visando à liberdade sexual, a gravidez na adolescência passou a ser considerada como um fator de risco, pois compromete, de forma significativa, a inserção social do adolescente, bem como a qualidade de vida da futura criança.
- A gravidez na adolescência, em certo sentido, reforça a dependência econômica e emocional dos jovens aos pais, pois o jovem ainda está em vias de elaborar as transformações devido à saída da infância.
- Em certas situações, a gravidez na adolescência pode representar a ruptura de um relacionamento amoroso, principalmente da parte do jovem pai.
- É preciso uma orientação aos jovens que se encontram em situações de serem mãe e pai para um redirecionamento na vida, face às mudanças que terão de ocorrer.

a. Destaque, nessas passagens, dois pontos de mudanças. Apresente justificativas para cada um.

b. Por que a gravidez na adolescência pode ser um complicador na vida dos jovens?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. Na passagem b, há a indicação de uma mudança de tradição: a jovem deveria casar e procriar tão logo ingressasse na puberdade, pois havia, no contexto social, uma certa restrição às mulheres que não casavam cedo. As mulheres que permaneciam solteiras depois de uma certa idade eram motivo de críticas negativas. A passagem d aborda um tipo de mudança relativo ao ingresso na adolescência em função da aceitação do novo corpo e a conscientização das responsabilidades e do preparo para a vida adulta.

b. A gravidez na adolescência pode dificultar a inserção do jovem no mercado de trabalho em razão dos projetos relativos à vinda da criança. Além disso, o fato de o adolescente encontrar-se envolvido na resolução dos conflitos próprios de sua idade pode dificultá-lo a dispor de condições para encarar, nesse momento de vida, a maternidade e a paternidade.

CONCLUSÃO

A gravidez na adolescência na atualidade é um fator de risco para a vida dos jovens, seja pela falta de maturidade emocional, seja pela falta de condições materiais que os jovens ainda estão em vias de se especializarem para produzi-las. Mas, quando acontecer, o apoio da família é importante para ajudar os jovens na passagem da adolescência à vida adulta, que se dá de maneira forçada, ou seja, a situação impõe aos jovens condições como cuidar do filho, adiar os estudos e projetos, entre outras, diante das quais não terão quaisquer alternativas a não ser atendê-las.

A ajuda e a orientação da família são importantes para auxiliar a jovem ou o jovem no momento em que se encontram em uma etapa do desenvolvimento psicológico bastante conturbada e obviamente uma gravidez pode acentuar o estado de conturbação. Tal ajuda deve acontecer principalmente pelo fato de que os jovens apresentam dificuldades em assimilar informações sobre o assunto ou colocá-las em prática. Muitas vezes, os jovens dispõem de informações valiosas sobre prevenção, mas demonstram não saber como utilizá-las em benefício próprio, mesmo considerando todo o conjunto de informações que é divulgado pelas campanhas educativas.

As informações sobre o processo de reprodução não devem ser confundidas com as informações sobre a sexualidade, e é nisso que muitas campanhas falham, seja nos conteúdos escolares da disciplina Programas de Saúde, seja nas campanhas veiculadas pela mídia, cujo acento recai na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

A gravidez na adolescência tem consequências marcantes na vida dos jovens, pois terão de reavaliar os projetos relativos à vida adulta. Além disso, tal situação pode desfazer o sonho de uma vida a dois, pois, muitas vezes, o jovem pai não aceita mudar significativamente sua vida para exercer a paternidade. É importante considerar que é em uma situação como essa, a gravidez na adolescência, que são evidenciados os meios pelos quais os jovens lidam com o projeto de uma vida a dois, bem como as expectativas que alimentam para o futuro.

Para muitas jovens, a gravidez na adolescência é o momento de grandes transformações, não apenas físicas, mas no modo de pensar e de sentir a vida. Mudam as relações familiares, as relações com os amigos e também a relação com o parceiro.

Finalizando, podemos afirmar que a gravidez na adolescência pode ser vislumbrada pelos jovens como a chegada antecipada da vida adulta, em termos de liberdade e independência. Pode ser também a resposta à expectativa de reafirmação e de reconhecimento no contexto das relações sociais. Nessas circunstâncias, os jovens estariam tentando demonstrar uma maturidade que ainda não possuem ou mesmo chamar atenção de seus pais. Quase sempre a gravidez na adolescência não se deve à falta de informação, mas à imperícia dos jovens na travessia da etapa de transição em que se encontram.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

Para a realização dessas atividades, nos reportaremos ao filme *Juno*, de 2007, dirigido por Jason Reitman e escrito por Diablo Cody. O filme ganhou o Oscar de melhor roteiro original. A história é retratada mediante um enredo bastante sarcástico, abordando de maneira peculiar a questão da gravidez na adolescência. Foi um sucesso de bilheria e galgou muitos prêmios.

A situação retratada pelo filme é de uma jovem adolescente, de 16 anos, que engravida de seu colega de classe também adolescente. Inicialmente a jovem pensa em abortar, e conta com a aprovação de seu companheiro, porém desiste dessa ideia. Com a ajuda e compreensão de seu pai, de sua madastra e de uma melhor amiga, a jovem adolescente se encarrega de encontrar o casal ideal para criar seu filho. Nesse percurso, encara situações bem delicadas, pouco comuns para uma jovem de sua idade.

A seguir, apresentaremos algumas conclusões relacionadas à gravidez na adolescência:

- Um percentual significativo de jovens, entre 15 e 19 anos, que deveriam estar concluindo o ensino médio estão ocupados nos cuidados e educação de uma criança. A situação é mais grave para as jovens mães, pois em vez de cadernos e livros ocupam-se de trocar fraldas, amamentação e preparo de mamadeiras.
- A maioria das mães adolescentes acaba desistindo da escola, como também os pais, principalmente os oriundos das classes sociais mais desfavorecidas. Informam que engravidaram por descuido ou porque o parceiro não quis usar preservativos.
- Segundo as estatísticas do Ministério da Educação, um terço das jovens nessa faixa etária que estão fora da escola já é mãe. É comum a gravidez ser vista com a liberdade do controle da família, principalmente dos pais.
- Um projeto do Hospital Universitário de Brasília oferece, desde 1999, acompanhamento especial às jovens mães. A coordenadora do programa, professora Marilúcia Picanço, argumenta que as jovens abandonam a escola por causa da vergonha e do cansaço.



Fonte: <http://mrcavalcanti.files.wordpress.com/2008/07/juno-poster05.jpg>

RESUMO

A gravidez na adolescência resulta de vários fatores. Na jovem pode ser vista como a possibilidade de realização da condição relacionada ao ser mulher. No jovem pode ser o ponto de afirmação de condição viril. É uma precocidade, pois os jovens terão que se encarregar de tarefas que fazem parte da vida adulta, como cuidar de uma criança, seja emocionalmente, seja em termos de condições materiais. Como a adolescência é um momento de escolha de uma profissão, então o jovem encontra-se ainda a meio caminho no sentido da produção de condições materiais para si próprio e para a educação de uma criança. Quer dizer, o jovem adolescente ainda depende economicamente de seus pais e emocionalmente também. Por isso, a gravidez na adolescência pode adiar ou mesmo impedir a realização de determinados projetos de vida, além de ser um fator de risco à saúde da mulher que, apesar da prontidão para a procriação, pode ainda não estar fisicamente e emocionalmente preparada.

Drogas, toxicomania e o falso paraíso

Francisco Ramos de Farias

AULA

12

Meta da aula

Apresentar os diferentes tipos de drogas e seus efeitos, bem como a relação entre drogas e adolescência.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. explicar historicamente a questão do consumo de drogas;
2. identificar as principais causas do uso de drogas;
3. reconhecer os diferentes tipos de drogas lícitas e ilícitas;
4. analisar as consequências do consumo de drogas na adolescência.

INTRODUÇÃO

A adolescência, conforme vimos, é uma etapa da vida afeita ao desafio, às aventuras e às tentativas de ultrapassar limites. Como característica desse momento de transição, encontramos a tendência à transgressão e em pôr à prova os limites socialmente estabelecidos. Além do mais, é próprio do adolescente a intolerância à espera, à frustração e, por decorrência, quaisquer determinações que signifiquem esperar um tempo para realizar determinados projetos. Em geral, todos os adolescentes passam por esses momentos, em grau maior ou menor, quer dizer, esses traços são característicos da adolescência, porém não são exclusivos dessa etapa do desenvolvimento psicológico. O que se sabe é que esses traços se mostram bem acentuados na adolescência.

Os adolescentes, por viverem significativas transformações corporais e psíquicas, atravessam diferentes tipos de preocupações que, dependendo das circunstâncias, podem se transformar em sofrimento. Devido a isso, constituem uma população de risco em relação ao consumo de substâncias químicas.

Sendo assim, não é de se estranhar que o consumo de drogas tenha um sentido especial na adolescência, principalmente, as ilícitas. (Abordaremos adiante a distinção entre drogas lícitas ou legais e ilícitas ou ilegais.) Em geral, os adolescentes consomem, em grande intensidade, as drogas lícitas, como o fumo e o álcool.

As drogas existiram ao longo da história em quase todas as culturas. O homem, para buscar o prazer ou para atenuar o sofrimento físico ou psíquico, não hesitava, e nem hesita, em recorrer a substâncias que provoquem um estado artificial de bem-estar. Assim foi e assim tem sido. É importante ter clareza sobre essa questão para que não se adote uma postura negativa na análise do problema nem uma postura de cunho moral para correr o risco do afastamento de uma visão racional.

O consumo de substâncias psicoativas (nicotina e álcool) na adolescência vem a ser o maior problema do mundo contemporâneo, com sérios agravantes. Em primeiro lugar, os jovens que consomem essas substâncias sequer têm noção dos danos que elas causam, ou seja, os jovens não percebem o consumo dessas drogas como um verdadeiro problema. Em segundo lugar, a própria sociedade parece estar “cega” para esse fato, especialmente em razão de se tratar de drogas legalizadas. Em terceiro lugar, o consumo dessas substâncias tem para os jovens a função de significar um acesso ao mundo do adulto: o uso de drogas simboliza, para os jovens, o estado adulto. Esse é um fator que muito contribui para o consumo. Ao lado das

drogas legais, há também o consumo das drogas ilegais, que apresentam sérios problemas, que começam com os mecanismos de aquisição, pois estão articulados ao narcotráfico.

Tanto as drogas legais quanto as ilegais produzem efeitos consideráveis para a saúde e bem-estar social, sendo este um dos mais difíceis problemas, que não é facilmente contornado na adolescência. São essas questões, entre outras, que abordaremos nessa aula. Mas é preciso que, para nossa reflexão, tenhamos em mente que as primeiras experiências com drogas acontecem na puberdade, visto que esse momento da vida é propenso à disposição para enfrentar riscos e desafios.

UM BREVE HISTÓRICO DAS DROGAS



Fonte: http://www.eunanet.net/beth/revistazap/topicos/imagens/adolescentes_drogas.jpg

se tratando desses últimos, as substâncias alucinógenas eram utilizadas em rituais religiosos ou, ainda, em atividades de lazer. Porém, nessas culturas, não se encontra o fenômeno da **ADIÇÃO**.

Nas antigas sociedades, nos rituais, as drogas eram utilizadas como uma forma de o homem obter contato com entidades divinas.

Quanto a isso, temos de assinalar uma particularidade: a sociedade de consumo dos dias atuais é altamente produtora e estimuladora de soluções pela adição como alternativas para a busca da felicidade.

A difusão das drogas ilícitas no mundo civilizado moderno começa timidamente no final do século XIX, com a descoberta da cocaína e de seu uso para fins medicinais. Até a primeira década do século XX, as

O consumo de substâncias psicotrópicas (drogas lícitas e ilícitas) data de diferentes épocas da história da humanidade e tem lugar em contextos culturais distintos. Encontramos referência sobre o uso de **DROGAS** em passagens relatadas desde a Antiguidade, tanto no universo dos povos civilizados quanto dos primitivos. Em

DROGAS

A palavra “droga” deriva-se do holandês *droog*, cujo significado é folha seca. Define-se por droga qualquer substância, legal ou ilegal, natural ou produzida sinteticamente que, uma vez introduzida no organismo, provoque alterações consideráveis e visíveis no seu funcionamento.

ADIÇÃO

É definida como a tendência não controlável para a realização de uma ação, geralmente dirigida a um objeto, no caso a droga. Pela adição, o sujeito sente-se impedido para tal objeto, acreditando que não dispõe de forças para evitar a aproximação com o mesmo.

drogas descobertas encontravam-se disponíveis em farmácias e, tanto em países da Europa quanto na América do Norte, poderiam ser adquiridas pelo correio. As drogas eram anunciadas de forma livre pelos meios de propaganda, que destacavam o efeito benéfico dessas substâncias.

O cenário muda depois da década de 1920, quando o mundo conheceu as primeiras proibições quanto a venda e consumo de drogas que, nos Estados Unidos, figurou com a Lei Seca, que estabeleceu os limites de consumo de substâncias químicas, em especial a nicotina e o álcool.

O aumento progressivo das descobertas de drogas, ao mesmo tempo em que se mostrou como uma solução para algumas modalidades de sofrimento humano, converteu-se também em uma grande preocupação, até alcançar, no final do século XX, o estatuto de um grande problema. Um dado interessante a ser analisado é a relação entre o consumo de drogas e a criminalidade, especialmente na modalidade de violência.

As práticas de repressão ao narcotráfico, bem como o controle do consumo de substâncias químicas, têm, no mínimo, uma história interessante e paradoxal. Como sabemos, as potências imperialistas do mundo ocidental não se pouparam em utilizar, desde o século XVII, a força de armamentos pesados e o ópio para submeter a Indochina aos seus interesses. O ópio era comercializado livremente, pois possibilitava lucros fabulosos aos mercadores ocidentais, principalmente os norte-americanos e ingleses. Com a invasão pela Inglaterra, no final do século XIX, aconteceu, por força do domínio dessa potência ocidental, a abertura do mercado para o comércio da droga.

É interessante lembrar que, em cerca de dois anos, a China importou mais de duzentas toneladas de ópio e aproximadamente mais de treze milhões de chineses consumiam a droga. Apenas no final da primeira década do século XX é que a China conseguiu abolir o tráfico do ópio, sendo por isso a primeira nação do mundo que venceu o flagelo da adição de drogas.

Somente nas três últimas décadas do século XX, o fenômeno do consumo de drogas passou a ocupar um lugar de destaque na literatura médico-jurídica. Em princípio, temos nisso a consequência da utilização indiscriminada e fora de contextos rituais, ligada à criminalidade, além do consumo ser pautado no excesso. Até então era um fenômeno marginal, sem estar diretamente vinculado a interesses econômicos. É com a conotação de um fenômeno marginal que a droga surgiu no contexto social.

Na década de 1970, datamos a circulação do termo “toxicômano”, embora o fenômeno tenha ganhado força e difusão somente nas duas últimas décadas do século XX. Nesse período e até a atualidade, constatou-se a difusão no uso de drogas entre as classes de poder aquisitivo baixo, o que não se verificava até os anos 1970, pois o uso de determinadas drogas restringia-se apenas a um segmento social de poder econômico elevado.

A ADOLESCÊNCIA E AS DROGAS: PRINCIPAIS CAUSAS DO CONSUMO

Os adolescentes representam o grupo que mais frequentemente se envolve com o consumo de substâncias químicas, principalmente pelo fato de ser uma coisa nova no seu universo. Os jovens apresentam uma inclinação para experimentar novidades. Considerando as estatísticas da Organização Mundial de Saúde, constata-se que a maior incidência do consumo de drogas acontece na faixa de 14 a 20 anos, porém alguns jovens iniciam mais cedo o uso de



Fonte: <http://www.textosedro.kit.net/drogas.gif>

drogas. Por que há a incidência bastante significativa do consumo de drogas na adolescência?

Em princípio, temos que destacar que a adolescência é a etapa da vida movida por certos tipos de pensamentos. Além da propensão para a aventura, o adolescente é habitado por ideias onipotentes de que, mesmo consumindo drogas, com ele nada do que é divulgado pela mídia irá acontecer. E ele ainda cultiva a crença de que pode largar a droga na hora que bem quiser, ideia bastante ilusória.

Temos também um outro fator a considerar: o contexto da cultura contemporânea, que tem como característica fundamental a busca de realização, de bem-estar imediato, a busca, por quaisquer meios, da manutenção da juventude, a exigência de ter um corpo que circule no mercado como objeto desejável e valorizado. Obviamente, dentre as várias formas de alcançar as metas preconizadas pelas exigências do mundo atual, principalmente a satisfação imediata, encontram-se as drogas lícitas e ilícitas.

Cabe aqui uma advertência: nada há de errado no fato de o homem de nossos dias querer alcançar esses estados. O que causa preocupação concerne aos métodos de obtenção rápida que, muitas vezes, incluem vários riscos de vida e que causam danos irreparáveis. Há um aspecto interessante a esse respeito. Muitas vezes, os valores que circulam no meio social não são da própria pessoa, mas do grupo em que ela está inserida. Daí ser muito difícil a pessoa ser diferente das pessoas daquele grupo. Isso tem um peso significativo na adolescência, pois a identificação com o grupo é um movimento bem frequente. Como sabemos, a adolescência é a época das turmas e das gangues. Por isso, ser diferente pode significar, para o adolescente, o isolamento ou a solidão.

Como vimos em aulas anteriores, podemos entender que a adolescência é a etapa do desenvolvimento psicológico caracterizada por ser uma fase de transição, marcada pela vulnerabilidade e incerteza. Por isso, a adolescência é o momento bastante suscetível ao consumo de drogas, principalmente se a droga é vista como um tipo de iniciação ou de passagem para a vida adulta. Entretanto, existem aspectos específicos da adolescência que podem tornar o jovem suscetível ao consumo intenso de drogas, pelo fato também de se caracterizar como uma aventura de experimentação. Porém, não se trata de características da adolescência que estejam diretamente relacionadas ao uso de drogas, e sim de conflitos e experiências emocionais que se tornam mais intensos nesse momento da vida. Assim, podemos assinalar que certas circunstâncias próprias do desenvolvimento psicológico são em si complexas e deixam o jovem diante de situações sem muitas alternativas, principalmente os conflitos que são arrastados da infância sem soluções adequadas.

A esse respeito, podemos destacar algumas circunstâncias que podem abrir, para o jovem, a porta para o universo do consumo de drogas. Em primeiro lugar, vamos lembrar um aspecto da vida infantil: a separação dos objetos amorosos, as primeiras relações amorosas da criança. Essa separação é vivida pela criança como um tipo de perda. Por isso, faz-se necessário um mínimo de elaboração para a criação e escolha de objetos substitutos, uma vez que terá de conviver com a perda desses objetos valiosos para o resto de sua vida. A elaboração dessa separação é fundamental para o estabelecimento da autonomia. Se essa perda não é devidamente elaborada, quando o jovem chega à adolescência, a questão

da dependência se intensifica. Isso causa limites na vida do jovem que, nessas condições, somente se sente seguro no interior dos muros dos laços familiares.

Diante desse tipo de encurralamento, o jovem pode recorrer à droga como uma solução para a dependência em que vive, ou seja, a droga é utilizada como o objeto que poderia livrá-lo desse conflito, pois ilusoriamente pode significar um tipo de objeto para alcançar um estatuto de adulto, porém dependente, no caso, da droga, como também pode se cristalizar em um tipo de dependência exclusiva à droga, que ganha contornos de um objeto idolatrado. Sendo assim, o jovem que busca um tipo de independência da vinculação familiar, com a droga age de forma violenta, sem produzir nenhuma condição de autonomia, visto continuar dependente, tendo a droga como um tipo de muleta. Além disso, agora depende da droga, do grupo de pessoas que consomem drogas, dos traficantes, dos aconselhadores, dos assistentes sociais, das instituições de tratamentos e, enfim, dos pais que se encarregam do custeio e acompanhamento do tratamento.

Em segundo lugar, temos de focalizar as mudanças corporais vividas pelo adolescente, bem como o impacto dessas mudanças em suas vidas. O adolescente, ante o novo corpo, sente um abalo significativo em seus sentimentos, especialmente em relação à iminência de viver um corpo que lhe parece estranho e do qual acredita ter perdido o controle. Diante das ocorrências corpóreas que são vividas como uma espécie de estranhamento, não aceitação e fragmentação do corpo, o jovem pode recorrer à droga, na tentativa de encontrar um objeto que signifique a união das sensações vividas. Porém, essa unificação de sensações é algo passageiro e bastante precário.

Em terceiro lugar, as exigências sociais às quais o adolescente é confrontado são numerosas: é obrigado a desempenhar novos papéis, atuar em diferentes campos, aprender a esperar o momento ideal para a realização de suas aspirações, ser tolerante às situações de frustração. Tudo isso pode ser vivenciado como fazendo parte de um ambiente hostil que, muitas vezes, cerceia muitos dos sonhos dos jovens. O confronto dos ideais dos jovens com as exigências que lhes são impostas pode ser um tipo de choque que seja experimentado como uma espécie de impotência. Nessas circunstâncias, o recurso ao uso de substâncias químicas pode dar, ilusoriamente, a sensação de capacitação que, frequentemente,

alia-se com o próprio sentimento de onipotência do jovem. Em outras palavras, o jovem procura soluções mágicas para anular as condições de impotência e incapacidade decorrentes do impacto em relação ao confronto com as exigências apresentadas pela vida.

Em quarto lugar, a sociedade atual, caracterizada pelo consumo, estimula o uso de drogas lícitas como o álcool e a nicotina, que são bastante prejudiciais à saúde, representando problemas cruciais no campo da Saúde Pública. Geralmente, a imagem dessas drogas legais é transmitida pelos meios de comunicação e igualmente pelos apelos em novelas e filmes, que associam tais substâncias à beleza, força, atração sexual, sucesso profissional e também riqueza porque seus fabricantes pagam impostos. O adolescente encontra-se premido pela busca de valores para construir e dar continuidade à construção de sua identidade e, para conseguir meios de atingir o sucesso, não consegue, muitas vezes, ter senso crítico o suficiente para não cair nas armadilhas da mídia e da sociedade de consumo. Por isso, faz o ingresso no universo das drogas respondendo aos apelos da mídia, na crença de que assim estaria construindo as bases de sua vida futura.

Ainda temos de considerar uma característica da sociedade atual, principalmente no que tange à dinâmica familiar, quando estamos abordando a questão do consumo de drogas na adolescência. Na maioria das vezes em que um adolescente faz sua incursão nas drogas, a família tem na sua trajetória a postura de cuidar de suas crianças com práticas excessivamente compulsivas. É comum, nas mínimas situações de desconforto da criança, os pais em seu socorro recorrerem a analgésicos e antiespasmódicos. Assim, desde cedo, a criança é ensinada, a qualquer sinal de dor física ou de sofrimento psíquico, a recorrer a uma substância química para obter alívio. Geralmente, essas crianças levam esse hábito para a vida e podem, na adolescência, utilizar-se das substâncias químicas que são ofertadas na família para alívio, e também das outras substâncias que são idolatradas, como as bebidas que são oferecidas às visitas. É oportuno lembrar que em muitas residências as bebidas são colocadas em um local estratégico valorizado, uma espécie de móvel com vidros que deixam visíveis bebidas e copos, bem como os belos cinzeiros que ornamentam as salas de estar.

Por fim, os fatores de natureza psicológica devem ser considerados. Por que as pessoas buscam drogas? E o que a droga representa na

vida do homem? Em muitas situações da vida, o homem atravessa por uma espécie de vazio intenso acompanhado por sentimento de solidão sem ter a quem recorrer. Acontece, nessas condições, a busca do preenchimento desse vazio de alguma forma, e a droga pode ser vista como uma alternativa viável. Porém, a droga somente camufla essa situação, principalmente a que produz excitação.

O efeito de excitação induzido pela droga é rápido e, quando passa, o vazio se acentua ainda mais, razão pela qual o sujeito precisa de quantidades maiores de drogas para alcançar o efeito. Qual a consequência disso? O jovem tenta, pelo uso da droga, evitar situações difíceis ligadas ao sofrimento, porém não consegue evitar os seus efeitos. Desse modo, a droga, ao mesmo tempo em que é usada para alívio da dor, provoca dores que dificilmente são passíveis de solução.



ATIVIDADE

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Para realizar esta atividade, propomos alguns pontos para a sua reflexão.

- Na Antiguidade grega, no oráculo de Delfos, as mulheres que estabeleciam contatos com as divindades, chamadas pitonisas, e que traziam para os mortais as mensagens dos deuses mascavam uma planta com grandes poderes alucinógenos.
- Em algumas tribos indígenas, é comum em rituais o uso de certas drogas.
- Em uma passagem bíblica, conhecida como “as filhas de Lot”, há o registro de que essas mulheres embriagaram seu próprio pai.

Estes e outros tantos exemplos sinalizam o uso de substâncias químicas por povos antigos e sociedades consideradas primitivas. Sabemos que essas mesmas substâncias, e muitas outras, são usadas, em larga escala, no mundo atual, de forma indistinta e indiscriminada.

Agora, responda:

- a. Qual a diferença do uso de droga pelos povos antigos e sociedades primitivas com relação ao uso pelos povos ditos civilizados do mundo contemporâneo?
- b. Considerando a sociedade atual, quais seriam as causas que levam o jovem a recorrer à droga?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. A diferença no uso de substâncias químicas praticado pelos povos antigos e sociedades primitivas, em comparação com o uso dos povos considerados civilizados e modernos, diz respeito ao fato de que os antigos e primitivos recorriam a essas substâncias em rituais para entrar em contato com divindades ou para terem poderes mágicos, mas sem ficarem dependentes dessas substâncias. O homem moderno recorre às drogas na busca de satisfação imediata, respondendo aos apelos da mídia em termos do consumo e tornando-se escravo dessas substâncias.

b. As principais causas que explicam a grande incidência dos jovens no universo das drogas são:

- *o estímulo pela mídia ao consumo de drogas legais como forma de status, bem-estar e realização profissional;*
- *a atitude dos jovens de superar obstáculos, vencer desafios e transgredir os limites estabelecidos socialmente;*
- *as condições familiares que acostumam o jovem, desde criança, ao uso de substâncias que produzam alívio;*
- *a busca de solução para as situações de vazio provocadas pelas perdas;*
- *o choque do jovem em relação ao confronto com as exigências impostas pela sociedade.*

DIFERENTES TIPOS DE USUÁRIOS DE DROGAS

Antes de fazer a distinção entre os diferentes tipos de usuários de droga, é necessário definir o que entendemos por drogas lícitas ou legais e drogas ilícitas ou ilegais. Em primeiro lugar, é preciso considerar que cada droga apresenta características específicas e produz efeitos distintos. Algumas são estimulantes, outras causam relaxamento. E é em função dos efeitos que a questão da autodestruição deve ser pensada, ou seja, há uma escala de gravidade no âmbito das drogas.



Fonte: <http://www.obaoba.com.br/noticias/revistao/246/img/drogas.jpg>

No contexto das drogas legalizadas, encontram-se todos os produtos que contêm a nicotina, o álcool e os medicamentos, especialmente os que são comercializados em caixas de tarja preta. Todas essas drogas são oferecidas em campanhas publicitárias, que apresentam os benefícios, mas também esclarecem os danos que podem causar, principalmente o fumo e o álcool. São substâncias comercializadas sob controle legal e muitas delas, como o álcool, são vendidas livremente até em supermercados. Apesar da proibição do consumo do álcool para menores de 18 anos, muitos jovens fazem uso dessa substância. Tanto quanto a nicotina, o álcool tem efeitos tremendamente destrutivos, visto que basta uma pequena quantidade ingerida para provocar prejuízos notáveis, como a presença de reações agressivas, queda de produtividade no trabalho, queda de rendimento nos estudos, isolamento e solidão. Ao lado desses agravantes, temos também distúrbios físicos, como enfermidades gastrointestinais, cardíacas, problemas musculares, entre outros.

O álcool, a nicotina, os medicamentos e as drogas ilegais causam **DEPENDÊNCIA**. Quando o sujeito torna-se dependente de uma substância química e não dispõe da mesma para consumo, experimenta estados críticos de crise, conhecidos como síndrome de abstinência. Tais estados caracterizam-se por tremores, náuseas e, em situações extremas, delírios. Esses efeitos acontecem a longo prazo.

DEPENDÊNCIA

Fenômeno causado pelo uso continuado de certas substâncias químicas, legalizadas ou não, em função das quais o organismo produz uma forma de equilíbrio somente a partir da ingestão de tal substância. Geralmente a dependência é causada pelos efeitos agradáveis causados pelas drogas ou medicamentos que diminuem ou suprimem determinados estados de ansiedade.

ANFETAMINAS

São substâncias estimulantes da atividade do sistema nervoso central, isto é, fazem o cérebro trabalhar mais depressa. O uso dessa substância deixa as pessoas agitadas e geralmente sem sentir sono. Recebe a denominação de rebite pelos motoristas que dirigem durante várias horas seguidas sem pausas para repouso. Também é conhecida como “bolinha” por estudantes que passam noites inteiras estudando, ou por pessoas que costumam fazer regimes de emagrecimento sem o acompanhamento médico.

BARBITÚRICOS

É o composto químico orgânico sintético derivado do ácido barbitúrico, descoberto por Adolf Von Baeyer em 1864. É uma substância que age de forma inibidora no sistema nervoso central, geralmente usada no tratamento da epilepsia, mas também como sedativos, anestésicos e indutores de sono. Os barbitúricos provocam dependência. A abstinência requer tratamento médico e hospitalização, já que leva a pessoa a ter hipotensão arterial, transpiração excessiva, náuseas, vômitos, hiperatividade dos reflexos, ansiedade, apreensão, taquicardia, tremor corporal, abalos musculares.

Existem outras drogas que são comercializadas, como as **ANFETAMINAS** e os **BARBITÚRICOS**, que são prescritas por médicos e que ingeridas em dosagem adequada são indicadas para problemas de saúde. Porém, se ingeridas de forma inadequada, causam dependência e podem causar sérios problemas de saúde. Mas o maior problema é a tolerância, que é o estado provocado no organismo em que cada vez o sujeito precisa de uma quantidade maior para alcançar o mesmo efeito. Essa situação acontece com quase todas as drogas ilegais.

Denominam-se drogas ilegais ou ilícitas todas as que são proibidas pela lei, em termos de produção, comercialização e consumo, como a maconha, a cocaína, a heroína, o *crack* e o *ecstasy*. A maioria das drogas ilegais é sintética, pois são substâncias produzidas em laboratórios. O consumo dessas drogas produz mecanismos rápidos de destrutividade, seja pelos efeitos causados ao organismo, seja pelos riscos a que o sujeito se expõe para consegui-las.

As drogas apresentam graus variados de destruição. A maconha parece ser a droga ilegal com menor poder de destrutividade e é a única que não causa dependência física. Além disso, não se conhece nenhum caso de alguém que tenha morrido de overdose de maconha. Mas se há o consumo dessa droga pelo jovem ou por quem quer que seja, então levantamos uma indagação: o usuário estará psicologicamente dependente dessa substância química? Qual o prazer que é oferecido por esta droga?



Fonte: <http://www.gringos-cds.com.br/img/250x250/Eu%20Christiane%20F.jpg>

Fonte: www.kakaos.wordpress.com/2008/03/page/2/

Sobre a relação entre a adolescência e as drogas, existem dois filmes que são bastante ilustrativos: 1) *Eu, Cristiane F., 13 anos, drogada e prostituída* e 2) *Trainspotting*. Ambos abordam a questão da toxicomania de forma interessante, abordando

os danos causados pela droga. O primeiro filme é baseado na história de uma jovem alemã e o segundo é pura obra de ficção, porém destaca um aspecto importante: os jovens, para fugir de situações de apatia e tédio, na Irlanda, costumam ir a estações, no intuito de presenciar a chegada e a partida dos trens. Talvez esse tipo de ação seja uma alternativa possível para superar os conflitos da adolescência, mas que se mostra ineficaz, pois os jovens recorrem às drogas, em uma viagem sem volta.

Dentre as drogas ilegais com alto poder de destrutividade, temos o crack que causa dependência física e deterioração do corpo de tal forma que faz com que o usuário dificilmente consiga parar de consumi-lo uma vez tendo começado. Com relação às drogas injetáveis, há ainda um fator a ser considerado que aumenta a destrutividade: a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, principalmente quando as seringas são compartilhadas.

Mais uma vez nos deparamos com a mesma questão: por que alguém consome drogas? Há nisso uma escolha pessoal ou o sujeito é induzido pela sociedade? Se considerarmos, por exemplo, que os interesses econômicos permitem que substâncias químicas sejam criadas para que as pessoas gastem dinheiro, como acontece com o cigarro e o álcool, então acreditamos que a publicidade pode ser um fator bem forte para estimular o uso. Mas não devemos nos esquecer das campanhas que são empreendidas sobre os efeitos maléficos dessas mesmas substâncias. Além do mais, os agentes do narcotráfico operam em redes internacionais bem poderosas.

É mais frequente do que se pensa o uso eventual de drogas lícitas e ilícitas. No caso das drogas lícitas, como o álcool e a nicotina, temos o que se denomina de “uso social” que, muitas vezes, está relacionado ao ritual de pertinência a um grupo ou a determinados tipos de atividades artísticas, esportivas, entre outras. Pode acontecer também o uso em situações de lazer.

Diferentemente do uso contínuo, que é aquele que dura a vida toda de forma crônica, o uso esporádico, muitas vezes, é uma experiência de curiosidade passageira. Eis o que acontece frequentemente com os adolescentes que experimentam drogas e logo ao ingressar na

vida adulta abandonam essa prática. Pode acontecer de o sujeito permanecer no universo das drogas na busca por soluções de conflitos. Evidentemente, quanto mais se aprofunda no mundo das drogas, mais os conflitos são atenuados.

Embora a adolescência seja considerada uma fase de iniciação, observa-se, na atualidade, a existência de crianças que ingerem substâncias químicas como cola de sapateiro. Essa situação é característica dos grandes centros urbanos em crianças que não dispõem de estrutura familiar nem de apoio do Estado, vivendo na rua de forma marginal e suscetíveis a toda sorte de violência e abuso. Dificilmente a pessoa inicia o uso de drogas em uma idade tardia, mas isso pode acontecer em situações extremas em que a pessoa viva momentos de grande desilusão.

As diferenças existem tanto no que concerne ao momento da vida em que o sujeito inicia o percurso no universo das drogas, quanto, também, em relação aos usuários que são dependentes de substâncias químicas. Geralmente, essas pessoas integram as drogas à sua vida. Assim, temos tanto situações em que o uso de determinadas drogas parece não interferir nas outras atividades do sujeito, quanto aquelas com prejuízos significativos nos estudos, no trabalho, causando tensões no relacionamento social. Geralmente esses usuários rompem com os vínculos sociais para se dedicarem exclusivamente às drogas, com o envolvimento em situações de roubos a familiares, delinquência e, às vezes, crises que só são debeladas com internação.

Podemos afirmar que existem dois tipos de usuários de drogas: 1) Aqueles que são apenas provadores. Estes usuários, geralmente adolescentes, participam da experiência da droga por curiosidade ou por pressões do grupo ao qual pertence, mas não seguem o consumo de forma sistemática e 2) toxicômanos ou “drogaditos”, que são os usuários que têm com a droga uma relação impulsiva e sistemática, com dependência química e psíquica. Daí conhecermos o termo “**TOXICOMANIA**” ou “drogadição”.

O termo “toxicomania” nos faz pensar que o sujeito se encontra em um estado de total dominação por uma dada substância, acreditando que ela é vital para viver. A idolatria pela substância leva o sujeito a desconhecer os laços com as pessoas, o que culmina em situações de isolamento.

A droga, por propiciar sensações comparáveis aos estados de satisfação elevada, passa a ser vista como um bem precioso, do qual

TOXICOMANIA

Define-se toxicomania como o hábito incontrolável e incontornável de colocar no organismo quantidades crescentes de substâncias tóxicas. O conceito é sinônimo de adição, de onde provém o termo adicto, que define a pessoa propensa ao uso indiscriminado de dadas substâncias.

o sujeito acredita não poder dispensar, como também não existem alternativas que produzam efeitos iguais ou parecidos. Nesse sentido, somente podemos empregar o termo toxicômano para aqueles sujeitos que não conseguem mais qualquer controle sobre o objeto droga, visto que o sujeito se encontra completamente dominado pelos seus efeitos.

O CONSUMO DE DROGAS E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

Quando um sujeito dependente do consumo de drogas se vê em situações difíceis, a primeira ideia que lhe vem à cabeça é fazer qualquer coisa para obter a droga. Em momentos de frustração, de dor, de tensão etc., a utilização da droga aparece para o sujeito como a melhor solução, pois a droga fomenta o aparecimento



da fantasia enlouquecida, de capacidade e de realização pessoal. Em certo sentido, o efeito do consumo de drogas poderia ser comparado, imaginariamente, ao personagem Popeye, marinheiro de um desenho animado que, vendo-se em apuros, come uma lata de espinafre para ganhar forças e domínio. A ingestão da substância produz uma rápida transformação: a aquisição de uma musculatura forte e de poder. Também vence todos seus inimigos. Eis a fantasia que povoa a imaginação das pessoas que usam drogas, as quais buscam forças sobrenaturais, aumento de sensibilidade e melhoria da imaginação.

Isso é a porta de entrada ao mundo das drogas. Com o passar do tempo, a situação torna-se bastante grave, principalmente quando se instala no sujeito um mecanismo do tipo “bola de neve”. A cada intoxicação pela substância consumida, tem-se a exigência de mais quantidade dessa substância. O resultado é muitas vezes trágico, podendo resultar em situações nas quais predominam as atividades de cunho destrutivo. Nessas circunstâncias, a droga passa a ter exclusividade, ocasionando o rompimento dos vínculos sociais da vida do sujeito com familiares e amigos. Salva-se apenas o vínculo de dependência com quem fornece a droga. Mas sabemos que, muitas vezes, devido às dívidas contraídas pelo consumo excessivo, o usuário se esconde de um fornecedor e procura outro.

A restrição no âmbito das relações sociais é acompanhada de uma pobreza nos processos psíquicos em que a capacidade de representação é frontalmente atingida: o sujeito tem dificuldade de projetar sua vida e de analisar as consequências da relação com a droga. Geralmente um setor da capacidade da vida psíquica mantém-se em atividade, que concerne à manipulação do ambiente para alcançar a droga, quaisquer que sejam os meios. Nessas condições, atos de roubos, mentiras, entre outros, são naturalizados. Essas são as técnicas frequentemente empregadas pelos usuários dependentes.

ADICTO

É o sujeito que depende de uma substância química. O estado de dependência significa a condição de um sujeito que está na posição de quem perdeu a possibilidade de uso da fala, como podemos observar no desdobramento da palavra *adicto*: *ad* e *dictum*, que na Grécia Antiga era o termo empregado para os escravos, como aqueles que não têm direito à fala. Isso quer dizer que o sujeito não faz escolhas, não faz questionamentos e fica assistindo, passivamente, a sua própria destruição. A adição pode, assim, ser compreendida como o cessar da liberdade de escolha. Por isso, o *adicto* torna-se escravo da droga e dos fornecedores.

Um dado interessante a ser considerado é que, embora o homem utilize substâncias químicas desde épocas remotas, o consumo de drogas pelos adolescentes é um problema que o mundo conheceu no final da primeira metade do século passado, com os relatos do uso de substâncias produzidas artificialmente. A partir dos anos 1960, com a popularização dos movimentos de jovens, há um aumento no consumo de substâncias químicas e maconha. Há também uma expansão das drogas que circulam no cenário internacional. Muitos fatores devem ser considerados para a popularização e aumento do consumo de drogas. Entre estes, destacamos a produção, distribuição e comercialização a preços baixos, o que possibilitou o acesso de jovens de baixo poder aquisitivo a drogas como a cocaína, a heroína e o *crack*. Com a circulação em todo o planeta, uma cifra econômica passou a ser divulgada: as drogas são a segunda maior fonte de renda, perdendo apenas para o mercado de fabricação de armas.

Mas retomemos a questão dos efeitos da droga. Uma vez presente no corpo, a droga produz uma experiência incrível, denominada pelos jovens de “barato”. São sensações corpóreas de teor agradável. Esse seria o lado fantástico das drogas. Porém, o mesmo corpo que transborda com a droga dá sinais de que determinados limites estão sendo ultrapassados. Por isso o corpo do **ADICTO** ou toxicômano começa a doer, a se ferir e a entrar em estado de decadência. Esse é o lado pior produzido pelo álcool e pela nicotina, mas igualmente, e em grande velocidade, pelas drogas não legalizadas. Podemos então afirmar que o mesmo corpo que precisa da droga para que o sujeito busque as sensações agradáveis, sofre as suas consequências. Dito em outros termos: o corpo do *adicto* avisa que está na hora de parar, mas exige que a droga seja consumida.

Quando o corpo dá sinais de não mais estar suportando o excesso, muitas vezes esses sinais são completamente ignorados ou minimizados pelo usuário. Com o empobrecimento da capacidade representativa, o toxicômano não se dá conta de que já percorreu um longo caminho no sentido da autodestruição. Nessas circunstâncias, a droga pode acelerar o processo que leva à morte, como acontece com a *overdose*.

A *overdose* é uma fórmula mágica de o sujeito pôr fim a tudo, inclusive à própria vida, como acontece quando ele, totalmente dominado pelo efeito da droga, se lança do alto de um prédio ou mata alguém. Sem dúvida, esse estado é o final do processo de destruição. Mas para uma questão no ar: não se sabe se o sujeito precipita seu fim por não suportar o sofrimento que vive com a droga ou se tenta um voo em direção à liberdade. São questões intrigantes em relação às quais só nos cabe refletir.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 3 e 4

2. Considere os quatro depoimentos seguintes, extraídos do livro *Adolescência: vida ou morte*, de Ingrid Esslinger e Maria Júlia Kovács.

I. "Eu era superinsegura, me achava péssima, feia. Com o álcool estava tudo resolvido. Virava uma supermulher, vinha uma sensação de grandeza, ficava linda, inteligente" (*Folha de S. Paulo*).

II. "Entreí nas drogas aos 16 anos, junto com os amigos. Era um pretexto para levar um 'papo cabeça', falar de cores lisérgicas e por aí vai. Experimentei ácido, maconha, cocaína e cheguei ao *crack*. Com ele é tudo mais rápido. Cocaína é como colocar o cérebro numa panela normal. *Crack* é como colocá-lo numa panela de pressão" (*Veja*).

III. "Tentei suicídio tomando Lexotan e cuba, tomei um Lexotan e bebi umas 15 cubas. Fiquei tão bêbada que peguei a caixa de Lexotan e tomei mais de 9 comprimidos. Quebrei um Prestobarba e cortei os dois pulsos. Doía muito, mas eu achava que qualquer coisa era melhor do que aquela vida" (*Folha de S. Paulo*).

IV. "Saí da clínica e fiquei duas semanas longe da pedra. Passei três dias 'pipando' na favela. Depois voltei para casa e caí na cama, queria acordar antes de minha mãe chegar. Mas acordei com ela olhando para mim. Ela ficou ali meio paradona. Na hora fiquei com vergonha de ter 'pipado'. Então saí um pouco; agora eu parei, não fumo mais" (*Veja*).

Esses quatro depoimentos de jovens retratam o ingresso no universo das drogas lícitas e ilícitas. Dois deles são dependentes de drogas lícitas e dois de drogas ilícitas.

a. Quais as justificativas apresentadas nos depoimentos I e II para o consumo de drogas?

b. Quais as causas que levaram a jovem do depoimento III tentar suicídio?

c. No depoimento IV, o jovem, ao sair da clínica, reincide na droga. Que motivo o teria levado a parar de usar a droga?

RESPOSTAS COMENTADAS

a. A jovem do depoimento I alega motivos de insegurança, desvalorização e não aceitação de si. O álcool parece ter, para ela, um poder mágico de transformá-la naquilo que ela não é. O jovem do depoimento II afirma que a droga representa uma descoberta, encorajamento e aventuras. Afirma também que a droga facilita sua timidez.

b. A jovem do depoimento III apresenta a situação de quem já chegou ao fundo do poço e que não via mais nenhuma saída para sua tristeza, a não ser a morte. Vale-se de meios destrutivos, falhando na utilização dos mesmos.

c. A decepção do jovem do depoimento IV, em relação às expectativas de sua mãe, pode ter sido o fator que fez com que ele declinasse o uso de drogas. Certamente esse jovem ainda nutria algum sentimento pela mãe, razão pela qual envergonhou-se quando ela o viu drogado.

SATISFAÇÃO DESMEDIDA E DESTRUTIVIDADE CAUSADAS PELO USO DE DROGAS

A criança, desde muito pequena, procura passar horas e horas em atividades que sejam satisfatórias. Esse ideal acompanha o homem por toda a sua vida. Alguns elegem alternativas como a criação, a ajuda ao próximo, o trabalho, entre outras, como meios satisfatórios para a vida. Mas outros escolhem o uso de substâncias químicas como meios de evitar o sofrimento. São substâncias que, uma vez presentes no organismo, produzem sensações prazerosas, além de modificar, de forma significativa, as condições da sensibilidade humana, a ponto de impedir a percepção de coisas tanto desagradáveis como insuportáveis.



Quando alguém ingressa no universo da droga está ciente de que está buscando sentir prazer em grande intensidade. Se não isso, pelo menos a ação de consumo de substâncias químicas tem como meta evitar, a qualquer custo, sensações de desprazer para, enfim, alcançar a diminuição do estado de tensão que, para o sujeito, é insuportável.

A intoxicação por meio de substâncias químicas, lícitas ou ilícitas, é uma maneira mais eficaz para a obtenção de prazer. Para alguns consumidores, a sensação produzida pelo consumo de cocaína, heroína e *crack* pode ser comparada a um orgasmo sexual, motivo pelo qual muitos adictos perdem o interesse por relações sexuais. Em certo sentido, a droga é, para o sujeito, uma espécie de completude. Cabe salientar que o efeito de prazer máximo advindo das drogas é completamente ignorado no contexto social. Falar de um prazer desse tipo parece ser tão escandaloso quanto falar do prazer sexual.

Para que possamos entender o que se passa com um usuário de drogas, devemos considerar a questão do prazer, bem como o escândalo relacionado ao mesmo. Quando não leva esses aspectos em consideração, a abordagem das drogas segue apenas um viés moral que pretende criar programas de doutrinação para inculcar no dependente a dimensão do

erro, da culpa ou do pecado. Às vezes esse mecanismo funciona, mas não por muito tempo. O sujeito passa a ser adepto de uma proibição da qual se torna igualmente escravo. Sendo assim, o primeiro questionamento deve ser centrado em torno do entendimento acerca de que tipo de prazer é produzido pela droga.

Primeiramente devemos considerar a aproximação de que o prazer obtido pela droga pode ser semelhante àquele que se produz no sonho: de forma imediata em um tipo de relação do sujeito consigo mesmo, ou seja, da mesma forma que o sonho é a realização de um desejo, o consumo de drogas aparece, para o sujeito, tendo a mesma função. Em segundo lugar, ao que tudo indica, o prazer decorrente da droga não se atém às condições da realidade, principalmente no que concerne à possibilidade de espera, própria de determinadas situações. Quer dizer, para o sujeito aparece em primeiro plano a questão da droga ser agradável, pouco importando se tem ou não utilidade.

Pensemos a esse respeito em uma comparação: a criança se contenta com a chupeta em função da satisfação. Porém, chega um momento em que descobre a sua não utilidade. Desse momento em diante, procura outras formas de satisfação e abandona a que não tem utilidade. No caso da relação do usuário com o objeto droga, não há o reconhecimento da não utilidade desse objeto, nem o reconhecimento de que existem outras possibilidades de satisfação. Importa, apenas, satisfazer a necessidade, porém, sem qualquer indicador da realidade.

Dessas constatações somos levados a concluir que o prazer buscado nas drogas apoia-se no caminho mais curto e mais rápido para a satisfação, conforme acontece nos sonhos. No sonho, a satisfação se produz no âmbito da imaginação, enquanto que com a droga, a satisfação se produz de forma ilusória, de forma compulsiva e incontrolável. Talvez seja por esse motivo que o usuário se fixe apenas em uma forma de satisfação, em vez de tentar variar os meios de busca do prazer.

Digamos que esta é a primeira porta para a destrutividade chegando a situações extremas como a perfuração do corpo, na busca de um estado de diferenciação sem atentar para os alertas da degradação física e moral. Ao adotar essa postura, o viciado em drogas começa a construir a aparência de um ser estranho, tanto para si mesmo quanto para os outros, principalmente em razão da ruptura dos laços sociais. Essa situação é bastante grave na adolescência devido ao isolamento próprio pelo qual o sujeito atravessa nessa fase da vida.

AS DROGAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A toxicomania, no cenário do mundo contemporâneo, está estreitamente associada a dois grandes indutores do consumo. Por um lado, as constantes guerras, na segunda metade do século XX, aliaram-se ao progresso científico no sentido da produção de substâncias que amortecessem a dor, visando com isso à manutenção de soldados em prolongadas jornadas de atividades. Provavelmente teria sido produzida, nessas circunstâncias, a heroína. Por outro lado, o campo das pesquisas médicas empenhou todo seu esforço para produzir substâncias, toda espécie de sedativos, para eliminar por completo a dor, inclusive qualquer espécie de sofrimento. Esses fatos podem ser identificados na convergência do ideal da medicina com as aspirações dos usuários de drogas.



Sem dúvida, existe alguma coisa em comum entre a pretensão do saber médico com o propósito dos toxicômanos: a droga que é fabricada para curar os males que atingem o homem, na verdade são as mesmas que engendram a toxicomania. Decorrente disso, temos duas consequências: a primeira consiste em prescrever para perturbações psíquicas determinadas drogas, como acontece na prática médica quando se pretende que as alterações do funcionamento do corpo sejam corrigidas por procedimentos médicos, como cirurgias e o uso de drogas. A segunda é aquela que condena o uso por vontade própria, como acontece com o usuário, que é considerado figura abjeta e obscena. Daí então o consumo de drogas sem prescrição ser divulgado no contexto social como uma espécie de flagelo.

Sem advogar por uma corrente ou por outra, é pertinente que façamos uma análise isenta de preceitos morais, para que possamos refletir sobre a toxicomania como um tipo de encontro do sujeito com o objeto

sacralizado droga, ou melhor, o encontro do sujeito com um produto, em um dado momento da história dos costumes e do progresso científico. Desse modo, estamos relativizando o fenômeno da toxicomania aos seus três principais elementos que o constituem: o sujeito, um produto e um momento histórico. Assim, nos afastamos de leituras que apresentam uma interpretação baseada apenas em uma condição do sujeito e podemos analisar tal fenômeno em uma perspectiva diferencial.

Munido dessas considerações, podemos, então, refletir sobre o consumo de drogas e a adolescência. Em primeiro lugar, a droga pode ser, para o adolescente, um recurso contra o mal-estar, próprio desse momento da vida, tendo, na maioria dos casos, a significação de atividade iniciática, o que é muito comum na formação de bandos e de condutas de risco. Em segundo lugar, o consumo de drogas pode ser considerado, pelo adolescente, como uma espécie de provação, ou seja, atitude de desafio junto à família ou aos espaços institucionalmente constituídos como a escola, o trabalho, entre outros. Seja por um motivo ou por outro, é importante evitar o pior: tentar encontrar substâncias que possam controlar vontades, ideais e sonhos. É muito comum as famílias, nessas situações, ficarem aliviadas quando colocam um filho usuário de drogas sob o domínio do saber médico psiquiátrico. Além disso, preferem ver o filho em uma clínica, em vez de enfrentar os percalços e constrangimentos da via policial e judiciária, ou mesmo reconhecer a situação como uma circunstância que envolve toda a família.

O importante é considerar que o adolescente pode recorrer à droga como meio de reconstruir seu mundo, devido ao efeito facilitador que pode ser usufruído para enfrentar a fase de transição. Nessas condições, a droga funciona como uma espécie de senha para ingresso no mundo do adulto.

Queremos agora lançar ideias críticas para aguçar a nossa reflexão. É fácil denunciar a existência da distribuição e do consumo de drogas em larga escala atingindo diferentes faixas etárias e diferentes classes sociais. Certamente é bastante difícil produzir medidas que vão de encontro ao mercado negro do tráfico e ao consumo. Em certo sentido, a ineficácia dos programas destinados ao controle e uso de substâncias que causam dependência tem uma ressonância direta no *modus vivendi* que o homem assumiu, especialmente na segunda metade do século XX. Parece que uma exigência paira como uma sombra negra sobre o homem, ante

a qual nada pode fazer para fugir dela! Face a esse novo cenário, uma questão insiste em ser posta: o que temos a fazer para retomar o sentido do viver em conjunto e produzir projetos em nome da coletividade? As respostas formuladas para essas indagações não são simples. Embora possamos relacionar o consumo de drogas a esse novo panorama que se produziu para o sujeito, não podemos dizer que tal estado seja o único responsável pela dependência do sujeito às drogas. Qual a razão do consumo excessivo de drogas nos tempos atuais, e que função tem para o sujeito?

Podemos fazer alguns apontamentos. Em primeiro lugar, nos situamos frente a uma situação pouco favorável ao sujeito: o mundo da atualidade oferece-lhe alternativas de pouca ou quase nenhuma serventia, ou seja, são oferecidos caminhos que levam a lugar nenhum, principalmente se considerarmos a demanda de consumo do excesso e a constatação de que a experiência com as coisas tem de ser passageira em função do fluxo contínuo de produção. Ao lado dessa possibilidade negativa, podemos situar a esperança enfraquecida e a frágil capacidade dos mecanismos de pensamento, pois não mais se exige do homem pensar e sim manipular máquinas complexas sem nada saber sobre sua dinâmica, como dirigir um veículo, usar um telefone celular ou operar um computador. Atualmente, existem muitos mecanismos disponíveis para pensar pelo sujeito, tudo já oferecido em um estado de prontidão para uso imediato; como exemplo, a dona de casa não precisa mais gastar muito tempo na preparação de um bolo: é só abrir o pacote e colocar a massa na forma, levar ao forno e o bolo está pronto. Não obstante, o fato de o sujeito ter ao seu dispor mecanismos que dispensam o seu engajamento no pensar tem consequências muito graves. É preciso ousar e pensar, mesmo que isso signifique correr riscos!

Aquele que pensa corre o risco de cometer enganos, e o mundo atual não tem lugar para quem erra, porque não há tempo para refazer a ação. Mas, certamente, convém lembrar que todo erro não é mortal! Ironicamente, podemos até admitir que existem erros que fazem bem. De certo modo, a exigência esmagadora que paira sobre cada um, no sentido de ser bem-sucedido, tem consequências que devem ser consideradas, especialmente no cenário dos chamados sintomas sociais com os quais nos deparamos cotidianamente: a depressão, a toxicomania, a indiferença e a violência em onda cada vez mais crescente. No tocante ao consumo

de drogas, o que nos chama a atenção é o fato de o sujeito manter uma relação íntima e estreita com o excesso. Daí devemos indagar: a droga é um excesso ou tudo o que é excesso é droga? Questão espinhosa que se presta ao surgimento de muitos impasses!

Quem mora em um grande centro urbano não deseja sair de casa, ser sequestrado, ser atingido por uma bala perdida, ser alvo de uma explosão e, enfim, de outras tantas modalidades de perigos à vida. Mas tal cidadão sabe que essas ocorrências são possíveis. Já é consenso, nos centros urbanos, que áreas com tais ocorrências devam ser evitadas. Face a essas circunstâncias, nos cabe, no exercício da liberdade de escolha, construir os objetivos que sirvam de esteios às nossas expectativas para não cairmos nas armadilhas. Não nos enganemos quando estamos cientes de que essa é uma via bastante difícil, que exige um grande esforço. De que opções dispomos? Certamente, há algo que exige do homem produzir meios para se desvencilhar das armadilhas e das incertezas que lhe afetam. Não seria a posição do sujeito que, entre tantas opções, escolhe justamente a narcotização como a única possibilidade de lidar com a dor de existir num contexto de cidade que o oprime? Em certo sentido, mesmo que quiséssemos, não teríamos uma resposta para as inquietações que pairam sobre o homem em seu viver na atualidade. Sabemos que não há solução milagrosa para os problemas que o mundo contemporâneo conhece. Eis o que faz acender no homem o desejo por uma utopia.

CONCLUSÃO

Os usos e abusos de drogas, desde os anos 1970, têm sido uma constante em quase todo o planeta. E, estatisticamente, a maior incidência de consumidores de drogas está entre os adolescentes. Diferentemente de épocas antigas, em que o uso de substâncias químicas estava relacionado a rituais sagrados para aguçar a capacidade de comunicação do homem com entidades divinas, na atualidade o consumo decorre de uma vontade e decisão do sujeito em participar de um contexto modelado por determinadas premissas econômicas e pela difusão dos efeitos causados pelos poderes de certas substâncias.

A toxicomania nos serve de alerta para repensar e refletir acerca dos espaços sociais, como a família, a sociedade, a escola, no sentido

de buscar soluções para oferecer a juventude que, cada vez mais, adere ao consumo desenfreado de drogas lícitas e ilícitas, apesar de todas as campanhas desencorajadoras e da repressão ao tráfico e consumo de drogas ilícitas. Sem dúvida que o consumo de drogas pelo adolescente deve ser compreendido como um fenômeno que apresenta várias causas que se complementam. Mas, em qualquer circunstância, a toxicomania não pode ser analisada como um fenômeno isolado das condições de vida do homem atual e não pode ser considerado aceitável ser cada vez mais frequente o ingresso de crianças no universo das drogas. Por isso, é necessário enfatizar a importância das relações na família, na escola e em ambientes de trabalho, para o sujeito construir sólidos esteios no sentido de enfrentar as dificuldades da vida. Em qualquer etapa do desenvolvimento psicológico, devemos considerar que o uso de drogas pode ser a formulação, de forma indireta, de um pedido de ajuda que é feito diante de situações difíceis na vida.

A grande dificuldade consiste no fato de que nem sempre o apelo de ajuda é feito diretamente: a criança ou jovem apresenta apenas pequenos indícios que dificilmente são considerados. Além disso, a disseminação e o convite para o mundo das drogas no mundo atual ultrapassam os limites do âmbito familiar. Isso quer dizer que não podemos subestimar o poder violento, corruptor e destrutivo do narcotráfico que, como poderosa organização mundial, atinge o público que se encontra em um momento de estruturação de valores e da vida.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

A seguir, são apresentados trechos da letra da música “Lincharam o viajante”, de Eduardo Dusek e Luiz Carlos Góes, para incitar sua imaginação e refletir sobre a relação das drogas na adolescência.

Saindo de uma festa que era quente...

Pegaram um *cross* e sai da frente...

Maurinho perguntou se tava a fim. Eu tou sim.

Fabinho resmungou: Tu tem aí?

Subiram no telhado de uma igreja.

3 – A postura dos jovens diante dos agentes que representam a lei é de ocultação, o que também é uma forma de desafio em termos do engano, quando é sugerido não deixar provas. Há nisso a recorrência à questão da onipotência, característica muito comum na adolescência, em achar que pode enganar a todos.

RESUMO

O alcoolismo, a dependência de nicotina e a toxicomania são, na atualidade, grandes problemas para a sociedade, os pais, os educadores e principalmente para os agentes do campo da saúde coletiva. Essa questão torna-se mais grave quando focalizamos a droga na adolescência. Primeiro, pelo fato de que a droga permite a louca fantasia de aumento de capacidade, de coragem, além de ser vista como a senha de entrada no mundo adulto. Várias são as causas que levam o jovem a ter uma experiência com drogas: desafio, meio de vencer a timidez, revolta, apelo e saídas para situações de tristeza, além de ter valor de pertinência a um dado grupo. Além disso, há o poder do narcotráfico, que aguça a imaginação dos jovens atraindo-os para o consumo. Mas, qualquer que seja o motivo, trata-se de uma viagem por caminhos sinuosos que muitas vezes não tem retorno, uma vez que é bastante frequente o processo de destruição, além de condutas como mentira, roubos e reações violentas. Porém, o fator mais frequente que leva o jovem a consumir drogas parece ser a convivência com grupos que têm como divisa a incursão em atividades de aventura produzidas pela autocompensação que as substâncias químicas oferecem em termos de sedação da dor e de obtenção de prazer. Por fim, é comum associar a estrutura familiar, a falta de apoio e acolhimento, como um fator decisivo para que o jovem procure drogar-se.

A AIDS e as práticas sexuais na adolescência

Francisco Ramos de Farias

AULA

13

Meta da aula

Apresentar os riscos de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis nas práticas sexuais dos adolescentes.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. avaliar o conhecimento dos adolescentes sobre as formas de contágio das doenças sexualmente transmissíveis, em especial, a AIDS;
2. identificar os perigos das relações sexuais, sem devidas precauções;
3. explicar a maneira pela qual a AIDS aumenta significativamente na adolescência.

INTRODUÇÃO

Conforme já discutimos ao longo de nossas aulas, a adolescência é caracterizada por ser uma etapa do desenvolvimento psicológico marcada pela transição entre o término da infância e o mundo das responsabilidades próprias da vida adulta. É um momento da vida em que acontecem significativas mudanças no corpo, mas, sobretudo, no modo de pensar, agir, sentir e relacionar-se com o mundo. É necessário lembrar que se trata de uma passagem marcada por mitos e ritos, entre os quais se destaca como o mais importante o processo de iniciação sexual.

Dentre essa gama de acontecimentos, tem lugar a possibilidade de redirecionamento da sexualidade que até então, na infância, era realizada quase exclusivamente pela masturbação. Na adolescência, o jovem tem diante de si o questionamento acerca da escolha de um parceiro para fins de satisfação sexual. Porém, devemos alertar para o fato de que a possibilidade de relacionamento sexual com parceiros não põe fim às práticas masturbatórias. A iniciação no campo das práticas sexuais pode ser concebida como o rito de afirmação da identidade sexual em virtude da escolha de um parceiro. Para o jovem, funciona como um momento de afirmação, mas também representa o tempo das buscas pelas condições que sinalizam as diferenças tanto em relação ao mundo infantil quanto ao mundo adulto.

Cabe ainda assinalar que, nessa caminhada, o jovem constrói uma imagem de si com outros parâmetros, além dos referidos à sua família. É claro que os modelos construídos a partir da convivência familiar são importantes, mas passam por um processo de reformulação, em função do engajamento do jovem em grupos fora do núcleo familiar. Sendo assim, podemos encontrar nesse movimento do adolescente o início de um processo de separação parcial dos personagens do âmbito familiar, paralela ao desenvolvimento de um conjunto de ações para firmar novos grupamentos sociais. A partir daí, tem lugar então, para o jovem, a construção de uma identidade pautada na pura diferença com valores novos, por vezes contrariando aqueles valores trazidos da família.

É nesse contexto que se instala a crise caracterizada pela dificuldade de o jovem abandonar certas identificações trazidas da infância e construir esteios no sentido de abrir caminhos para seguir um rumo próprio. O processo de mudança, característico da adolescência, não segue o mesmo ritmo nos jovens e nas jovens, especialmente em relação às questões do namoro e das práticas sexuais. Geralmente, as ideias acerca de um possível relacionamento sexual têm nuances diferenciadas. Para as jovens, têm um sentido, enquanto para os jovens têm outro completamente diferente.

As consequências do processo referido, aliadas às expectativas próprias, podem ser bastante benéficas, mas infelizmente avolumam as listas de incidências indesejáveis ou mesmo inesperadas para os jovens: alto índice de gravidez na adolescência, exposição contínua ao contágio de doenças venéreas e principalmente a possibilidade de ser portador do vírus da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) ou mesmo vir a apresentar toda a sintomatologia da doença.

Com isso, estamos sinalizando que a sexualidade humana tem tanto um potencial de vida quanto um potencial para a morte, dependendo evidentemente dos destinos que cada um dará a sua vida em termos das práticas sexuais. A forma com que cada um pratica o sexo e com quem pode determinar qual será o desfecho de tal situação. Eis o que examinaremos a seguir quando abordaremos a questão da incidência da AIDS na adolescência.

DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/icimdekiayi/2077087974/>

As práticas sexuais e a sexualidade foram e ainda são reservadas e pairam sobre elas determinados tabus e preconceitos. Ainda na atualidade, são encontrados povos que abordam as questões da vida sexual como um segredo guardado a sete chaves. Na segunda metade do século XX, precisamente nos anos 1960, o movimento *hippie* fez-se notar por todo o planeta, difundindo uma postura revolucionária em que propunha o lema de uma liberdade em relação ao sexo livre de qualquer determinação social e o culto exacerbado ao corpo com a divulgação do lema “paz e amor”. O amor livre e a paz eram as bandeiras erguidas, nessa época, diante de um mundo que estava constantemente em guerra e pregava a repressão sexual.

Duas décadas depois, o mundo conhece a AIDS, a doença que traz consigo toda uma gama de preconceitos, principalmente pelo fato de ter surgido em um grupo alvo de críticas da sociedade: os parceiros homossexuais, principalmente os do sexo masculino. As ideias que circulavam na mídia eram repletas de crendices e apelos ao conservadorismo, como também era veiculada a advertência de que a AIDS seria um tipo de punição para aqueles que praticam a sexualidade de forma “desregrada” ou “condenada”, segundo a apreciação de alguns.

Alguns grupos, especialmente os constituídos por religiosos conservadores, encontraram um momento propício para difundir ideias repressoras acerca da sexualidade, afirmando que a castidade, a abstinência sexual e a fidelidade deveriam ser cultivadas e seguidas, pois à luz desse tipo de orientação, o homem estaria protegido do contágio e disseminação de tal doença.

Esses mesmos grupos conservadores chegaram a difundir a ideia de que a doença seria a interferência do “mal” naqueles que eram adeptos de uma vida sexual desregrada. Sem dúvida de que nessas mensagens estavam as ideias de pecado e punição. Além dessa visão, a mídia difundia a ideia de que a AIDS seria um espécie de câncer, particularmente o “câncer *gay*”. Certamente, essa corrente de pensamento logo sai de circulação, devido ao grande número de mulheres e de parceiros de orientação heteroafetiva que contraíram a doença.

No entanto, fora esse cenário de crendices, muitos dos lemas que foram levantados nos anos 1960 passaram por questionamentos: sexo livre e sexo por puro prazer com pessoas desconhecidas. Diante da grande disseminação da doença, houve uma substituição e novos *slogans*

entraram em cena: sexo por amor e sexo com segurança. Deve também ser considerado o empenho das políticas de esclarecimento da saúde pública, tanto no sentido de esclarecimento e conscientização, quanto nas medidas de prevenção.

Apesar de todo o esforço de prevenção, nem todos os adolescentes mostraram-se adeptos dessa nova ordem: a prevenção. Não pela falta de conhecimento, mas por alimentarem algum tipo de onipotência de que com eles, determinadas coisas arriscadas não acontecem. O fato de os jovens estarem diante de certas evidências resultava em fortes negações do tipo: isso acontece com os outros e não comigo. Daí então muitos agiram e muitos ainda agem impensadamente em relação ao sexo, de modo a colocar suas vidas e as de outras pessoas em risco. Provavelmente, o fascínio dos jovens em ultrapassar determinados limites pode ser o ingrediente nessa empreitada de aproximação com a morte.

Mas o que estamos denominando ações impensadas? Em primeiro lugar, sabemos que ações arriscadas fazem parte da adolescência. As aventuras que tanto povoam o imaginário dos jovens são, na verdade, grandes desafios não apenas com relação ao sexo, mas com as drogas, esportes radicais e outras tantas maneiras que sejam, potencialmente, um caminhar em direção à morte. Sendo assim, as ações impensadas por parte dos jovens são de várias naturezas.

Iremos nos deter, no entanto, à questão relativa às práticas sexuais, considerando toda a gama de informações sobre métodos de prevenção. Diante de tal cenário, o que justificaria e explicaria um jovem manter relações sexuais sem o uso de preservativos? Sabemos que os jovens são alertados tanto para o risco de contágio de doenças quanto para a possibilidade de uma gravidez. Além disso, transar sem conhecer bem o parceiro pode ser considerado um grande risco, pois mesmo com o uso de preservativos é possível contrair determinadas doenças. Os cuidados evitam situações difíceis, tanto a gravidez na adolescência, como também as **DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**. Algumas foram descobertas há bastante tempo; outras são bem recentes, como a AIDS. Algumas dessas doenças ocorrem com muita frequência.

DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

É denominada doença sexualmente transmissível (DST) ou infecção sexualmente transmissível a categoria de patologias conhecidas antigamente como doenças venéreas. São doenças infecciosas transmitidas principalmente pelo contato sexual, mas algumas delas também podem ser transmitidas por outras formas de contato, como da mãe infectada para o feto, durante a gravidez ou pelo parto, ou por transfusão de sangue contaminado ou pelo compartilhamento de seringas e agulhas, principalmente no uso de drogas injetáveis. O uso de preservativo tem sido considerado a medida mais eficiente para prevenir a contaminação e impedir a disseminação dessas doenças. Vários tipos de agentes infecciosos – vírus, fungos, bactérias – estão envolvidos na contaminação dessas doenças, gerando diferentes manifestações, como feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas.



Figura 13.1: A fita vermelha é um símbolo da solidariedade pelas pessoas infectadas com o HIV e por aquelas que têm de viver com a AIDS.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aids#Hist.C3.B3ria>

São bem numerosas as doenças sexualmente transmissíveis, porém existem aquelas mais conhecidas e mais frequentes. Dentre estas, destacaremos as seguintes: a clamídia, a gonorreia, a sífilis, a candidíase e o condiloma.

A clamídia é causada por uma bactéria que, na mulher, tem como sintoma o corrimento vaginal e, no homem, a produção anormal de secreção do pênis. A doença ataca principalmente os canais urinários e o sistema genital, causando inflamação nestas áreas. Se a doença não for devidamente tratada, evolui para uma infecção crônica e, em estágios avançados, pode levar à esterilidade na mulher e comprometer significativamente a fertilidade no homem. Essa doença, muitas vezes, apresenta sintomas parecidos com os da gonorreia, como o corrimento no canal da urina e dor ao urinar. As mulheres contaminadas pela clamídia podem não apresentar nenhum sintoma da doença, mas ela pode atingir o útero e as trompas, provocando uma grave infecção.

A gonorreia também é causada por uma bactéria que ataca principalmente as mucosas do pênis, da vagina, do reto e da garganta. Na mulher, é comum o corrimento vaginal e, no homem, a secreção de pus pelo pênis. Em estado grave, pode levar à esterilidade. Também é conhecida pelo nome de blenorragia, pingadeira, esquentamento. Causa uma grave inflamação na uretra e, quando não devidamente tratada, pode se espalhar pelo sistema genital, vias urinárias, reto e articulações. Em casos extremos, a doença desenvolve-se, podendo levar o doente a outros problemas, como: meningite, problemas cardíacos e artrite.

A sífilis é causada por uma bactéria que penetra no organismo por pequenos ferimentos nas mucosas dos órgãos genitais, da boca e do reto, geralmente durante o contato sexual. A doença manifesta-se inicialmente como uma pequena ferida nos órgãos sexuais e com ínguas nas virilhas. Após um certo tempo, a ferida desaparece sem deixar cicatriz, dando à pessoa a falsa impressão de estar curada. É uma doença de evolução gradativa, apresentando três fases bem diferenciadas. Na primeira, aparecem dores de cabeça com muita frequência, reações nas vias urinárias e genitais, podendo, caso não tratada, espalhar-se para o sistema cardiovascular e nervoso; na segunda, pequenos ferimentos nos órgãos genitais que logo desaparecem; na terceira, ocorrem sérios danos neurológicos, às vezes, irreversíveis, podendo causar também perturbações cardíacas. Se a doença não for tratada, continua a avançar no organismo, surgindo manchas em várias partes do corpo, queda de cabelos, cegueira, doenças cardíacas e paralisia.

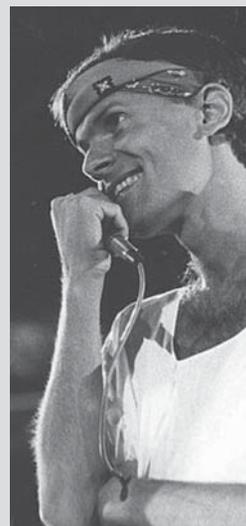
A candidíase é causada por uma espécie de fungo, sendo uma das causas mais comuns de infecção genital. Os sintomas são coceira, ardor e corrimento vaginal. É mais comum em mulheres, causando inchaço e vermelhidão no órgão sexual feminino. As lesões podem se espalhar pela virilha. Apesar do mais comum ser a transmissão via relação sexual, existem outros fatores que colaboram para isso: uso de anticoncepcionais, antibióticos, obesidade, diabetes, gravidez e uso de roupas justas.

O condiloma ou HPV é uma lesão genital causada por um vírus que provoca o aparecimento de verrugas. Comumente, essa doença é conhecida pela terminologia popular “crista de galo”. O vírus que causa essa doença pode se manifestar independente da idade e do sexo. É transmitido tanto em contato sexual como em outras formas de contato, porém a forma de contágio mais comum acontece nas relações sexuais.

A maioria das doenças venéreas, quando são diagnosticadas em seus estágios iniciais, são passíveis de serem curadas. Porém, há uma doença sexualmente transmissível que pode ser sinônimo de morte: a AIDS. A mídia, nas duas últimas décadas do século XX, divulgava com bastante frequência casos de morte por essa doença, mas já naquela época começaram as primeiras tentativas de tratamento e hoje o Brasil destaca-se por ter um dos maiores programas de prevenção e tratamentos dos infectados.

O cantor Cazuzo, que morreu pelas complicações decorrentes da AIDS, deixou, em um de seus últimos trabalhos, um verdadeiro testemunho da condição de conviver com o vírus, quando a medicina ainda não dispunha de programas de tratamento como existem na atualidade. É interessante analisar partes da letra de uma música do último CD desse cantor, intitulado *Burguesia*, para termos uma ideia de como ele foi definindo até a morte. A letra da música “Cobaías de Deus”, de Angela Rô Rô e Cazuzo, é a seguinte:

Se você quiser saber como me sinto
Vá a um laboratório, ou num labirinto
Seja atropelado por esse trem da morte
Me sinto uma cobaia, um rato enorme
Vou ver o ET
Ouvir um cantor de *blues*
Em outra encarnação
Me tire dessa jaula, desse hospital maquia-
vêlico
Traga uma corda irmão, irmão acorda!
Nós as cobaias, vivemos muito sós
Nós, as cobaias de Deus...



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/bb/Cazuza_flickr.jpg/220px-Cazuza_flickr.jpg

A AIDS é causada pela infecção do organismo humano pelo HIV (vírus da imunodeficiência adquirida). O HIV compromete o funcionamento do sistema imunológico humano, impedindo-o de executar adequadamente sua função de proteger o organismo contra as agressões externas. Alguns esclarecimentos devem ser feitos sobre a AIDS. O vírus dessa doença pode não causar nenhum sintoma no seu portador, o que é um fator que contribui, em larga escala, para a sua propagação.

Os chamados “portadores assintomáticos”, ao terem relações sexuais de forma displicente, disseminam o vírus da AIDS e colocam seus parceiros na mira da morte. Aqueles portadores que apresentam sintomas encontram-se diante de duas realidades: de um lado, a falência orgânica e, de outro, a discriminação social. Ainda nos dias atuais, ser soropositivo é uma situação que, além de causar sofrimento físico, também provoca um intenso sofrimento psíquico.

Aquele que recebe o diagnóstico de soropositivo tem o vírus da AIDS, porém ainda não desenvolveu a doença, podendo permanecer, nesse estado, por muitos anos. Mas convém salientar que as pessoas não morrem de AIDS, mas do enfraquecimento e fragilidade que a doença

traz, fazendo com o que o portador venha a falecer de outras doenças, geralmente denominadas oportunistas, nem tão graves.

Esse é um assunto bastante complexo, principalmente para ser discutido com o adolescente. Em primeiro lugar: como refletir sobre a questão de que o sexo e a morte podem caminhar juntos para quem, no caso o adolescente, acredita que tem uma vida longa? Em segundo lugar, como dissuadir o jovem da crença de que certas situações não acontecem com ele?

É preciso um diálogo aberto e franco com os jovens, mas isso não é certeza de que as coisas podem tomar um rumo desejável. Certamente, o alastramento da doença por todo o planeta nos apresenta um cenário sombrio, caso não haja uma intervenção efetiva em todos os níveis e em todos os países. Neste sentido, há muitas medidas a serem tomadas, em particular pelos governos, no que diz respeito às medidas de prevenção da doença, à divulgação através de mídias do uso de preservativo e, ainda, à conscientização dos jovens que utilizam seringas para drogas injetáveis (como é o caso da Dinamarca).

Os grupos que usam drogas injetáveis, na maioria das vezes pela euforia e excitação do momento, não aderem aos cuidados higiênicos necessários para evitar a contaminação por tais doenças. Assim, aqueles que se encontram nessa encruzilhada, principalmente os jovens, estão diante de duas situações de risco: as drogas e a possibilidade de contraírem uma doença sexualmente transmissível de cunho mortal, como a AIDS. Além do mais, no caso específico das drogas, como não há controle e fiscalização sobre a qualidade da substância consumida, pode acontecer de serem distribuídas drogas contaminadas, que não só aumentam o risco de várias doenças, como também da *overdose*, que pode ser fatal.

Dados estatísticos do Ministério da Saúde, da última década do século XX, estimam que mais de 50% das pessoas que contraíram AIDS foram contaminadas em relações sexuais. Uma parcela bem menor, aproximadamente 25%, foi contaminada pelo uso de drogas injetáveis. Outro dado interessante revela que um número muito pequeno de homens e mulheres (cerca de 5%) utiliza preservativos nas relações sexuais.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Aplique o questionário seguinte a 10 meninos e 10 meninas com idades de 12 até 16 anos, perguntando a opinião de cada um.

Nº	Pergunta	Sim	Não
1	Existe uma idade certa para o início da vida sexual?		
2	Os valores em relação à vida sexual são os mesmos para jovens de ambos os sexos?		
3	Você acha que os meninos têm mais liberdade do que as meninas?		
4	As práticas sexuais de natureza homossexual são perigosas, devido ao contágio da AIDS?		
5	Você é favor da união entre pessoas de mesmo sexo?		
6	Você se afastaria de um amigo ou amiga que lhe dissesse ser portador do HIV?		
7	Você tem alguma informação sobre as doenças sexualmente transmissíveis?		
8	Você é favor do "sexo seguro"?		
9	Você sabe como acontece o contágio da AIDS?		
10	Você conhece alguém que seja portador do vírus da AIDS, quer dizer, soropositivo?		

Analise as informações colhidas e responda:

- 1 – Você acha que os jovens entrevistados têm acesso a informações sobre a possibilidade de contágio de doenças sexualmente transmissíveis?
- 2 – Em sua opinião, a visão dos jovens é preconceituosa?
- 3 – Existe diferença no modo de pensar as questões relacionadas ao sexo e a AIDS, entre meninas e meninos?
- 4 – Você acha que estes jovens estão preparados para a prática do sexo seguro?

RESPOSTA COMENTADA

Você deverá refletir sobre as informações obtidas nas entrevistas com os jovens de ambos os sexos e analisá-las de acordo com os conceitos expostos ao longo do tópico. Poderá fazer uma comparação sobre o tipo de raciocínio dos meninos e das meninas acerca de determinadas questões concernentes ao sexo e ao contágio das doenças sexualmente transmissíveis.

O aspecto mais importante nessa atividade é estimular a capacidade reflexiva no sentido de um maior esclarecimento sobre a possibilidade de orientação em relação à transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e a prática de sexo seguro.

AIDS, VIOLÊNCIA E SEXUALIDADE ARRISCADA

Apesar das inúmeras campanhas informativas sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, ainda é grande o número de jovens que contraem a AIDS. Será que as informações divulgadas não atingem a sua finalidade ou os jovens, na sua postura de desafio, não consideram a possibilidade de contágio da doença?

Acreditamos que uma vez que as informações circulam, podemos esperar um grau maior de esclarecimento nos jovens e conseqüentemente a adoção de medidas preventivas, tanto em relação ao contágio de determinadas doenças quanto à possibilidade de uma gravidez indevida. Por esse motivo, uma orientação adequada pode ser de muita valia para o jovem na travessia pela adolescência, especialmente, considerando que se encontra voltado para os fatos novos de sua vida, seja em relação ao modo de pensar, seja pelas bruscas transformações no corpo.

Temos também de considerar um fato: os jovens dos dias atuais proclamam a ideia de que devem experimentar intensamente as possibilidades da vida sexual, como acontece com a postura do “ficar” nos diferentes ambientes que eles frequentam. Diante dessa realidade, os meios de comunicação e as políticas das instituições educacionais mostram-se preocupadas em discutir a temática da sexualidade, no sentido de fornecer orientação ao jovem. O assunto, na atualidade, é foco de atenção, principalmente diante do aumento de jovens contaminados pelo HIV. A esse respeito é interessante considerar que, se temos uma população em que sua maioria é de jovens, não podemos deixar de lado as políticas

de saúde coletiva que se encarregam da prevenção e do tratamento. Não obstante, ao mesmo tempo também é mais lucrativo para o jovem ficar atento aos métodos de prevenção do que se submeter ao tratamento. A condição ideal seria a de evitar chegar ao estágio de tratamento, visto que a AIDS, como outras tantas doenças, ainda não tem cura.

A atitude desafiadora e imprudente dos jovens que partem do pressuposto de que apenas uma relação não é suficiente para serem contaminados, ou que estão fora de perigo, é o fator que mais contribui para o contágio de doenças sexualmente transmissíveis, visto que, movidos por essas crenças, não tomam as devidas precauções, a respeito de si ou de terceiros. Isso se deve, em parte, ao fato de os jovens viverem apenas em função do momento presente, sem maiores preocupações com o futuro.

A atitude de negação do futuro pode significar a condição de os jovens não valorizarem as informações, ou mesmo não as considerarem. Além do mais, para muitos jovens e para alguns países da África, a AIDS não passa de uma invenção. Por isso, não assumem a devida responsabilidade com os métodos de prevenção.

E, assim, fazem muitas coisas sem pensar nas devidas consequências, principalmente quando o tema em pauta é sexo, pois os jovens de ambos os sexos estão sempre movidos pela ideia de que a prática sexual é sempre boa e prazerosa, sem atentar para desdobramentos que podem levar à morte. Ambos sabem da importância de prevenir doenças e gravidez, mas somente as jovens estão mais preocupadas em ter relacionamentos sexuais com o devido cuidado.

Para muitas jovens, o sexo sem preservativo não deve ser praticado, embora para os jovens do sexo masculino, com raras exceções, a preocupação com a prevenção é deixada de lado, sob a alegação de que querem aproveitar o momento do ato sexual. Existe também a situação em que muitos jovens correm risco quando confiam nos parceiros, ou que muitos jovens que têm namoro fixo acreditam não ser necessário o uso de preservativos nas relações sexuais.

O relacionamento amoroso entre jovens em situações de risco ou de descuido é uma forma de violência, seja pela falta de entendimento ou pela imprudência no sentido de recorrer a medidas preventivas para a proteção em relação às doenças sexualmente transmissíveis. Poderíamos mesmo considerar que, nessas circunstâncias, teríamos um tipo de “agressão” amorosa. Mas é preciso refletir um pouco sobre as causas

desse tipo de violência. Embora sabendo dos programas de distribuição gratuita de preservativos, muitos jovens de comunidades carentes não aderem a tal política e, pela desculpa da falta de dinheiro, têm relações sexuais, correndo graves riscos. A este fator está associada à falta de escolaridade e de emprego. Há ainda que considerar o uso de drogas e de bebidas alcoólicas, que também é uma situação que favorece a contaminação de doenças sexualmente transmissíveis.

Temos ainda de considerar um fator de ordem cultural, bastante presente nos jovens, que é o **MACHISMO**.

Apesar de o machismo fazer parte da mentalidade de homens e mulheres do mundo antigo, isso não quer dizer que tenha desaparecido completamente. Muitos jovens ainda cultivam tal crença como se fosse natural ao homem um tipo de superioridade em relação à mulher, seja em termos dos procedimentos para evitar a gravidez, seja nos cuidados em relação ao contágio por determinadas doenças. Por isso, acreditamos que a ação de algumas instituições como a escola e o diálogo com os pais podem ser um forte aliado na caminhada de esclarecimento para prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, principalmente se lembrarmos que os jovens, assim como as crianças, precisam ser orientados. Não obstante, as políticas para minimizar os altos índices de contaminação entre os jovens não devem se restringir apenas às campanhas informativas e à distribuição de preservativos.

Existem muitos rapazes que, movidos por um sentimento de insegurança, acham que devem provar a masculinidade com o ingresso na vida sexual ainda muito jovens, sem a preocupação com a prevenção em relação às doenças sexualmente transmissíveis, nem em relação à paternidade antecipada, pois isso seria contrário à sua “macheza”. Esses jovens equivocam-se quando se esquecem de que deve haver responsabilidade no âmbito das práticas sexuais, tanto em relação aos métodos de prevenção, quanto em relação ao conhecimento dos parceiros. Ainda hoje, mantém-se a ideia de que o homem deve ser uma pessoa fria, que não expressa suas emoções. Com certeza, você já ouviu que homem não chora!

No entanto, precisamos rever esse conceito de homem que povoa o imaginário de homens e mulheres, e que na atualidade pode representar um grande perigo diante das circunstâncias do mundo moderno. Sabemos que é difícil desvencilhar os jovens do sexo masculino desse tipo de preconceito, porém é preciso fazê-lo.

MACHISMO

É a crença de que os homens são superiores às mulheres. Essa crença não é recente, visto datar da cultura greco-romana, onde tal atitude sequer era objeto de questionamento pelas mulheres, pois eram privadas de acesso aos estudos, aos cargos políticos, ao voto e, talvez, devido às proibições em que viviam, tinham poucas condições de refletir sobre a situação de superioridade masculina. É no século XX que acontece a grande reviravolta nesse sentido, quando as mulheres ingressaram nas universidades e obtiveram o reconhecimento da condição de cidadania. Com isso, aconteceu um maior acesso da mulher ao mundo que anteriormente era território restrito aos homens e, em decorrência dessa mudança, houve a reivindicação de direitos, principalmente no sentido da ocupação de cargos no mercado de trabalho e na política.

Não existem emoções que sejam próprias apenas da mulher. Esse tipo de preconceito pode estar relacionado ao mito bíblico que determinou para a mulher sentir as maiores dores e ao homem ganhar o pão com o suor do rosto, como condenação devido ao pecado. Embora tenhamos essas fortes influências, temos de desconstruí-las e orientar os jovens à vida sexual.

Somos partidários da ideia de que é preciso, para os jovens, o acesso à educação em todos os níveis, à assistência, à saúde, às condições de preparo para o exercício de uma profissão e, conseqüentemente, a inserção no mercado de trabalho. Além disso, os jovens adolescentes devem ser ouvidos e orientados a não serem apenas meros reprodutores de modelos sexuais estereotipados que circulam no imaginário social. Devem ser esclarecidos quanto à participação ativa na construção consciente das condições para uma prática sexual segura.

Dados do ano de 2001 das Organizações das Nações Unidas acerca do crescimento da AIDS em adolescentes devem causar preocupação. Existem no mundo 36,1 milhões de pessoas que são portadoras do HIV e um terço dessas pessoas estão na faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos. No Brasil, aproximadamente 600 mil pessoas são portadoras do HIV e o número de pessoas que apresenta a doença ultrapassa 200 mil. Com relação à população de adolescentes com AIDS, o número aproximado era de 30 mil casos registrados.

A ideia de macheza presente entre os jovens do sexo masculino desencadeia práticas sexuais permeadas de diferentes crenças, sendo o reflexo muitas vezes de representações culturalmente construídas, difundidas como inquestionáveis e naturais, como, por exemplo, a falsa ideia de que o homem não pega AIDS de mulher. Desse modo, a maneira como os jovens vivem a sexualidade, em termos dos cuidados necessários à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, evidenciam a pluralidade de pensamentos que circulam entre os adolescentes, que são bem diferentes, dependendo de vários fatores, como classe social, nível de escolaridade e situação socioeconômica.

Mas cabe esclarecer que não estamos afirmando que somente os jovens de classes economicamente desfavorecidas são desinformados e que praticam sexo de forma impensada, sem recorrer a métodos seguros. Assim, temos jovens que são conscientes quanto ao uso de preservativos que convivem ao lado daqueles que não são partidários do uso. Do mesmo modo, existem jovens de ambos os sexos que dialogam entre si sobre métodos de prevenção.

Nesse universo onde as divergências são bem mais frequentes do que a concordância, observa-se que a sexualidade nos tempos da AIDS é marcada pela contradição, principalmente quando encontramos em um mesmo grupo de jovens uma diversidade considerável de práticas sexuais, tanto com segurança quanto em total descuido. Por essa razão, um aspecto a ser considerado nos programas de orientação sobre as práticas sexuais é a desmistificação das crenças e valores que tornam os jovens irredutíveis à adoção de métodos de prevenção. Nesse sentido, não basta apenas fornecer informações aos jovens, mas, sobretudo, procurar entender como ocorre o processo de apropriação dessas informações e como as utilizam na vida diária.

É conveniente lembrar que essas informações geralmente esbarram em obstáculos que concernem à maneira como os jovens são educados e socializados desde a infância. Quer dizer, essas informações funcionarão em consonância com a identidade que estes jovens construíram ao longo de suas vidas. Geralmente, se considerarmos o panorama do mundo atual com seus valores e as crenças herdadas de ancestrais, temos duas correntes de informações que são, no mínimo, contraditórias.

A flexibilidade característica do mundo atual confere um colorido todo próprio ao modo de vida de adultos e adolescentes em um ambiente bastante mutável. Mas essa flexibilidade não deve significar a ausência de diálogo e sim a busca de caminhos alternativos que favoreçam os jovens a refletirem sobre suas vidas, principalmente nas situações que envolvem a sexualidade. Para tanto, é preciso que cada jovem tenha clareza quanto à vivência nas suas relações afetivas, tanto no sentido de zelar em relação a si próprio, quanto na preocupação com os outros. Essa atitude deve ser direcionada no sentido de evitar uma gravidez, em função das consequências como interrupção dos estudos e ingresso precoce no mercado de trabalho sem ainda a devida qualificação. Há também de se considerar a prudência em relação às medidas de precaução contra as

doenças que são transmitidas por intermédio das relações sexuais ou o uso compartilhado de seringas no caso dos viciados em drogas injetáveis.

Se considerarmos que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento psicológico que envolve muitas mudanças na vida, em especial no que concerne à elaboração de planos para o futuro, então orientar os jovens nesse momento é de grande serventia, visando ajudá-los para assumirem novas responsabilidades. Por isso, o tema da sexualidade deve ser objeto de constante debate.

No que tange à sexualidade dos jovens na adolescência, é importante fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, é preciso encorajar os jovens para vencer as barreiras morais que se opõem à possibilidade de vivência de maneira aberta nas relações sexuais, como acontece em algumas seitas bastante arraigadas que defendem o sexo apenas para procriação. Em segundo lugar, deve-se refletir sobre circunstâncias das práticas sexuais, relacionadas à prostituição, bem como o lugar que esse tipo de atividade ocupa no contexto das relações sociais, lugar em que jovens do sexo masculino devam buscar satisfação e experiência. Em terceiro lugar, devemos alertar para as mensagens erotizadas que são veiculadas nos meios de comunicação como sucesso e meio de vida bem-sucedida que influenciam jovens e adultos. Nem precisa lembrar que, na atualidade, a possibilidade de fazer ensaios fotográficos em revistas, exibindo a nudez total, apresenta-se como uma atividade bastante rentável. Também em programas de televisão é comum atualmente o cenário incluir jovens com trajes provocantes que apelam para a sexualidade, sem contar com outros gêneros em que, geralmente, jovens permanecem enclausurados em uma casa, sendo objeto de observação contínua através da televisão.

Há ainda que salientar sobre uma particularidade que faz parte do universo dos jovens do sexo masculino. Em muitos deles, prevalece a ideia de que quanto mais parceiras melhor, revelando assim a crença de certa segurança no aprendizado da multiplicidade de experiências. Geralmente, esses jovens competem uns com os outros sobre o percurso em revistas e livros pornográficos, como fontes de informação sobre a vida sexual. Esses folhetins são folheados tanto nos intervalos das aulas, de forma grupal, mas também em casa, de forma solitária.

O grande equívoco difundido por muitos jovens é o de que a quantidade de “transas” é determinante de *status*, respeito e garantia

de virilidade. É muito comum a exclusão do grupo daquele que não relate tais proezas. Então, ter histórico de várias relações sexuais com diferentes parceiras parece ser uma exigência do grupo como condição de pertencimento. Com as jovens, a situação geralmente é diferente: em vez do número de relações, para elas o importante é o relacionamento por amor, de modo que somente quando houver a paixão é que deverá haver a relação sexual. Muitas jovens ainda são partidárias de que a relação sexual deve acontecer somente com o casamento, e para elas a virgindade ainda é tabu.

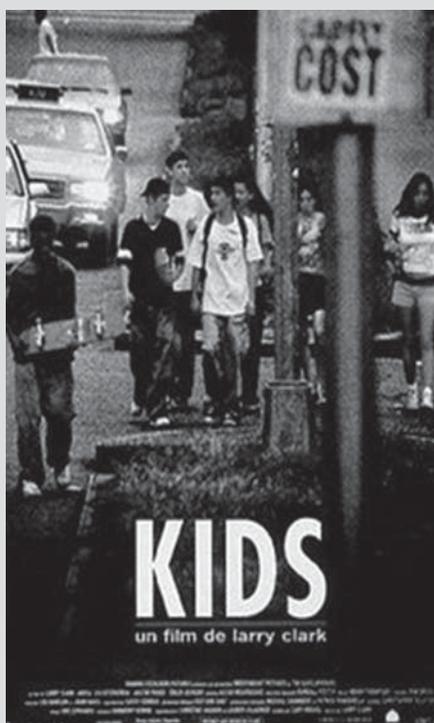
De um modo geral, podemos constatar que há uma forte pressão social no exercício da sexualidade para jovens de ambos os sexos. O grande risco é que quando não há consciência dessa pressão, os jovens podem se arriscar em ações impulsivas, descontroladas e desmedidas. Muitos adolescentes, principalmente os do sexo masculino, têm relações sexuais por pressões sociais sem ter ideia do que significa o sexo para a vida. Há também a situação de muitas jovens que se cobram ou acham-se estranhas por ainda serem virgens.

Mas de onde vem essa pressão social? De muitas fontes: programas de rádios; difusão de ideias de ídolos, como: cantores, esportistas, artistas; programas de televisão e de outras formas de apelo à prática da sexualidade, como se houvesse uma idade em que o jovem seria obrigado, consciente ou não, a fazer sua iniciação. Geralmente, o grupo de amigos qualifica um jovem de “careta”, caso ele afirme que ainda não fez determinadas coisas, bem como muitas jovens qualificam uma coleguinha de “galinha” quando ela relata situações em que, com frequência, aventura-se em suas emoções. Estar ciente dessas manipulações é importante para que os jovens possam exercer sua sexualidade de forma segura e não encabecem a lista daqueles que entendem o sexo como um mero artigo de consumo, sem ter autonomia nas suas decisões.

Queremos ressaltar que nas escolhas dos jovens com relação à realização sexual, sempre vão existir ganhos e perdas. Mas o que deve importar é o fato de que, qualquer que seja a escolha, esta deve ser uma decisão bem refletida do jovem. No entanto, devemos alertar quanto aos perigos de uma má escolha: “transar” sem o uso de preservativos pode significar tanto a possibilidade de ser contaminado pelo HIV ou contrair doenças sexualmente transmissíveis, quanto engrossar a lista de pais e mães adolescentes. É óbvio que não se ganha em todas as jogadas da vida.



O filme *Kids* é um pseudodocumentário que mostra muito bem a situação de risco no âmbito das práticas sexuais. Uma adolescente tem sua primeira relação sexual com um rapaz por quem está apaixonada, sem saber que ele tinha uma vida sexual ativa com várias parceiras. A relação dos dois acontece sem segurança e a jovem acaba contraindo o vírus da AIDS. O restante do filme mostra o desespero da jovem para encontrar o rapaz para avisá-lo da doença, porém sem sucesso. Neste período, esse jovem transa com várias outras jovens, seguindo o mesmo método de sexo sem segurança, em um ambiente regado a muitas bebidas e drogas. Vê-se claramente que, para esse jovem, a sexualidade está a serviço da destruição.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/thumb/9/9d/Kids_film.jpg/220px-Kids_film.jpg

Esse filme de 1995, de Larry Clark, é o retrato da juventude urbana dos anos 1990 em que aparecem jovens dos 10 aos 17 anos em experiências relacionadas com sexo e drogas, violência gratuita (com uma das cenas de pancadaria mais brutais da história do cinema), engates, festas e mais sexo, e drogas. O enredo é simples e eficaz. Telly, um *skater* adolescente, tem apenas um objetivo no mundo. Desvirginar o maior número de jovens que conseguir, tendo como desculpa que com virgens não se contamina de AIDS. O que Telly não sabe é que ele próprio é portador de HIV, contribuindo grandemente para espalhar a doença. *Kids* chegou a ser descrito como “um pesadelo da depravação” pelo antigo senador norte-americano Bob Dole.

ATIVIDADE**Atende aos Objetivos 2 e 3**

2. A constatação de que relações sexuais praticadas sem os devidos cuidados podem representar perigos mortais faz com que autoridades da saúde coletiva, educadores, pais e demais agentes de socialização engajem-se em campanhas de esclarecimento, orientação de jovens e também de adultos. Um outro fator preocupante é o aumento das cifras de adolescentes portadores do vírus da AIDS e também da doença.

Considerando essas premissas, responda as seguintes questões:

1 – Quais as consequências das experiências sexuais que não seguem a orientação do sexo seguro?

2 – Por que a AIDS aumenta consideravelmente entre os jovens?

RESPOSTA COMENTADA

1 – As consequências de práticas sexuais sem seguranças são as seguintes: a) gravidez em um momento da vida em que jovens de ambos os sexos não dispõem ainda de condições econômicas e emocionais para educar uma criança; b) contaminação por doenças sexualmente transmissíveis; c) ser soropositivo ou apresentar a AIDS.

2 – Vários são os fatores que explicam o aumento da AIDS entre jovens adolescentes:

- a) a crença onipotente do jovem de a doença não acontecer com ele;
- b) o fascínio por situações arriscadas como forma de vencer determinados obstáculos, sendo, por isso, uma demonstração ilusória de poder;
- c) o descrédito nas informações que são veiculadas por diferentes fontes;
- d) a possibilidade de encontrar um método "fácil" de autodestruição, conforme ocorre em outras ações como, por exemplo, o consumo de drogas.

CONCLUSÃO

As representações das doenças sexualmente transmissíveis, principalmente da AIDS, mostram-nos diferentes etapas de uma história repleta de credices e de concepções formuladas, considerando valores puramente morais. A primeira versão conhecida da AIDS trazia a significação de morte. Nesse sentido, quando se adentra nos meandros da história dessa doença, é preciso, em princípio, ter o cuidado para se distanciar dos inúmeros mitos que giram em torno dela, especialmente a crença que se difundiu, de forma mais forte, de que essa seria uma doença dos homossexuais.

Como os primeiros registros da doença na década de 1980 foram observados em homossexuais do sexo masculino, essa constatação foi o ponto de partida para a interpretação que sugeria uma associação entre essa nova “moléstia” e a homossexualidade. Daí, a AIDS ter sido conhecida, logo que foram registrados os primeiros casos, como a “peste gay”, fator que foi decisivo para as pesquisas acerca dessa doença terem incidido primeiro em homens que mantinham práticas sexuais de natureza homossexual.

Esse modo de compreensão gerou muitos conflitos sociais, envolvendo homossexuais em grandes centros urbanos, principalmente pelo fato de que as informações que circulavam pela mídia identificavam esse grupo de pessoas como “grupo de risco”. Isso trouxe o alento ilusório de que os heterossexuais estariam livres do contágio dessa doença. As informações, muitas vezes distorcidas pela mídia, geravam muitas confusões sobre a doença do que propriamente esclareciam. Posteriormente, as informações divulgavam contágio por transfusão de sangue e também pelo uso compartilhado de drogas injetáveis. Após uma década de conhecimento da doença, não havia mais um grupo de risco, uma vez que os óbitos não se restringiam mais a um determinado grupo.

Os dados das pesquisas científicas, ao sugerirem uma íntima ligação entre a homossexualidade e uma doença de cunho mortal e desconhecida foi talvez a maior fonte para o surgimento de julgamentos morais e religiosos, principalmente pelo fato de ressuscitar uma série de argumentos preconceituosos que sustentavam ser a doença uma condenação para homens que mantinham relações sexuais com homens. A ligação da doença à homossexualidade foi o motivo para que, em alguns centros urbanos, espaços reconhecidamente frequentados por homossexuais tivessem suas portas fechadas por se acreditar que esses lugares seriam focos disseminadores da doença.

Historicamente, sabe-se, pela mídia, do surgimento de uma doença que mata, impiedosamente, os homossexuais. Mas, no alvorecer do século XXI, esse panorama mudou radicalmente e pessoas de ambos os sexos, não importando mais a orientação sexual, foram vítimas da AIDS. Foi nesse contexto que o vírus da AIDS espalhou-se nos jovens, apesar das campanhas informativas sobre prevenção.

Temos, portanto, de considerar a AIDS entre os jovens adolescentes sob diversos ângulos. Em princípio, os adolescentes são afeitos a aventuras e aquilo que é proibido causa uma maior atração. Além disso, há o sentimento de curiosidade e descoberta de coisas novas, o que pode fazer com que o adolescente “descuide-se” nas práticas sexuais, pois orientação e informação são políticas de amplo alcance, veiculadas por diversas fontes. Enfim, podemos pensar que a AIDS pode significar para o adolescente um tipo de desafio: na crença de onipotência, acredita que se for contaminado dominará facilmente a doença, podendo livrar-se quando bem quiser dela. Um último fator a considerar, e que é próprio do desenvolvimento psicológico da adolescência, consiste no fato da vivência do tempo presente, sem maiores ou nenhuma preocupação com o futuro, uma vez que os jovens encontram-se diante dos inúmeros conflitos da fase que atravessam o que consome grande parte de seu tempo.

Considerando as peculiaridades próprias do adolescente, faz-se necessário o diálogo constante tanto no âmbito das relações familiares quanto em outros espaços de socialização para o esclarecimento e prevenção de situações inoportunas, como a gravidez ou o contágio com doenças sexualmente transmissíveis e principalmente a contaminação pelo vírus da AIDS.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Leia a seguir um comentário extraído do *site* http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/d/depois_daquela_viagem sobre o livro de Valéria Piassa Polizzi, *Depois daquela viagem*. Para você que ainda não conhece, Valéria é uma escritora brasileira, nascida em 1977, no estado de São Paulo. Neste livro, lançado em 1997, relata a história de uma personagem que contrai o vírus da AIDS aos 16 anos de idade.

Vejamos, então, o trecho sobre este livro:

Como numa conversa entre amigos, o leitor tem a oportunidade de partilhar com a personagem a angústia de compreender que ela está com AIDS, um dos males mais comentados nos anos 90. Ao mesmo tempo, Depois daquela viagem propicia uma verdadeira imersão cultural no cotidiano e na alma dos jovens de sua época. O livro começa no ano de 1986 quando todos acreditavam que o vírus da AIDS só infectava homossexuais, que havia pouca informação de como evitar a infecção e também havia um grande preconceito com quem era infectado pela doença. Na época, não havia remédio para evitar que os sintomas aumentassem. Só a partir de 1990, é que descobriram como diminuir os sintomas. O livro termina em 1994, com a doença no mundo aumentando cada vez mais. A história relata que a personagem era uma jovem como todas as outras. Aos 16 anos de idade, namorava um rapaz bem mais velho, de 25 anos. Namoro conturbado, ciumento, violento. E quente. Desinformada sobre os perigos das doenças sexualmente transmissíveis, aceitou quando o namorado quis transar sem camisinha (POLIZZI, 2011).

Agora, recuperemos com atenção as duas frases a seguir:

“O livro começa no ano de 1986 quando todos acreditavam que o vírus da AIDS só infectava homossexuais (...)”

“Desinformada sobre os perigos das doenças sexualmente transmissíveis, aceitou quando o namorado quis transar sem camisinha.”

Dessas afirmativas, apreendemos que a AIDS era entendida como doença que atingia determinados tipos de pessoas (consideradas antes como grupos de risco). No entanto, como vimos em nossa aula, esta ideia tem sido revista e, nos dias de hoje, a AIDS é uma questão a ser tratada por todos, inclusive pelos jovens que iniciam suas relações sexuais. Diante disso, você deverá explicar como a AIDS deve ser considerada uma preocupação dos adolescentes e citar quais, hoje, devem ser as medidas a serem tomadas para precaução da doença.

RESPOSTA COMENTADA

A adolescência é considerada como um período da vida causado por muitas transformações, tanto físicas como emocionais. Muitas são as escolhas a serem feitas e os jovens ainda têm de lidar com a consequência dos seus atos, uma vez que, não sendo mais aquelas crianças, são cobradas atitudes consideradas "responsáveis" pelos adultos. Ao iniciarem sua vida sexual, o jovem está lidando em alto grau com a responsabilidade de assumir os perigos eminentes que podem ocorrer. Entre esses perigos, está o da AIDS, doença que atinge, hoje, muitos jovens por razão de negligência quanto aos cuidados ou, até mesmo, falta de informação. Porém, há uma evidência que o jovem não pode desconsiderar: AIDS não é mais uma doença que está circunscrita a homossexuais e viciados em drogas, a questão está mais relacionada a atitudes de risco que podem expor o indivíduo à doença. Neste sentido, podemos destacar algumas medidas a serem tomadas e estas medidas sem dúvida perpassam estratégias políticas efetivas, entre elas: encarar a AIDS como questão de saúde pública, e isto significa criar políticas de prevenção da doença, assim como campanhas de conscientização e disponibilização de preservativos gratuitos.

**Depois daquela viagem**

Depois daquela viagem é um livro tocante e verdadeiro, que, numa espécie de testemunho da coragem e da determinação, coloca a personagem principal a discutir questões de sua vida e como foi transformada pela descoberta de ser portadora do vírus da AIDS. A história de Valéria é comovente pela franqueza, pela coragem e honestidade. Vale a pena conferir!



Autor desconhecido

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/m/ma/mattox/1209714_turning_pages.jpg.

RESUMO

A AIDS na adolescência tem múltiplos significados. Em princípio, pode representar a crença onipotente dos adolescentes de que determinadas coisas que existem não acontecem com eles. Em segundo lugar pode significar uma atitude de desafio, no sentido de ir de encontro aos limites estabelecidos socialmente. Desse modo o adolescente estaria buscando, de forma alienada, uma maneira de se incluir no contexto das relações sociais. Em terceiro lugar, a AIDS seria o caminho mais fértil que encontra o adolescente no que concerne à destruição tanto de si mesmo quanto dos outros, tendo o sentido de uma “arma” mortal para atingir pessoas a ponto de deixar transparecer a potencialidade de seu ódio ou revelar todo um despreparo para enfrentar as situações desta etapa do desenvolvimento psicológico. Sendo assim, a AIDS pode estar, para o adolescente, a serviço de sua revolta com o mundo, consigo mesmo e com valores familiares e sociais. Práticas sexuais de adolescentes sem as devidas precauções podem ser consideradas no contexto dessa última significação. Por esse motivo, a orientação e o diálogo são peças fundamentais para esclarecer os jovens em termos da suas responsabilidades, especialmente considerando o contexto atual em que a liberdade sexual é um tema bastante discutido e difundido entre os jovens. De resto, é preciso assinalar que a AIDS atinge o adolescente de modo específico principalmente se considerarmos o teor das campanhas midiáticas que trazem como conteúdo indicações de ameaça, o que para o adolescente pode representar pôr em prática sua atitude de desafio.

Cultuando o corpo: cuidados e excessos

Francisco Ramos de Farias

AULA

14

Meta da aula

Apresentar as possibilidades de relações do adolescente com seu corpo, tanto as de cunho construtivo quanto as destrutivas.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os riscos da busca por um corpo que atenda aos padrões atuais de beleza;
2. identificar características da obesidade e da anorexia;
3. reconhecer as modificações corpóreas como signos de identidade.

INTRODUÇÃO

Em nenhuma época da história da humanidade, houve tantas pesquisas e análises acerca do corpo. A que se deve a gama de produções que, constantemente, são colocadas ao alcance de todos sobre o homem e sua relação com o corpo? Somos, na atualidade, testemunhos de movimentos da moda que se pautam em um tipo específico de corpo. Também existem produções artísticas que tomam o corpo como suporte, mas igualmente existem artistas que fazem arte com o próprio corpo. Isso pode ser percebido no terreno das modificações corporais, como as ondas do modismo, como a tatuagem e o *piercing*, e as feitas como formas de produções de sinais identitários, como os implantes, a escarificação (técnica que consiste em reproduzir cicatrizes no corpo), entre outros que não seguem os ditames da estética.

Cada vez mais frequentes no contexto urbano, as exigências que circulam em termos de um ideal de corpo perfeito acabam por colocar o homem moderno diante de situações bem difíceis. A que devemos então a imperiosidade de alterar o corpo, seja por cirurgias estéticas, seja pelas indicações da arte? De uma coisa estamos cientes: a exigência de modificação do corpo resultou em uma certa valorização a partir da qual se observa um culto ao corpo e a busca desenfreada por processos de revitalização e rejuvenescimento que são feitos pela prática de dietas severas, intervenções cirúrgicas, implantes de silicone, esportes para modelagem entre outros. Além disso, assistimos também a um processo de desvalorização que concorreu para a banalização do corpo conforme acontece nos massacres, atentados terroristas, nas guerras, entre outros.



Dora Pete

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/po/porah/1242967_puppet_1.jpg

Essas duas polaridades – expressas pela valorização e desvalorização do corpo –, em verdadeiro confronto, têm um meio de difusão bastante eficaz: o aparato tecnológico, que serve para a divulgação dos meios de reparação das chamadas “imperfeições” corpóreas, do mesmo modo que põem à disposição do homem instrumentos precisos para a destruição em massa de corpos. Com isso, são propagadas imagens corpóreas, produzidas artificialmente, bem como ambientes em que o corpo é rebaixado à condição de objeto descartável. Se, por um lado, no âmbito da estética, o corpo é objeto de modelação de reparo, no contexto da destruição, cai à condição de objeto inútil. De uma ou de outra maneira, o corpo “natural”, tal como definido em termos de ciclos biológicos, não passa de uma mera abstração, a ponto de ter-se tornado modelado pela mídia ou ser destituído de qualquer valor de uso. A imagem exerce um poder significativo e dita as ações do homem moderno em plena era da informação. Isso quer dizer que as ações do homem, dirigidas às condições de funcionamento do planeta, não são mais diretas, na medida em que ocorrem por meio de instrumentos técnicos. As imagens, ao se expandirem de forma rápida, produziram condições que focalizavam os corpos no intuito de oferecer um modelo a ser seguido, de modo que o resultado desse processo é a produção de uma massa globalizada de corpos homogêneos em quase todo o planeta. Daí, então, o corpo perdeu, quase completamente, o recorte de diferenciação próprio de cada cultura. Em certo sentido, as tabelas para a produção de um corpo perfeito e belo circulam em todas as línguas, quebrando as barreiras que separavam a vida urbana da vida rural.

O corpo do homem, no século XXI, passou a ser concebido como uma posse do ser que se proclama com quem tem o direito de escolher qual “forma” deve ter, passando a fazer parte daqueles que seguem à procura de um corpo ideal para ser objeto de amor. Mas além da busca pelo corpo ideal para ser desejado, os adeptos da modelagem corpórea pretendem produzir uma espécie de identificação que seja signo de diferença e de singularidade. Trata-se da busca de uma diferenciação, que somente é alcançada com um tipo radical de memória da “pele” e da carne com alterações de músculos e de outras partes do corpo, com a clara finalidade de ultrapassar limites físicos. Queremos salientar que tanto o movimento ditado pela estética, quanto o das modificações corpóreas encontram-se no âmbito da cultura da mídia. De certo modo, essa onda de intervenção sobre o corpo produz um distanciamento abstrato da relação do homem com o semelhante, indo em uma direção

BODY ART

Movimento artístico surgido na década de 1970 que utiliza o corpo como meio de produção artística. É uma postura crítica tanto ao mercado das artes quanto à possibilidade da produção, em série, das obras de arte. Representou também a busca de construção de uma identidade que não fosse ditada pelas exigências vigentes no contexto das relações sociais. Atualmente, a tatuagem, o *piercing*, os implantes, as cirurgias com fins não estéticos alinham-se na esteira desse movimento que clama por singularidade.

oposta àquilo que é originalmente pretendido: uma maneira de aproximação. Isso quer dizer que são produzidos corpos artificiais na sua superfície, mas igualmente em sua profundidade com retirada de órgãos, implantes de próteses e outros tantos mecanismos que são colocados à disposição dos agentes manipulados pela onda de consumo. Igualmente artificiais são os corpos produzidos em movimentos artísticos, como a **BODY ART**, com verdadeiras alterações praticadas em nome da busca de singularidade.

O CORPO NA ATUALIDADE

No mundo contemporâneo, o corpo tende a ser uma matéria particular que deve ser modelado, segundo as regras ditadas pelo momento histórico em todos os seus sentidos. Isso quer dizer que o corpo é considerado um acessório que deve ser colocado a serviço da vontade do homem no sentido de produzir nele as alterações que desejar. Desse modo, o corpo é o lugar onde o homem demonstra ao mundo sua própria existência, sendo, pois, uma construção pessoal realizada em um objeto transitório e manipulável susceptível de inúmeras metamorfoses. Eis o que exemplarmente é demonstrado pelos adolescentes que se esmeram em mostrar que há uma aparência que deve ser seguida.

A indústria do consumo, sabedora dessa aspiração do adolescente, coloca à sua disposição uma infinidade de possibilidades de alterações corpóreas para submeter o corpo a uma espécie de *design* radical, que tem como regra a indicação de que, no corpo, nada é fixo ou permanente. Sendo assim, a corrida pela tatuagem, *piercing*, cirurgias plásticas e outras modificações corpóreas mostram-se como um meio de produção de uma escrita na própria carne que retrate momentos importantes do percurso de vida. Assim, o corpo torna-se tanto um arquivo de vida quanto um objeto de ornamentação, de modo que as marcas decorrentes de uma alteração, por qualquer método, são a memória de um acontecimento, quer dizer, a franquia com que o homem moderno sinaliza um momento de passagem em sua existência.



Tatuagem: eterna enquanto dura



Mikas Vitkauskas

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/m/ma/magnetas/888287_tattoo.jpg

Vejamos na matéria da revista *Superinteressante* algumas características e a historicidade do que podemos considerar como uma arte milenar de imprimir uma marca no corpo:

Do osso para a máquina de costura

Difícilmente, um ancestral humano sentaria à beira do caminho, triste, arrependido por ter feito um monte de desenhos no próprio corpo. Quando as técnicas de tatuagem foram criadas, há pelo menos 5.300 anos (a idade de uma múmia tatuada, encontrada na Suíça, em 1991), ninguém se ligava em moda. A ideia era identificar a tribo, ganhar status ou proteger-se contra maus espíritos. E era uma ideia fixa. O desenho tinha de durar uma eternidade. Assim pensavam desde os nativos do Taiti até os índios tapirapés do Brasil Central, dos antigos egípcios aos marinheiros do século XIX.

A técnica mais primitiva era furar a pele com varetas pontudas, feitas de madeira, bambu, pedra, metal, ossos ou dentes. Para dar cor, elas eram molhadas em pigmentos naturais, extraídos de plantas, animais ou minérios. Só em 1880, o americano Samuel F. O'Reilly deu ares mais modernos à arte da tatuagem. Ele inventou uma engenhoca, parecida com uma máquina de costura, que injetava tinta na pele através de agulhas de metal, banhadas em nanquim. Mas o protótipo só foi patenteado como "instrumento de perfuração" onze anos depois, pelo primo de Samuel, Tom Riley.

Na década de 20, surgiu a versão portátil que, com poucas modificações, é a que se usa hoje em cerca de 10.000 estúdios de todo o mundo. A tinta pode ser natural ou sintética, diluída em álcool isopropílico e antisséptico bucal. Ou, ainda, em álcool, água destilada e pomada de cânfora. A proporção é segredo profissional: a exemplo dos pintores de vitrais da Idade Média, os tatuadores fazem o maior sigilo sobre suas fórmulas.

Se você estiver interessado em conferir a reportagem na íntegra, confira em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/tatuagem-eterna-enquanto-dura-436745.shtml>

É nesse sentido que se afirma que o homem moderno é artesão de sua própria existência, na medida em que se autoriza a manipular o próprio corpo, segundo sua vontade ou de acordo com o ideal de beleza vigente, podendo, às vezes, incorrer em situações de risco, como em esportes radicais e na anorexia. Mas devemos abrir um parêntese para situar um grupo de sujeitos que, de forma radical, não seguem esse ideal: os obesos que parecem ser uma forma extrema de negação da busca dos ideais de beleza do corpo, tal como difundido e apresentado pela mídia. Porém, não devemos também esquecer que anorexia e obesidade são distúrbios psíquicos e não apenas a adesão do homem moderno às condições reguladoras da perfeição corpórea.

É sobre o culto excessivo ao corpo e sobre as consequências das ações empreendidas pelo homem moderno para ter um corpo perfeito ou um corpo singularizado que enveredamos para compreender determinadas ocorrências bastante frequentes em nossos dias, entre as quais destacamos a anorexia e obesidade.

O CULTO AO CORPO: EXAGERO E MORTE

Um corpo modelado como se saísse das mãos de um gênio escultor é o desejo de quase todos os habitantes do planeta na atualidade, desde que seja esculpido com as técnicas que prometam o ideal de juventude eterna. Mas a vitalidade interna também é buscada além da realização no âmbito da aquisição de bens materiais ou o reconhecimento pelo sucesso. Tanto a beleza quanto a realização no mercado de trabalhos são possibilidades que abrem as portas para o homem moderno.

Eis o ideal que faz parte das condições de vida do homem moderno: ter um corpo magro e tonificado, com curvas em realce, e ser bem-sucedido no contexto da aquisição e produção de bens. Mas é preciso uma profunda reflexão na caminhada em direção à obtenção dessas condições ideais, pois o exagero do culto ao corpo, pela submissão aos mais diferentes estilos de práticas, pode levar o homem a edificar sua própria sepultura, além de ser um fértil caminho para a doença e para a morte.



Figura 14.1: O desejo de um corpo perfeito.

Entretanto, sabemos que não é bem essa ideia que a mídia difunde, principalmente, quando se propõe à divulgação de condições de consumo, visando com isso à produção e circularidade de bens econômicos. Mesmo porque, no âmbito do esporte, há um consenso de que as práticas estão a serviço da saúde e não apenas da beleza. Não nos enganemos, acreditando que essa máxima é verdadeira, pois existem muitos atletas que, depois de anos praticando um tipo de esporte, apresentam severas limitações físicas, sem levar em conta que alguns apresentam também severos danos psíquicos.

Cuidar do corpo: o adolescente tem outra grande ocupação? Provavelmente, não! O corpo é muito importante nessa etapa da vida, não somente pelas bruscas mudanças físicas, de natureza fisiológica, mas para produzir condições de aceitação e de admiração. Além disso, é na adolescência que o jovem deixa, definitivamente, soterrado o corpo da

criança que um dia foi, na esperança de ter um corpo de adulto. Então, podemos concluir que a adolescência poderia muito bem ser definida como o momento crucial da vida em que ocorre uma profunda transformação corpórea.

Porém, devemos assinalar que as transformações que acontecem no corpo do adolescente podem ter dois desfechos distintos:

- a) podem ser motivo de orgulho e de poder;
- b) podem ser motivo de vergonha.

É ante a possibilidade desses dois sentimentos antagônicos que o adolescente é constantemente habitado pela incerteza e pela ambivalência que é expressa tanto nos movimentos de exibição do corpo em trajes de banho ou de esporte, quanto no recurso a vestimentas que apaguem qualquer sinal da silhueta corpórea.

Então, o dilema que acompanha o adolescente poderia ser expresso da seguinte maneira: mostrar um corpo musculoso bem definido ou esconder costelas expostas, ossos disformes ou mesmo partes do corpo consideradas “inadequadas” ao ideal vigente. Daí, então, a preocupação com cuidados destinados ao corpo não só para fins da saúde, como também para modelá-lo.

No contexto da era atual, inúmeras técnicas são apresentadas para o homem no sentido de ter à sua disposição meios de cuidar de seu corpo. Também são sinalizadas as circunstâncias que causam danos ao corpo, como comer demais, não praticar exercícios físicos, trabalhar excessivamente, usar substâncias alcoólicas, fumar, fazer usos de determinadas substâncias químicas e outras tantas situações que podem colocar o corpo em perigo. Então, sabe-se que os cuidados com o corpo são necessários para um padrão satisfatório de vida.

No entanto, quando os cuidados tornam-se um exagero a ponto de o sujeito ser dominado pela ideia de que sua vida deve seguir apenas determinados passos, então estamos diante de uma situação complicada. Eis o que acontece com aqueles que são verdadeiros escravos dos padrões de beleza.

A ideia de padrão de beleza sofreu profundas transformações ao longo da história dos costumes e das tradições. Os padrões de beleza mudam com os tempos, basta que nos lembremos das musas da beleza do século XVIII que eram mulheres brancas e “cheinhas” como se evidencia em obras de grandes pintores. Esse padrão de beleza passa por marcante transformação, no século XIX, em que as musas de beleza eram mulheres magras, pálidas e com profundas olheiras. No século XX, esses padrões mesclam-se desde os modelos de mulheres rechonchudas, como Elizabeth Taylor, até Julia Roberts e outras tantas que têm corpos bem esqueléticos, para situarmos um universo diferente do mundo das modelos, que são todas magérrimas e altas. Na contramão das *top models*, encontramos mulheres que, à custa de muito exercício físico, conseguem ter um corpo cheio de curvas e sensual, cujo ícone mais conhecido é Madonna, no campo da música, e Demi Moore, no cinema. No universo masculino, há também um culto ao corpo para a produção de um padrão ideal, tanto nos esportes quanto nas artes e também no homem comum.



Figura 14.2: A *Vênus de Urbino*, de Tiziano (1538, óleo sobre tela), mostra um padrão de beleza feminino diferente do atual, que exige mulheres mais magras.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Vênus_de_Urbino

O que estaria buscando o homem moderno quando não mede esforços para ter um corpo que acredita ser o corpo ideal? Será que o anseio do homem moderno é ser igual, ou seja, ter a mesma forma? Será que isso é possível? E o que acontece quando não se consegue atingir a esse ideal? É aí que os problemas começam: para alcançar uma desejada forma corpórea, de padrão mundial, o homem moderno não mede esforços, chegando mesmo a cometer verdadeiros abusos em relação às práticas destinadas à modelação do corpo. Nessa empreitada, acontece tanto o risco em termos de danos físicos quanto psíquicos na busca por se atingir uma meta impossível.

NARCISO

Ensina-nos a lenda que Narciso era o filho de um sedutor rio, o Céfiso, e uma descuidada ninfa que nele se banhou, foi vítima da sua insaciável energia sexual:

Líriope. Desse encontro, resultou uma difícil gravidez, que teve um desfecho jubiloso: nasceu dessa união o mais belo dos belos. Por ser tão belo, mais encantador que os deuses, não conseguiu fugir de seu destino: ser condenado por desafiar os deuses por tamanha beleza. Não só isso. Narciso era desejado pelas deusas, ninfas e jovens mortais. Diante de tamanho arrebatamento, a mãe ficou bastante preocupada com o filho, principalmente em saber quanto tempo viveria. Dirige-se ao oráculo e indaga se o filho terá vida longa, obtendo como resposta a profecia de que viverá até que não se veja. Eis seu destino!

Se há todo um momento para transformação do corpo, então poderíamos nos aventurar a concluir que o homem moderno não tem apreço pelo seu corpo ou, pelo menos, com o corpo em suas condições naturais. Deveríamos ter um corpo belo para que gostemos dele? Se a resposta for afirmativa, somos obrigados a nos remeter à Mitologia, para refletir sobre o destino de **NARCISO**.

Conhecemos a maneira como os adolescentes fazem ressonância ao mito de Narciso, não antes do momento em que o mesmo se deparou com a imagem de seu corpo refletida nas águas. É comum ouvirmos falar que uma pessoa que fica durante muito tempo a se contemplar em um espelho é narcisista. Mas o que aconteceu com Narciso no momento de seu encontro com sua imagem? Por ser tão belo, não demonstrou qualquer reciprocidade em relação ao amor que lhe era endereçado, sendo indiferente a todos, o que foi o motivo de sua condenação.

Um dia, com sede, Narciso aproxima-se das águas puras e, debruçando, viu o reflexo da sua imagem, sendo daí por diante dominado por uma avassaladora paixão, ficando paralisado ante a beleza do espetáculo que se produziu nas águas: um corpo perfeito. Daí recusou-se a comer e a beber, morrendo ali mesmo aprisionado ao ideal de beleza, produzido pela imagem. Seu corpo desapareceu e, no lugar onde morreu, encontraram somente uma flor amarela de pétalas brancas.



Figura 14.3: *Narciso* (1594-1596), por Caravaggio.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso>

O que podemos deduzir quando refletimos sobre essa passagem da mitologia? Em primeiro lugar, sabemos que muitas pessoas, em seu percurso de vida, ficam extremamente fixadas em si mesmas. Essas pessoas concentram seu interesse naquilo que julgam ser um atributo de beleza e, por isso, não se poupam em passar horas e horas na confrontação prazerosa do espelho.

Certamente, temos nessas circunstâncias essas pessoas, retratando a solução de conflitos da humanidade; soluções que foram propostas pela invenção dos mitos. Em segundo lugar, essas pessoas podem não ter consciência de que não gostam de si mesmas ou de seus corpos apenas pelo fato de que há uma norma que determina que o corpo desejável seja somente o que se enquadra em determinados padrões, difundidos como padrões de beleza. Em terceiro lugar, essas pessoas podem estar expressando a ausência de autonomia em relação à possibilidade de viverem com um corpo e com uma imagem que ecoem o padrão universal, ditado pela mídia como aquilo que é desejado.

Provavelmente, essas pessoas ficam, como aconteceu com Narciso, aprisionadas a um ideal de beleza tão dominador que não medem esforços para obtê-los, mesmo que para isso coloquem em risco a própria vida, conforme acontece em situações de lipoaspiração ou em outras intervenções cirúrgicas realizadas com o propósito de se ter um corpo modelado.

Não estamos com isso sendo contrários à ideia da não realização dessas intervenções cirúrgicas, principalmente as corretivas. O que salientamos é que o excesso pode ter um desfecho nada agradável. Por outro lado, não estamos propondo que o sujeito não cuide de seu corpo. Pelo contrário: determinados cuidados são imprescindíveis à vida. Apenas estamos advertindo para a atitude de excesso que pode desembocar na morte, conforme aconteceu na lenda grega. É nessa ótica que nos reportamos ao mito, especialmente como uma produção humana diante do indizível e do imponderável.

O mito de Narciso é um alerta para a atitude do homem de aprisionamento exclusivo à imagem, difundida como um ideal. Sem dúvida, a atitude de Narciso de não abandonar o ideal de perfeição e beleza que era refletido nas águas não representou o recurso para solucionar minimamente o conflito do homem ante a impossibilidade em relação aos ideais, quaisquer que sejam.

No entanto, é preciso esclarecer que o amor e a admiração a si são ingredientes fundamentais para o viver. Mas, quando esses atributos assumem a condição de exclusividade e o sujeito fica apenas fixado em si, acaba por enfraquecer ou mesmo anular o contexto das outras relações. Assim, temos nessa atitude de exclusividade uma severa restrição da vida psíquica, o que pode ser compreendido como uma forma de morte. Quer dizer, viver exclusivamente para si pode significar morrer para os outros ou não conseguir estabelecer relações significativas.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Vivemos em um mundo onde se valoriza significativamente um determinado padrão de imagem para o corpo. Aqueles que conseguem aproximar-se das condições desse padrão parecem responder às exigências existentes no âmbito das relações sociais, basta que olhemos o universo da moda com a difusão de um corpo ideal. Essa regra encontra soluções paliativas no âmbito do consumo com a criação de lojas e roupas para pessoas que estão acima do peso ideal. Mas é preciso salientar que essas lojas são objeto de preconceito. Então, as saídas são poucas: ou se tem um corpo ideal para estar em evidência, ou então, corre-se o risco de estar em uma condição marginal.

Considerando essa passagem, enumere os perigos do homem moderno na escalada de ações para obter, a qualquer custo, um corpo modelado que atenda aos padrões de beleza, considerados atualmente ideais.

RESPOSTA COMENTADA

Em primeiro lugar, a prática excessiva de atividades físicas para a modelação do corpo pode ter efeitos prejudiciais à saúde, conforme acontece com alguns desportistas. Em segundo lugar, seguir determinadas dietas sem orientação médica pode ocasionar determinadas doenças e até mesmo levar à morte. Em terceiro lugar, corre-se o perigo de estar a serviço de uma engrenagem que funciona a ser-

viço do consumo. Em quarto lugar, o sujeito, no afã de transformar seu corpo, pode não ter clareza de que estar escravizado de uma exigência em função do qual não aceita seu próprio corpo. Enfim, transformar o corpo a qualquer preço pode ser uma espécie de sujeição da qual o indivíduo não consegue se livrar nem sequer refletir.

O EXCESSO NO CORPO

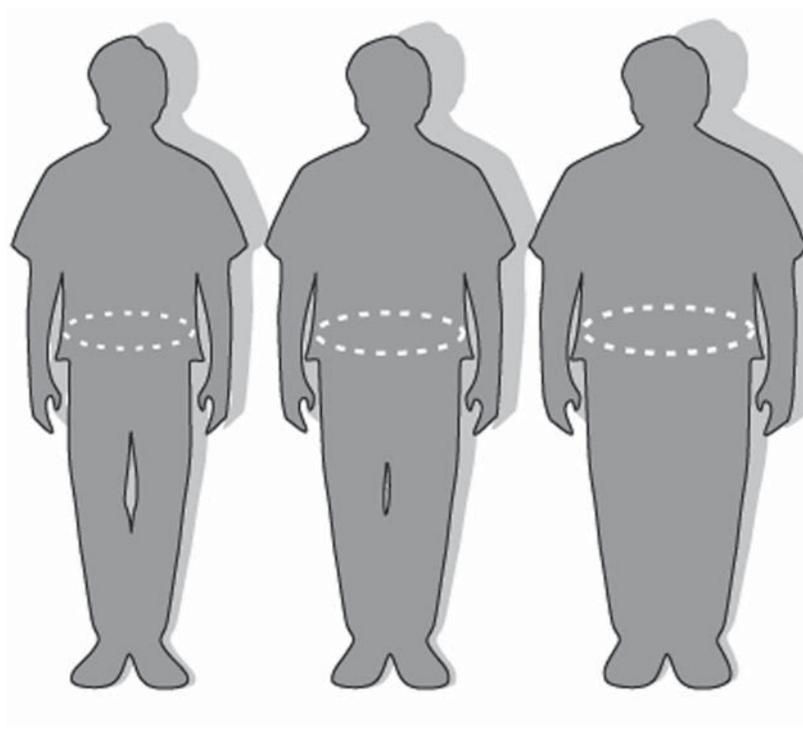


Figura 14.4: Silhuetas representando o corpo: a primeira com peso normal; a segunda com sobrepeso e a terceira com obesidade.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Obesidade>

Distanciemo-nos um pouco do universo dos corpos perfeitos, sarados, belos, ou seja, do domínio da beleza, para focar uma situação que apresenta uma estética bem particular: a obesidade. Para muitos, os obesos não são belos. São, quando muito, engraçados. Certamente,

nesse tipo de avaliação já se encontra a expressão de um preconceito contra aqueles que são responsabilizados por não se esforçarem para ter um outro tipo de corpo.



Obesidade

A obesidade é definida como o excesso de peso. É uma doença que causa preocupação no âmbito das políticas de saúde pública. Em muitos casos, a obesidade é causada por um tipo de descompensação entre a alimentação que é ingerida e a energia que o organismo gasta, resultando uma reserva natural de gordura que aumenta até o ponto em que causa sérios problemas de saúde, podendo levar à mortalidade. A obesidade costuma estar relacionada a maus hábitos alimentares, mas também pode ter um fator predisposicional de cunho hormonal.

É importante situar a diferença entre obesidade e bulimia no campo dos transtornos alimentares que são bastante frequentes nos adolescentes. Na obesidade, tudo indica que o alimento parece não cumprir condições de preencher o vazio que é sentido no corpo. Isso quer dizer que tudo aquilo que o obeso come parece ser algo que somente acentua seu “vazio”. Mas é importante salientar que não é todo tipo de alimento que o obeso ingere: há certa seletividade em relação aos alimentos. A possibilidade de escolha não se mostra na bulimia, ou seja, não há recusa de alimento.

Geralmente, o bulímico come às escondidas, enquanto que, para o obeso, a alimentação cumpre a forma de um ritual que deve ser praticado com outras pessoas. Outra distinção é a de que, enquanto na bulimia há uma preocupação com a forma do corpo, na obesidade ocorre aquilo que poderíamos denominar exposição da “feiura”. Daí pode-se afirmar que o obeso, com seu corpo “duplicado”, impõe certo constrangimento em que o vê, mesmo porque o obeso demonstra, de forma clara, que qualquer um pode chegar aquele seu estado: basta que não haja recusa por um dado tipo de alimento. Metaforicamente, poderíamos afirmar que o obeso devora um dado alimento, sendo essa atitude de devoração que o comanda. É como se o obeso se sentisse obrigado a sempre dizer sim àquele alimento. Diferente, na bulimia, encontra-se a atitude de devoração, porém intercalada com a atitude de evacuação e vômito.

Quer dizer, o bulímico mostra que é possível separar-se daquilo que ingere, enquanto que isso é impossível para o obeso.

Como entender a produção, pelo sujeito de um corpo obeso e flácido, no cenário da contemporaneidade que prima pelos corpos magros e tonificados? Em primeiro lugar, poderíamos aventar a possibilidade de admitir que o obeso coloca-se na posição de quem “abandona” seu corpo. Como entender esse abandono? Em segundo lugar, como fica o ideal de beleza para o obeso com seu corpo que foge a todo e qualquer padrão, mantendo apenas em um, ou seja: não atender aos ditames vigentes no contexto das relações sociais? A quem se endereça o obeso com seu corpo: procura ser amado ou afastar as pessoas? Essas são apenas algumas das muitas e complexas perguntas que podemos fazer com relação à obesidade.

A obesidade é, na atualidade, um assunto que tem destaque no domínio da saúde coletiva. Além disso, é também um grande paradoxo, se considerarmos que o número de obesos aumenta quase na mesma proporção que aumenta o número de pessoas que são vítimas da fome. Por um lado, as potências mundiais buscam fomentar indústrias para produzir alimentos enriquecidos, aumentando significativamente a oferta de alimentos à disposição de quem tem poder aquisitivo para obtê-los. Ao mesmo tempo, as mesmas indústrias oferecem também os alimentos que não engordam a um preço ainda maior. Paralelamente a tudo isso, existem pessoas que não dispõem de alimentos para garantir a própria sobrevivência. Como compreender esses extremos? Uns devem controlar aquilo que comem para ter corpos ideais e outros não têm o que comer, evidenciando a falência do próprio corpo.

A quem interessa realizar o controle de alimentos e a quem interessa a fome? Certamente, não deve ser ao mesmo setor, pois corpos “fora” da forma são objeto de preocupação de vários especialistas, principalmente os médicos. E, se estamos falando do saber médico, não tenhamos timidez em situar que o excesso no corpo é doença. E a fome que também afeta o corpo é abordada como doença?

No âmbito do saber médico, desenvolvem-se pesquisas para difundir um tipo de relação ideal entre o peso, a altura e a quantidade de calorias que deve ser ingerida em um dia por uma pessoa. Além dessas equações, os médicos difundem a ideia de que cada caso deve ser analisado na sua singularidade, pois cada pessoa apresenta um metabolismo próprio.

Quer dizer, a relação entre o que se ingere e o que se consome, varia de sujeito para sujeito. Assim, não importa apenas a quantidade e o tipo de alimento que é ingerido, mas a maneira como o organismo processa esse alimento.

Há também um consenso entre os médicos de que, em alguns sujeitos, o aproveitamento dos alimentos é total, enquanto que em outros se observa algum desperdício. No primeiro caso, existe a possibilidade de engordar, mesmo comendo pouco, ao passo que, no segundo, existe a possibilidade de conservação do peso.

Depois desse grande parêntese, tentaremos entender o que significa engordar muito, quer dizer, ficar obeso e descuidar-se do corpo. Quando isso acontece e qual o motivo?

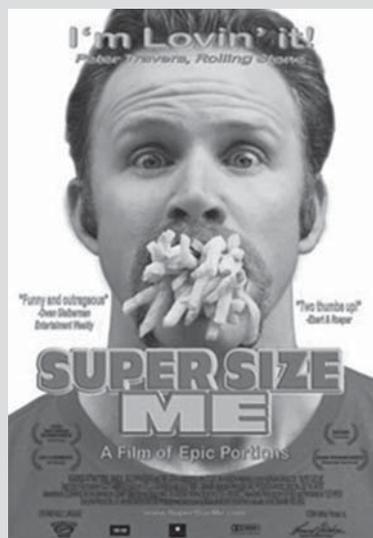
Várias são as explicações conhecidas para a obesidade, principalmente, na adolescência. Em primeiro lugar, postula-se que a gordura que se acumula gradativamente no corpo pode representar uma forma de descuido, ou mesmo a reação do sujeito de não aceitação de seu próprio corpo, seja pelas mudanças de cunho fisiológico; seja pelos indícios da sexualidade que, às vezes, são um grande problema para o adolescente, devido o sistema repressivo de sua educação familiar, em termos de valores morais. Porém, mais que um ataque ao corpo, a obesidade causa vários problemas de saúde, como: disfunções cardíacas, diabetes, elevação da pressão arterial, entre outros. Quase sempre esses problemas são sérios e fatais, pois podem levar à morte em pouco tempo.

Como sabemos, a mídia já se encarregou da divulgação desses efeitos e também da difusão de uma série de medidas preventivas. Sendo assim, a obesidade, na adolescência e também na vida adulta, não deve ser considerada como falta de esclarecimento. Portanto, em segundo lugar, partimos para outra hipótese a fim de tentar explicar o motivo pelo qual alguém se torna obeso.

Certamente, o prazer em ingerir alimentos que são engordativos deve ser considerado. Obviamente, temos uma situação bastante complicada em termos de uma escolha – o que vale mais: comer alimentos cheios de gordura e açúcares ou ter um belo corpo? Digamos que é extremamente difícil escolher entre ter um corpo esbelto e renunciar a comer uma saborosa torta. Se adentrarmos o universo da alimentação do adolescente, constatamos ainda outro problema mais grave: o apreço pela alimentação dos *fast food*.



Super size me – a dieta do palhaço



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/6/6a/Super_Size_Me_Poster.jpg

Uma crítica sobre a indústria alimentícia de *fast food*, que influencia no padrão alimentar de hoje, pode ser vista no filme *Super size me: a dieta do palhaço*. Neste filme, Spurlock, cineasta e personagem principal deste documentário, segue uma dieta de 30 dias (ano de 2003) durante os quais sobrevive em sua totalidade com a alimentação e a compra de artigos exclusivamente de uma famosa rede de *fast food*. O filme documenta os efeitos que tem este estilo de vida na saúde física e psicológica, e explora a influência das indústrias da comida rápida. Há ainda uma reflexão sobre como esses novos hábitos alimentares nada saudáveis resultam num aumento de peso considerável do norte-americano.

Se você deseja saber mais sobre como esse novo estilo de vida, baseado na comida rápida a qualquer hora, pode influenciar sobre sua saúde, assista ao filme. Vale a pena conferir!

Em terceiro lugar, o obeso é aquele que sente a necessidade imperiosa de comer um dado tipo de alimento, principalmente como prótese para aplacar estados de ansiedade. Quer dizer, as pessoas recorrem aos doces, tortas e outras guloseimas para tentar se acalmar. Mas devemos lembrar que existem pessoas que, uma vez estando ansiosas, nada conseguem levar à boca. Em que, então, reside esta diferença?

A argumentação que podemos fazer a esse respeito é a de que, além da vontade imperiosa para comer, a gordura pode ter a finalidade de esconder o corpo, colocando uma espécie de “manta” que invariavelmente apaga quaisquer indícios de diferenças genitais, ou seja, dificilmente se consegue saber, pelo corpo do obeso, quando se trata de homem ou mulher. Mas qual seria o motivo de esconder o corpo?

Para pensar essa questão, valemo-nos de uma hipótese do campo do saber psicológico. Um corpo esbelto, cheio de vitalidade, com curvas definidas, é apresentado, no contexto das relações sociais, como objeto de desejo. Pode ser que muitos adolescentes, no momento em que seus corpos tomam a forma de homem ou de mulher, tenham medo disso ou envergonhem-se. Assim, para se protegerem, adotam a postura de terem a gordura com uma veste que indefina o corpo, tornando-o, muitas vezes, objeto de repulsa, não somente pela ocultação das formas, mas pela destituição da condição erótica.

Vale a esta altura uma observação: a obesidade é um problema de tal gravidade que, em termos de saúde pública, alguns espaços públicos são obrigados a reservar lugares destinados a obesos. No entanto, em transportes coletivos como avião, o lugar existe, mas o obeso terá de pagar o dobro da passagem. Por um lado, se o obeso senta em uma cadeira “normal”, acaba invadindo o espaço de quem se encontra ao seu lado; por outro, ao ter de pagar o dobro de uma passagem em avião, está sendo “punido” por ser obeso.

Uma curiosidade é que, apesar de a obesidade ser de certa forma uma invasão de espaço, devido à expansão do corpo, em muitas circunstâncias, essa expansão tem uma finalidade paradoxal de evitar o contato, pois o sujeito, muitas vezes, abre mão de seus relacionamentos para não exibir o seu corpo que considera condenável. É muito comum, em casos de obesidade mórbida, o sujeito fazer um pacto de morte para o mundo, rompendo com quase todas as formas de contato, exceto com a comida. Mas existem aqueles que lutam, que procuram tratamento e empenham-se em solucionar o problema que, no caso dos adolescentes, às vezes os impede de sair, ir às festas. Quando ficam em casa desesperados, o que esses adolescentes fazem é comer descontroladamente.

Ainda assim, as pessoas acima do peso podem se sentir afetadas negativamente por esta imagem. Existem então várias explicações das causas para a obesidade, sendo que, via de regra, o fator de natureza emocional tem um peso significativo, aos lados dos distúrbios hormonais e metabólicos.

A ANOREXIA COMO FORMA DE CONTROLE

Os novos tempos com a difusão de modelos de corpos magros e bem definidos têm incentivado, em grande escala, a produção da *anorexia*.



Anorexia

A anorexia é uma disfunção alimentar, caracterizada pela recusa quase completa do sujeito em se alimentar. Geralmente, a consequência mais evidente é a gradativa perda do peso, com a presença de sintomas, como: inquietação, anedonia e preocupação exacerbada com o corpo. A anorexia afeta primariamente as jovens adolescentes e jovens mulheres que anseiam por ter um corpo magro, mas também pode aparecer em homens, sendo bastante raro. A anorexia pode ser causada por disfunções psicológicas, em que se observa a ausência quase completa da vontade de se alimentar.

O termo *anorexia*, em grego, significa literalmente “falta de apetite”. Porém, em algumas circunstâncias o sujeito sente fome e nega-se a comer, procurando controlar a quantidade de alimento queingere. Geralmente, a anorexia é associada à preocupação dos jovens com o corpo, que, em suas avaliações, estaria excedendo aos limites divulgados como ideais pela mídia.

O transtorno da anorexia aparece tão logo acontecem as transformações da puberdade com todas as reações que se produzem no corpo. Também é o momento em que, geralmente, as relações amorosas e o interesse pela sexualidade deslocam-se das figuras familiares para pessoas fora do âmbito familiar. Essa mudança faz com que os jovens queiram se apresentar ao mundo com um corpo que seja aceito socialmente, principalmente nos dias atuais em que existe toda uma parafernália técnica, como as academias, que são oferecidas para moldar o corpo.

No caso dos jovens adolescentes de ambos os sexos, a anorexia poderá estar ligada a problemas de autoimagem e dificuldade em ser aceito pelo grupo de amigos ou em lidar com as questões da sexualidade que emergiram por conta da puberdade. Pode acontecer também que muitas jovens anoréxicas têm uma visão distorcida de seu corpo. Geralmente se percebem como tendo um excesso de peso, ou seja, a imagem que essas jovens têm de si mesmas não corresponde àquilo que verdadeiramente são.

É muito comum que essas jovens vejam no espelho um corpo bem diferente do seu, como se a imagem do espelho revelasse um corpo bem mais gordo em relação ao seu próprio.

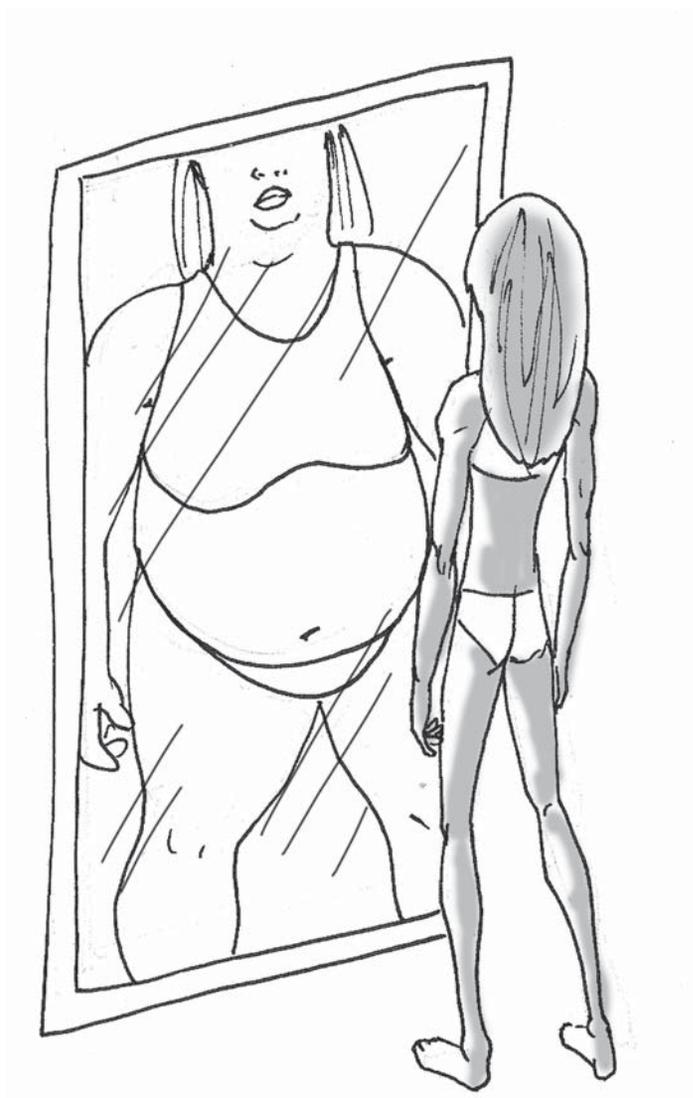


Figura 14.5: A autoimagem de uma pessoa anoréxica costuma ser distorcida.

Uma decorrência da anorexia mais frequente é a suspensão da menstruação, além da preocupação excessiva com a alimentação, a prática de atividades físicas de forma intensa, a escravidão à balança, entre outras medidas que se convertem em uma espécie de monitoramento do peso corporal.

Muitas vezes, toda a gama de preocupação em manter uma silhueta corpórea com um determinado peso pode ser o fator que desencadeia vários riscos que, na verdade, podem ser considerados uma atitude de desafio à morte. É nesse sentido que o anoréxico aliena-se das pessoas para fugir da opinião delas. Essa atitude de afastamento constitui uma espécie de isolamento para, curiosamente, não dividir com os demais o sofrimento que o sujeito atravessa. Quer dizer, o anoréxico adota a postura de sofrer calado em uma espécie de negação tanto para si mesmo quanto para os demais.

Mas precisamos entender qual o sentido do corpo cadavérico do anoréxico frente aos outros. Sem sombra de dúvida, o corpo magro tem vários sentidos que são produzidos em termos das diferentes imagens que o anoréxico pode dele ter. O corpo magro pode estar atrelado a um ideal de beleza feminino e assim estaria a serviço da sedução, ou seja, um corpo em condições de ser aceito e desejado. Porém, em segundo lugar, existe outra versão do corpo magro. Em algumas circunstâncias, o corpo do anoréxico pode ser uma fonte de horror para quem o vê e, assim, teríamos no corpo excessivamente magro uma estrutura que para muitos se assemelha a um “monstro”, por várias razões: pelo medo que causa às pessoas, pela atitude de repulsa e por aquilo que não desperta nenhum interesse do ponto de vista de uma aproximação.

É comum as pessoas angustiarem-se diante da suposta “fragilidade” de um corpo magro. Desse modo, o anoréxico mobiliza as pessoas pelo fato de elas imaginarem que devem fazer alguma coisa, se não aquela pessoa pode morrer de fome e de desnutrição. Há nisso um importante aspecto a ser considerado: o que representa, para o anoréxico, ganhar peso? Nessas circunstâncias, as coisas tornam-se bem complicadas, pois quando se administra uma dieta para evitar que o anoréxico morra de fome, muitas vezes, ao perceber o aumento de peso, quer dizer, uma melhor aparência, pode haver tamanha reprovação pelo jovem que, uma vez não suportando, às vezes, comete o suicídio. Certamente, a vida do anoréxico é uma mistura repleta de movimentos em direção à morte. Muitas jovens anoréxicas sentem-se extremamente infelizes quando se sentem bastante gordas, apesar de terem um corpo excessivamente magro.

Muitas vezes, encontra-se associado à anorexia o transtorno da bulimia. Nesta há uma ingestão de alimentos de forma desordenada, seguida imediatamente por uma provocação de vômitos no intuito de não engordar.

Um aspecto a ser considerado é a relação da família com o anoréxico. Indagamos: essa família age de que maneira? Eis uma questão de extrema importância, pois em muitos casos de anorexia, principalmente nas jovens, há uma exigência de corpo magro que faz parte dos ideais da figura materna. É nesses casos que a mãe impõe à filha um determinado regime de vida para modelar o corpo e assim corresponder a uma expectativa dela própria. Comumente as jovens, que são mobilizadas pelos ideais maternos a ter um corpo excessivamente magro, adotam em suas vidas vários rituais para atingir tal finalidade, como a ingestão de laxantes, mediante orientação materna, a prática da ginástica de forma exagerada, entre outras atividades que podem representar verdadeiras agressões ao corpo.

Mas o que explica então uma pessoa abusar de seu corpo para se sentir viva ou parte de um determinado grupo social? Em primeiro lugar, as atitudes abusivas contra o corpo podem representar a aspiração de manter para sempre o corpo infantil. No jovem, corresponderia à dificuldade em assumir o corpo de homem e, nas jovens, à vontade de não crescerem, de não se tornarem mulher e, enfim, de não procriar. Sabemos que em muitos casos de anorexia o primeiro indício a ser considerado é a suspensão da menstruação. Em segundo lugar, o sujeito pode encontrar algum tipo de satisfação em causar dor com o sofrimento de seu corpo e a fome pode ser eleita com um caminho propício para esta finalidade. Em terceiro lugar, abusar do corpo pode representar um recurso empregado pelo anoréxico para exercer um tipo de controle tanto em si mesmo quanto no ambiente que o cerca.

Controlar o corpo muitas vezes é, para o anoréxico, a compensação por não conseguir controlar outras situações da vida. Mas como entender essa atitude do anoréxico em tentar um rígido controle sobre o corpo como medida compensatória? Seria interessante, para refletir sobre essa questão, adentrar no universo dos sentimentos para constatar que o anoréxico é, quase sempre, movido por uma profunda tristeza.

Geralmente, a sensação vivida pelo anoréxico é a de que, se seu corpo apresentar qualquer aumento de peso, isso poderá significar a possibilidade de fragmentação ou mesmo de “explosão”. Na verdade, trata-se de sensações que o sujeito sente-se impotente para administrá-las, principalmente a tristeza normal, própria da adolescência em função da perda do corpo e do mundo da infância. Por não conseguir controlar ou mesmo manejar o estado de tristeza, o adolescente pode adotar a postura de controlar o corpo, no caso da anorexia.

Desse controle excessivo no corpo, têm-se várias consequências. Em princípio, isso pode gerar um grande sofrimento nas pessoas que se relacionam com o anoréxico, especialmente pelo fato de se sentirem impotentes ante a realidade que se afigura em termos do definhamento do corpo. A aparência de extremamente frágil pode ser um fator que mobiliza toda a família. Seria, por assim dizer, uma espécie de “manipulação” de toda a família e amigos. É óbvio que o anoréxico não possui clareza quanto a isso. As impressões causadas pelo corpo do anoréxico são tão atemorizadoras a ponto de as pessoas acharem que devem imediatamente intervir para evitar a morte.

Difícilmente, o anoréxico, assim como o obeso, consegue superar esses transtornos sem uma ajuda profissional. São tratamentos muito difíceis e as receitas caseiras quase sempre não funcionam. Isso quer dizer que nada adianta a família esconder alimentos do obeso ou obrigar o anoréxico a comer. No caso do obeso, tal atitude somente aumenta a vontade incontrolável pelo alimento e, no caso do anoréxico, forçar a alimentar-se pode ser a maior fonte de desprazer pelo alimento, visto que, enquanto que o obeso não imagina a possibilidade de viver sem aquele alimento, o anoréxico vê no alimento algo que lhe faz muito mal. É importante descobrir formas de relacionamento do jovem obeso e do jovem anoréxico com o mundo sem que seja pelas formas de imposição. Recorrer a um profissional pode ser um caminho bastante frutífero em tais situações.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Leia o extrato da matéria publicada no *Jornal do Brasil*, em 1º de junho de 2010: “O que vem primeiro: a obesidade ou a depressão?”

Manter o bom humor frente a qualquer doença crônica é muito difícil. Assim também ocorre com a obesidade. Na maioria das vezes, a doença vence o paciente pelo cansaço e impõe um enfrentamento com limitações, fraquezas e até com o próprio desconhecimento da medicina de como tratar individualmente cada caso de obesidade, já que eles são tão diferentes entre si. “Médicos e pacientes, muitas vezes, constrangem-se frente à impossibilidade de resolver o problema, pois a derrota, quando ela ocorre, é de todos nós”, afirma a endocrinologista Ellen Simone Paiva, diretora do Cíten, Centro Integrado de Terapia Nutricional.

A cada dia, mais endocrinologistas atendem obesos deprimidos, nos consultórios. Nos divãs dos analistas, é grande a incidência de obesos também. “Não há dúvida quanto à associação das duas doenças. Aproximadamente, 30% das pessoas que procuram tratamento para emagrecer apresentam depressão. Além é claro dos inúmeros casos de melancolia e tristeza em lidar com algo tão difícil, gerado pela rotina de ter de lutar contra a balança, de se policiar sempre, de não poder se soltar nunca. Nas consultas médicas que tratam o assunto, o choro é a regra”, revela Ellen Paiva.

A ideia que temos de nós mesmos é um grande impulso para o sucesso ou para a derrota em todos os embates da vida. Os obesos carregam “o peso” de que não são capazes de vencer a guerra contra a balança, principalmente após inúmeras tentativas frustradas de emagrecer. “Eles até continuam tentando perder peso, mas sem nenhuma confiança de que isso seja possível. Quando eles vêm ao consultório, o grande desafio dos profissionais, ligados ao tratamento da obesidade, é fazê-los acreditar que podem perder peso”.

(Fonte: <http://www.jornalbrasil.com.br/interna.php?autonum=9756>)

Em seguida, leia parte da matéria “Obsessão por corpo perfeito leva adolescentes brasileiros à anorexia”, publicada no *Jornal da Imprensa*, em 21 de maio de 2005:

A mudança de padrões de beleza durante os anos transformou a maneira como a sociedade trata seu corpo e, conseqüentemente, transformou a forma de alimentação dessas pessoas. Antigamente, pessoas gordinhas eram sinônimo de beleza e de riqueza, pois significava que tinham condições de se alimentar bem. Isso se refletia, inclusive, nas artes, em que as mulheres eram retratadas bem mais gordinhas e com as bochechas bem coradas.

Hoje em dia, isso mudou completamente. O padrão de beleza vigente, que valoriza uma silhueta esbelta, rege a vida, a cabeça e a alimentação de milha-



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>

EPICURO

Filósofo grego, nascido em 341 a.C. Quando criança, estudou com um discípulo de Platão, por quatro anos. Retornou para a terra natal em 323 a.C. Sofria de cálculo renal, o que contribuiu para que tivesse uma vida marcada pela dor. Daí sua doutrina ser centrada na ideia da busca de prazer. Movido por essa convicção, Epicuro fundou sua própria escola filosófica, chamada O jardim, onde residia com alguns amigos, na cidade de Atenas. Lecionou em sua escola até a morte, em 271 a.C., cercado de amigos e discípulos. Teve sua vida marcada pelo ascetismo, serenidade e doçura.

RESPOSTA COMENTADA

1. Nos dias atuais, com a mudança do ideal de beleza, o mundo da moda e outros setores da sociedade apresentam mais exigências para a adolescente em função da difusão de um corpo ideal. Em escala bem menor, essa exigência é feita aos rapazes.

2. A prática exagerada de exercícios, além daquilo que o sujeito pode suportar, representa um grave risco à vida, embora seja do conhecimento de todos de que os exercícios físicos são fundamentais para uma boa saúde.

3. Na obesidade, temos:

- a) a vontade incontrolável de comer determinado alimento;
- b) a exibição do corpo no contexto da feiura ou da apresentação de uma massa disforme;
- c) o excesso de peso geralmente encobre os órgãos genitais, dando a aparência de um ser sem definição de gênero: macho e fêmea.

Na anorexia, temos:

- a) o controle excessivo do corpo pela negação da fome;
- b) a atitude de desafio à morte, aliada ao isolamento;
- c) a possibilidade de manter simbolicamente o corpo inapto para as funções reprodutivas.

DOR E PRAZER: EXCEDER AOS LIMITES

Geralmente, o homem é movido pela crença de que o ideal da vida, ou seja, o encontro com o bem-estar se daria pela busca do prazer. Mas cabe mencionar a possibilidade de obtenção do prazer por caminhos diversos. Na doutrina de **EPICURO**, por exemplo, o prazer que interessa ao homem é o prazer do sábio, entendido como uma virtude que consiste na quietude do psiquismo e no domínio constante das emoções. Seria um tipo de prazer que não deveria conhecer nem carência e nem excesso, sendo o prazer obtido na justa medida, para aquietar a dor. O único prazer é o prazer do corpo que, cada vez lembrado, se converte em uma forma

de prazer psíquico. Dentre as formas sublimes de prazer, encontramos a saúde e a amizade. O que nos causa mais estranheza é a possibilidade da obtenção de prazer mediante a dor? Como então seria possível, se o prazer seria o movimento que arrefece a dor? Eis o que pretendemos refletir em dois universos particulares: os esportes e a *Body Art*.

As atividades esportivas foram apresentadas ao mundo como aquilo que traz grandes benefícios ao corpo e à saúde. Essas atividades são também fontes de prazer, devido à substância química que liberam. Porém, logo não tardou muito a serem inseridas no circuito econômico de circulação de dinheiro, sendo que atletas são “forçados” a modelarem seus corpos para alcançarem situações, além dos limites conhecidos. Além disso, devemos nos indagar o que acontece quando essas atividades são levadas ao extremo com vista à obtenção de índices em que atletas “moem” seus corpos?

A revista *Veja* de abril de 1996 publicou uma interessante matéria sobre o vôlei, que traz o depoimento de uma grande campeão mundial da Olimpíada de Barcelona onde o Brasil foi campeão pela primeira vez nessa modalidade esportiva. Marcelo Negrão afirmou que “no final de um jogo, todo meu corpo está ardendo. Sinto dores nos joelhos, nas costas, nos ombros e no tornozelo”. Além de tantas dores, a quantidade de treino exigido para o bom desempenho do atleta restringe a sua vida em termos de diversão e, às vezes, de estudo.

A rotina de treinos é uma constante e, geralmente, tem início muito cedo na vida dos atletas. É curioso que diante das restrições e das dores, o atleta continua no esporte. Estaria buscando o quê, para colocar em segundo plano todo o sacrifício vivido? Aventuramo-nos a admitir que todo esforço é compensado pela busca de poder, pela glória, mas fundamentalmente pelo prazer. Mas é possível que a dor seja um caminho para o prazer? Isso parece, no mínimo, esquisito, se considerarmos que grande parte dos atletas passa por delicadas cirurgias para reparo de lesões ou, no caso do vôlei, para reparos das cartilagens dos joelhos.

Teríamos nesses atletas que expõem seus corpos ao máximo de suas capacidades, a necessidade de ultrapassar limites? Se considerarmos, no universo dos esportes, a quantidade de atletas que ingerem substâncias proibidas para aumentar o desempenho, mesmo que sejam prejudiciais à saúde, teríamos um ponto para iniciar a reflexão. Mesmo em circunstâncias que possam representar a diminuição das expectativas de vidas, alguns atletas não hesitam em recorrer a alternativas que os habilitem a desempenhos fantásticos.

Estaríamos diante de atitudes que se aliam à vida ou que encaminham o sujeito à morte, sem falar dos esportes radicais, por exemplo? Sem dúvida que o lado prazeroso em ultrapassar limites fala mais alto que a dor. Mas isso tem um preço. Quando a dor faz parte da convivência diária, os sinais sombrios da morte também se aproximam.

Outro campo em que a dor é desconsiderada como agente causador de desprazer é a *Body Art*, onde os artistas fazem incisões, queimaduras, implantes e outras formas de intervenções corpóreas sem o recurso da anestesia. O que seria então essas marcas que são produzidas no corpo?

As marcas corpóreas funcionam, para muitos adolescentes, como a memória de acontecimentos vividos de forma compartilhada que se relacionam com os processos de construção da identidade. São modalidades de usos do corpo utilizadas pelo sujeito moderno para circular no contexto das relações sociais, porém trazendo um sinal de diferenciação. Na verdade, seria uma possibilidade de fazer o corpo circular, mas com uma marca identificatória. Não somente essas marcas seriam uma forma de exibição de um corpo, como também indícios eróticos. As marcas são produzidas para tornar o corpo desejável.

CONCLUSÃO

A preocupação com o corpo é um fato, desde os mais remotos tempos. Basta que imaginemos a atitude do homem antigo em mumificar corpos. Mas a relação do homem com seu corpo passou por profundas mudanças ao longo da história dos costumes.

Com as novas descobertas e a produção de conceitos como o de infância e o de adolescência, muitas questões obscuras do desenvolvimento psicológico puderam ser esclarecidas. Exemplo disso é o entendimento acerca da relação do adolescente com seu corpo que se apresenta no campo dos costumes, destacando-se a moda e o esporte, mas igualmente no âmbito das práticas alimentares que são indicadas como métodos de obtenção de um corpo perfeito.

A busca pelo corpo perfeito parece atingir todas as faixas etárias. Mas é na adolescência que as questões com corpo mostram-se bem mais evidentes, tanto em função das profundas mudanças devido ao incremento dos hormônios na puberdade quanto pelas “silhuetas” que são oferecidas como verdadeiras formas nas quais o corpo teria de

forçosamente se encaixar. Daí então, o processo alimentar que deveria estar circunscrito ao âmbito do ciclo vital é deixado em segundo plano para que as aspirações de um corpo beleza sejam a meta.

Como consequência das pressões sociais que incidem na exigência de um determinado corpo, vemos o aumento significativo, em pouco tempo, de casos de anorexia e obesidade. Mas sabemos que é até certo ponto esperado que os adolescentes comam muito. Primeiro, para a manutenção do metabolismo. Segundo, pelo prazer de comer. O equilíbrio entre esses dois fatores nem sempre se consegue e os resultados são jovens com sérios problemas em relação à aceitação de seus corpos.

Ao lado das preocupações em moldar o corpo, temos condições que influenciam o jovem em sua relação com a ingestão de alimentos: o crescimento físico, os aspectos psicológicos, a influência da família e os valores da sociedade moderna.

A preocupação com a estética e com a autoimagem fez surgir no cenário dos dias atuais um arsenal, voltado exclusivamente para a modelação do corpo, como as academias de ginástica e a produção de suplementos alimentares. O culto ao corpo tanto pode ser um fator positivo no sentido da produção de condições para a melhora da saúde, quanto um fator negativo, pois pode ser a fonte de graves problemas de saúde quando são empregadas determinadas dietas ou o uso de substâncias químicas, como anabolizantes e moderadores de apetite.

Há também um aspecto da atualidade que deve ser considerado. A indústria de alimentos oferecidos em *fast food* deve ser considerada como uma dos fatores que intervêm diretamente na relação do sujeito com seu corpo e que contribui para que algumas pessoas apresentem sobrepeso e mesmo obesidade. A obesidade é um problema de saúde pública tal o aumento que se verificou nas quatro últimas décadas.

A obesidade não é apenas o acúmulo excessivo de gordura corpórea, pois traz consigo problemas arteriais, cardíacos, respiratórios e outros. Isso sem considerar um aspecto de natureza psicologia que é a impossibilidade, pelo sujeito, de controlar seu apetite.

Ainda no campo dos transtornos alimentares que afetam diretamente o corpo, encontramos a anorexia que se define pela recusa do sujeito em manter um peso adequado às suas condições etárias e físicas. Geralmente, os anoréxicos são movidos pelo grande temor de um dia se tornarem obesos. É muito comum, entre as adolescentes, algumas se

acharem obesas, mesmo estando na faixa de peso normal. Certamente, o temor ante um corpo obeso está associado à difusão do corpo magro, como ideal de beleza. Por esse motivo, as dietas são bem-vindas, como também são consumidos, em larga escala, produtos oferecidos, para se obter um corpo perfeito.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3

A seguir, são apresentadas afirmações que devem servir como pontos de referências às suas reflexões, para a execução da tarefa proposta.

- a. Uma em cada cem jovens desenvolve anorexia durante a adolescência, contra um jovem em mil.
- b. A anorexia é um distúrbio alimentar específico da adolescência que se deve a quase total ausência da vontade de comer, podendo ser um obstáculo à função reprodutiva.
- c. A anorexia deve-se à preocupação das jovens em terem uma imagem de sucesso.
- d. A obesidade é o movimento de produção de um corpo a ser recusado no contexto das relações sociais.
- e. Na verdade, o obeso não come em excesso de forma indiscriminada: ele come em excesso um determinado tipo de alimento que não consegue preencher o vazio que sente.
- f. Tanto a obesidade quanto a anorexia representam perigos à vida em termos de suas consequências.
- g. O cenário da contemporaneidade caracteriza-se pelo culto excessivo ao corpo, bem como a adoção dos procedimentos de modelação.
- h. O prazer corpóreo pode ser decorrente da dor.
- i. Existem pessoas que nutrem adoração pelo corpo e com isso suas relações sociais são precárias.

Agora responda:

1. Quais os perigos do culto excessivo ao corpo?

muitas vezes, alvos de severas críticas que tomam, às vezes, um caráter incontrolável. É com bastante frequência que a aparência de muitos adolescentes desperta sentimentos opostos como a perplexidade e a irritação. Geralmente, quando isso acontece, é provável que tais adolescentes estejam expressando o mal-estar em relação à imagem que têm de si. Com isso, estamos sinalizando que o processo de aceitação do corpo é uma tarefa difícil que precisa ser gradativamente construída, uma vez que o corpo é o reflexo das transformações psíquicas na adolescência. Por um lado, a adolescência é o período do desenvolvimento no qual se multiplicam os diferentes tipos de ataques diretos ou indiretos ao corpo, desde o desequilíbrio no contexto das funções alimentares, como nos transtornos conhecidos como obesidade e bulimia até a busca desenfreada de corpos ágeis no esporte e nas modificações corpóreas. O corpo é então objetivo desses ataques em razão da novidade entendida como as transformações fisiológicas da puberdade, pois o jovem é obrigado a “assumir” um corpo físico que lhe parece estranho. A puberdade é a fase da vida mais instigadora de desigualdades entre os adolescentes, favorecendo tanto a exibição quanto ao ocultamento do corpo.

Adolescência, trabalho e lazer

Francisco Ramos de Farias

AULA

15

Meta da aula

Apresentar a indústria do lazer como campo de oportunidades na área da cultura, do turismo e do esporte, incluindo a participação dos jovens neste setor.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. analisar atividades de lazer consideradas como modalidades de trabalho;
2. diferenciar educação profissional de atividades de lazer;
3. situar as atividades de lazer no âmbito do trabalho.

INTRODUÇÃO

O lazer e o esporte como modalidades de trabalho devem ser considerados, na adolescência e de um modo geral, sob dois prismas. Em primeiro lugar, devemos situar o esporte na Antiguidade e, com isso, nos reportamos ao mundo grego, onde o esporte tinha o significado de exibição de destreza afinada. Em segundo lugar, devemos pensar o esporte no cenário do mundo contemporâneo, aliado à condição de rendimento. Detemo-nos nesta última nuance do esporte para entendê-lo não apenas como forma de lazer, mas, sobretudo, como a possibilidade de divisa econômica e, por que não admitir, política?

Eis o que se depreende da proposta dos esportes olímpicos, que têm como pilastra de sustentação um fundamento difundido em termo do belo espetáculo. Mas sabemos que a concepção de belo espetáculo não esteve presente nos jogos de 1936, quando Hitler ignorou completamente os fundamentos éticos do esporte como forma de lazer, para impor práticas que conhecemos como fraude, suborno e *doping*, visando a demonstrar aquilo que em sua crença seria a superioridade alemã. Para tanto ordenou alterações de resultados, impedimentos da participação de alguns atletas em algumas provas, entre outras formas de práticas desonestas. A substituição dos fundamentos éticos do belo espetáculo por métodos que visam apenas a resultados calcava-se na expectativa da vitória a qualquer custo, uma vez que se pretendia com a vitória mais que um resultado esportivo: a expressão de domínio e poder representada pela supremacia ideológica alemã que encontrava sua expressão máxima no nazismo.

Certamente, a vinculação do esporte aos ideais de produção de renda produziu a expectativa por resultados máximos ao lado da expansão da política "esporte para todos", apresentada como possibilidade de lazer. Como reação à busca exagerada de índices, surgiram manifestações em vários campos. Dentre esses manifestos, destacamos em especial a Carta Europeia que, em um de seus artigos, define que a prática esportiva ou a atividade física devem ser consideradas como um direito de todos. É no espírito dessa concepção que a ideia de rendimento no esporte se modifica para a ideia de direito para todos.



Fontes: http://www.sxc.hu/pic/s/d/du/duchessa/1136532_training.jpg; http://www.sxc.hu/pic/s/d/du/duchessa/1136534_training.jpg

No pressuposto do esporte e da atividade física como direito de todos, surgiram muitas frentes de ocupação, de forma indireta, em termos de lazer e de trabalho. Daí as manifestações esportivas comportam tanto atletas, como também uma rede de pessoas vinculadas ao comércio informal, como, por exemplo, ambulantes. Também são abertas muitas possibilidades de lazer diretamente derivadas do esporte, como, por exemplo, o esporte-educação, o esporte-lazer e outras formas de participações esportivas que são empreendidas em nome da construção da cidadania. Com isso, faz-se uma demarcação bem nítida entre o esporte relacionado ao rendimento e o esporte como forma de lazer, ou seja, o esporte ganha uma dimensão no processo de socialização.

A vinculação entre esporte, lazer e adolescência é um tema que deve ser cuidadosamente discutido na atualidade. Por esta razão, propomos que você reflita e analise as possibilidades que o lazer, o grande diferencial econômico nas últimas décadas do século passado, pela significativa expressão em vários setores das atividades humanas, apresenta para os jovens de um modo geral. Pretendemos também discutir como o lazer, nos tempos atuais, tem se revertido em uma das ocupações significativas para os jovens, principalmente e, sobretudo, considerando o cenário de mudanças estruturais dos nossos tempos, entender que valores são veiculados em termos do esporte como meio de ocupação e como meio de satisfação pessoal.

Não devemos esquecer as grandes conquistas que o homem alcançou no referido século para a melhoria da qualidade de vida, seja em termos do sistema de prevenção a doenças, seja em termos da produção de bens preciosos para o bem-estar. Certamente essas conquistas refletem-se fundamentalmente na inclusão de pessoas em atividades de lazer e, nesse empreendimento, a

criatividade do homem fala mais alto para superar os grandes desafios frente às crises mundiais como que nos deparamos, seja a fome, as epidemias, o analfabetismo, a violência entre outras.

O sentido maior dessas conquistas reside na compreensão de que o tempo livre não deva ser visto apenas como uma possibilidade de tempo sem trabalho, ou seja, como um tempo de exclusão social. Por isso, o nosso cotidiano exige que o homem aperfeiçoe seus métodos de atuação, valendo-se das experiências acumuladas e dos pactos firmados institucionalmente. Isso porque, no final do século XX, a eficácia das máquinas impôs ao homem um novo estilo de vida, observado, principalmente, pelo rápido crescimento das cidades, que trouxeram a exigência para seus habitantes do uso das parafernalias oriundas do grande avanço tecnológico.

Mas, se por um lado, as máquinas trouxeram um grande progresso, por outro, trouxeram também grandes inconvenientes em termos da diminuição dos espaços livres, o aumento da violência e, conseqüentemente, expondo o homem no seu dia a dia a uma vida mais estressante. Por essa razão, nenhum tema é mais atual do que a discussão sobre a qualidade de vida, motivo pelo qual o tema do lazer aparece sempre em primeiro plano, ou seja, é preciso planejar melhores condições de vida para as pessoas. Mas por que o homem precisa do lazer, além do trabalho?

Certamente o lazer faz parte das necessidades humanas. O homem brinca, se diverte, joga e com isso se distrai. Nessas ações, firma laços sociais e, dessas atividades, são produzidas ocupações das mais variadas. Sendo assim, o lazer tem dupla faceta: é um meio de distração e uma das fontes geradoras de atividades que não devem ser pensadas apenas como aquilo que se destina à ocupação do tempo livre. O lazer, então, está intimamente vinculado às manifestações populares que geram trabalho e solidariedade. Por isso, é preciso salientar que o lazer educa e influencia na construção da cidadania de forma a ser uma valorização para o homem. Assim, é preciso discutir alternativas que possam aprimorar o atendimento da população jovem pelo exercício contínuo de trocas de ideias e de experiências.

Não é desconhecido, nos dias atuais, o tipo de queixa dos jovens em termos da dificuldade de conseguir um primeiro emprego, seja pela falta de escolaridade, seja pela falta de experiência. Muitas vezes, este tipo de reivindicação acaba se transformando em um círculo vicioso: o jovem não consegue emprego porque não tem experiência e não tem experiência porque não tem estudo. Desse modo, é fundamental que as políticas edu-

cativas concentrem o seu olhar, de forma mais aguçada, para esta questão. Quer dizer, uma das tarefas da educação é preparar o jovem para incorporar-se ao mundo do trabalho, em termos do oferecimento de um amplo espectro de oportunidades para a juventude.

O JOVEM E O UNIVERSO DO LAZER



Fonte: <http://static.blogstorage.hi-pi.com/photos/opraticante.bloguedesporto.com/images/gd/1265569719/Provas-Jovem-e-Lazer-do-Duatlo-das-Lezirias.jpg>

Em primeiro lugar, devemos situar o lazer como oferta de entretenimento que focaliza, na maioria das vezes, o tempo livre, conforme mencionamos, mas existe uma outra faceta do lazer que é a oferta de uma experiência criativa para um tempo em relação ao qual deve ser considerada a qualidade de vida. O lazer também pode ser considerado como a resposta à demanda de uma sociedade que passou por profundas transformações. Enfim, não devemos esquecer que o lazer é também uma expressiva atividade econômica que abre novos espaços de ocupação e novas oportunidades de trabalho. Sem dúvida, o lazer apresenta um enorme potencial para gerar novos empregos.

Diante dessas constatações, o mundo atual precisa, mais que nunca, potencializar o campo do lazer como gerador de emprego.

Para isso, o lazer não pode estar desvinculado das políticas educativas e também dos projetos destinados à melhoria da qualidade de vida do homem no exercício pleno de sua cidadania. Sob este prisma, devemos situar o campo do lazer como opção profissional para o jovem, tanto no esporte, quanto nas artes e no turismo. Além disso, o lazer também deve ser considerado com parte integrante do processo de socialização, pois o campo de profissionalização não pode descartar as oportunidades decorrentes deste tipo de atividade humana. Sendo assim, devemos olhar mais de perto o envolvimento da população de jovens nessa promissora carreira profissional.

Mas, nessa caminhada, teremos que enfrentar alguns desafios. Associar temas como lazer, juventude e emprego não é uma tarefa fácil, principalmente pelo fato de que essa associação nos remete a uma outra: lazer, qualidade de vida e cidadania. Mesmo frente a tantas dificuldades, temos que fazer uma escolha para refletir sobre tão complexa questão. Começemos pelo que há de mais elementar, apresentando o que entendemos por lazer, no âmbito da educação formativa, como o processo que motivou significativamente educadores a incluir no cotidiano de suas atividades itens relacionados ao jogar, ao brincar e à diversão. Para tanto, basta que lembremos os *slogans* que eram difundidos, com muita ênfase, nas duas últimas décadas do século XX: “educar para o lazer” e “educar pelo lazer”.

A educação “para” e “pelo” lazer oscilou entre dois extremos em termos práticos: a) inclusão, nos currículos, de disciplinas específicas sobre lazer e b) em uma visão mais progressista, que considera que todo o currículo escolar deveria contemplar a ludicidade, de modo a explorar todos os conteúdos específicos de todas as disciplinas por intermédio da educação pelo lazer. Daí nasceu um contexto que propõe um novo entendimento do processo de socialização tendo como base a Sociologia e a Psicologia do Lazer, campos do saber científico que se encarregaram de explicar a importância da adesão de uma pessoa à experiência de lazer.

Não tardou muito para houvesse a propagação da ideia do lazer como um direito de todos e dever do Estado. Sem dúvida que isso foi um grande passo para o pleno exercício da cidadania em termos de inclusão social. Desse empreendimento, o lazer logo passou a ser concebido como uma modalidade de promoção social, sendo que essa forma de inclusão é solidária à perspectiva do direito do cidadão. Porém, não devemos

esquecer o impacto decorrente de medidas governamentais que têm distanciado muitos jovens de oportunidades significativas em suas vidas, como a crescente onda de desemprego que atinge frontalmente os jovens que não conseguem colocação no mercado de trabalho.

Afora esse aspecto negativo, devemos sinalizar um outro bastante positivo: como o Brasil é um país jovem, há ainda muita coisa a ser feita e essa é a esperança para os jovens em termos de redução de jornada de trabalho e programas de educação permanente, incluindo o lazer como a forma inteligente de vida, no sentido de ser um caminho e um grande estímulo para o jovem inventar uma profissão e com isso garantir um trabalho no futuro. A invenção que é estimulada para o jovem sugere que a condição de segurança não é ter um patrão, e sim a liberdade como possibilidade de ter um trabalho como lazer e que o lazer deve ser encarado como uma forma de trabalho. Basta que lancemos nosso olhar para novas profissões cujo mercado cresce significativamente: turismo, produção cultural, entre outras. Eis o que se apresenta como advertência para os jovens: façam somente aquilo que gostam de fazer e daí advém o sucesso.

A respeito das possibilidades de ocupação para os jovens, uma pesquisa cujos dados foram publicados pela *Folha de S. Paulo* e no livro *20 anos*, lançados no ano 2000, trazem informações preocupantes na análise de temas como a questão da morte, a dinâmica da família e as condições de emprego. As informações divulgadas nessas fontes detêm-se na preocupação de construir o perfil do trabalhador do futuro, considerando as grandes mudanças sociais e demográficas. Trata-se de um perfil completamente diferente de tudo o que já é conhecido, pois é o próprio jovem que deve se ocupar da construção dos contornos de profissão inventada. Além disso, os dados apresentam como o grande desafio do Estado a tarefa de gerar emprego e renda para o segmento jovem da população brasileira.

Nessa postura, temos então o jovem lançado a um mar de incertezas. Diante desse cenário, quais são então as suas alternativas? Sem dúvida que a “indústria do lazer” é um horizonte promissor em suas inúmeras facetas, mas isso em termos de perspectivas futuras. Mas, precisando ter clareza quando falamos de lazer no sentido de circunscrever, de qual tipo de lazer estamos nos referindo? Será que estamos falando

do lazer associando-o ao ócio ou ao negócio? Para dar prosseguimento às nossas reflexões, devemos, em primeiro lugar, indicar que o campo de lazer é vasto e apresenta múltiplas possibilidades, uma vez considerada a gama de experiências que é difundida pela mídia.

Em segundo lugar, o lazer é uma dimensão privilegiada da expressão das atividades humanas a partir da qual é possível uma experiência criativa e satisfatória motivada pela liberdade de desenvolvimento pessoal e de participação social. Mas é preciso que indiquemos que há no lazer uma dimensão diretamente veiculada ao consumo rápido e indiscriminado de tempo e de bens, em que o lúdico cede lugar ao mecânico, sendo que o resultado é mais importante do que o processo e que a motivação não é mais a atividade de recreação. Assim, muitas atividades destinadas ao lazer transformam-se em negócios promissores em termos de cifras econômicas.

Disso então depreendemos que, com relação ao lazer, podemos situar um contraste entre o “livre” e o “obrigatório”, que remete à clássica distinção entre trabalho e lazer entendidos como atividades excludentes. Mas será que trabalho e lazer são atividades consideradas em termos de oposição? Para nos aprofundar nessa discussão, convém salientar que a relação entre trabalho e lazer pode ser analisada segundo três naturezas distintas: a) aproximação; b) distanciamento e c) reaproximação.

A dimensão de aproximação entre trabalho e lazer é um aspecto presente nas sociedades primitivas. A dimensão de distanciamento entre essas duas esferas da experiência humana refere-se ao novo cenário criado pela Revolução Industrial, que não só foi responsável pelo aparecimento de um tempo disponível para o lazer além das atividades de trabalho como pela promulgação de que o lazer é uma necessidade relativa à sobrevivência do homem.

A terceira dimensão dessa relação advém do contexto das sociedades pós-industriais, em que o lazer permeia as relações de trabalho. Daí surgiram os conceitos de lazer engajado ou lazer comprometido.

Nesse novo cenário, foram construídas três categorias de homens implicados no lazer:

- a. O amador, que é aquele que ama o que faz e se aprofunda em conhecimentos para aperfeiçoar cada vez mais suas atividades, sem considerar o âmbito da recompensa.

- b. O *hobista*, que é aquele que faz grandes investimentos para ter uma boa experiência de lazer.
- c. O voluntário, que é aquele que faz uma livre escolha, colocando a ação remunerada em segundo plano e que visa ao benefício de um grupo.

Em qualquer uma das três categorias apresenta-se um novo estilo de vida para a utilização do tempo disponível, considerando-se que a experiência do lazer é vista em uma perspectiva de carreira, mas que deve atender tanto ao desenvolvimento pessoal quanto à possibilidade de construção de um meio de sobrevivência.

A esta altura de nossa reflexão, é fundamental que lancemos uma questão: a busca pelo lazer por parte do indivíduo pode influenciar sua escolha profissional? Eis uma questão complexa em relação a qual podemos falar tanto de oportunidades quanto de ameaças. Por um lado, temos a vertente da indústria do entretenimento que, de forma geral, tem como meta ampliar os programas de lazer. E estamos diante de uma grande ameaça, na medida em que programas são desencadeados para estruturar o lazer na iniciativa pública e também na privada no sentido de oferecer um cardápio com um grande leque de possibilidades de atividades para serem prontamente consumidas.

Por outro lado, vendo a questão sob um prisma positivo, podemos admitir que o papel fundamental do profissional implicado em atividades de lazer é ser coadjuvante em programas de socialização para que os diversos setores como família, associações de moradores, clubes, entre outros, enfatizem os valores do lazer como também uma modalidade significativa de trabalho. Assim, podemos pensar na perpetuação de oportunidades privilegiando tanto aqueles que já estão engajados nas atividades de lazer quanto aqueles que pretendem fazer parte desse universo, como os jovens, por exemplo. É importante salientar que devemos oferecer oportunidades às pessoas que, pelas mais variadas razões, não tiveram acesso ao bem cultural referido ao lazer.

O passo mais importante nessa direção seria sair de um círculo vicioso para fazer parte de um círculo virtuoso, e isso exige a participação de profissionais habilitados e sensíveis às demandas do contexto social. Por esse motivo, a prática educativa não pode ignorar esse aspecto. O que entendemos por isso? Em primeiro lugar, devemos estar conscientes de que há, no mundo atual, uma necessidade de profissionais de lazer.

E, se existe um espaço para esses profissionais, não se deve deixar de lado a formação de profissionais em termos de níveis diferenciados de intervenção. Em segundo lugar, devemos idealizar um programa de intervenção no âmbito do lazer considerando o segmento referido à gestão.

Não podemos imaginar um setor no mercado de trabalho, com expressão significativa no âmbito das atividades humanas, em que os profissionais não tenham uma formação sólida, principalmente quando focalizamos o segmento referente à gestão no campo do lazer. Há ainda que salientar que o projeto de capacitação de voluntários, em grande massa, está ainda em fase embrionária ou são muito tímidos. Também esses profissionais que são capacitados nesses programas de formação rápida e em massa muitas vezes não resistem à ação do tempo no sentido de que tais programas resultem, para as pessoas que deles participam, em um novo estilo de vida. Em muitas das circunstâncias, a atividade de lazer para algumas pessoas é apenas uma situação passageira enquanto ocorre uma outra formação profissional.

Sob esse prisma, o lazer representa uma possibilidade promissora para a juventude. O Estado deve, então, estender políticas de formação profissional para os jovens no sentido de capacitá-los para o exercício de agentes voltados para o lazer comunitário. Assim, o jovem poderia se engajar em projetos para desenvolver conhecimentos e habilidades, no sentido da socialização de diferentes conteúdos do lazer, mas deveria receber também uma formação básica que incluísse aspectos teóricos, questões relacionadas à administração e o aprendizado de um amplo espectro de atividades lúdicas. Isso envolve um programa de educação para o lazer, mas, ao mesmo tempo, cria um novo agente de intervenção social bastante preparado para atuar no contexto das relações sociais, além de oferecer oportunidades reais no mercado de trabalho.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Considere alguns programas que foram desenvolvidos na última década do século XX, na cidade de Belo Horizonte:
 - a) o grupo Caco (Grupo Cara e Coragem), que congregou jovens que passaram por um treinamento intensivo, utilizando abordagens lúdicas com um leque ampliado de informações. Esse grupo de jovens visitou escolas para

trabalho, seja em atividades produtivas, seja em práticas associativas que beneficiem não só o jovem, mas também, a comunidade em que ele está inserido. Neste sentido, o jovem pode se engajar em projetos sociais e educativos, que, além de promoverem seu crescimento pessoal, garantam seu desenvolvimento como profissional. Assim, ganha a sociedade e ganham os jovens, que têm a possibilidade de se tornar atuantes e produtivos. Além disso, devemos ter em mente que essa possibilidade de trabalho acompanha a formação pedagógica do próprio jovem, isto quer dizer que ele pode desenvolver seus conhecimentos e habilidades específicas junto com sua capacidade técnica. Veja a seguir um exemplo extraído do site: <http://educacaofisicaufvjm.wordpress.com/2010/05/page/2/>.

Manhã de lazer em São Gonçalo do Rio das Pedras

Com o intuito de desenvolver um trabalho teórico-prático relacionado às disciplinas de “Metodologia de Ensino” e “Recreação e Lazer”, os(as) alunos(as) do 1º e 4º períodos do curso de Educação Física da UFVJM organizaram uma Manhã de Lazer em São Gonçalo do Rio das Pedras. Esse trabalho foi coordenado pelos professores Hilton Fabiano B. Serejo e Flávia Gonçalves da Silva. Essa Manhã de Lazer ocorreu no dia 1º de maio, sábado, e contou com a participação de aproximadamente 200 pessoas da comunidade citada. Entre as diversas possibilidades de experiências, os(as) discentes da UFVJM desenvolveram oficinas de arte, gincana comunitária, esportes, jogos, brinquedos e brincadeiras tradicionais. “Foi uma troca de experiências muito gratificante”, “Precisamos de mais trabalhos como esse”, “Adorei!”, essas foram as falas mais comuns de se ouvir dos(as) alunos(as) UFVJM ao final do dia. Importante destacar o carinho e a receptividade que a comunidade teve com os(as) discentes da Educação Física. “Queremos que voltem aqui mais vezes”, disseram vários moradores de São Gonçalo. Esse “aconchego” da comunidade para com os(as) alunos(as) foi estimulante para o trabalho que se desenvolveu. Parafraseando um projeto institucional da UFVJM (Universidade de Portas Abertas), poder-se-ia dizer que foi “São Gonçalo do Rio das Pedras de Portas Abertas”. Destaca-se que esse trabalho é um espaço de encontro e convívio entre as pessoas, de exercício da criatividade e expressão lúdica. Além disso, é uma vivência marcada pelo prazer e pela liberdade dos sujeitos envolvidos. Afinal, o lazer é um direito constitucional, expressão da cultura e da cidadania dos povos, o que contribui para levar um pouco mais de qualidade e sensibilidade à vida humana.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E LAZER

A educação profissional é um tema delicado. Até pouco tempo, ou seja, até quase a última década do século XX, na realidade brasileira existiam aspectos da legislação que eram verdadeiros empecilhos à formação dos jovens. Foi preciso o grande educador Darcy Ribeiro encarregar-se do projeto de promulgação da Lei de Diretrizes e Bases para que o cenário da formação se modificasse substancialmente.



Fonte: <http://fundar.tempsite.ws/controller.php?pagina=19>

Darcy Ribeiro nasceu em Minas Gerais, no ano de 1922. Formou-se em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP) em 1946, dedicando seus primeiros anos de vida profissional aos estudos indígenas. Neste período, fundou o Museu do Índio e criou o Parque Indígena do Xingu. Segundo consta em seu site pessoal, que contém informações importantes sobre sua vida e obra:

Darcy começa sua vida profissional como antropólogo. Posteriormente, ingressa na área educacional, atingindo rapidamente o cargo de ministro da Educação, em 1962, durante o Governo João Goulart. Tinha, então, apenas 29 anos. Sua trajetória sempre esteve próxima às lideranças dos Governos, o que tornou inevitável seu ingresso na vida política: foi ministro-chefe da Casa Civil do presidente João Goulart em 1963, vice-governador do Rio de Janeiro em 1982, secretário de Cultura, coordenador do Programa Especial de Educação, e senador da República de 1991 até sua morte, em 1997. Durante esses mandatos, também concretizou projetos na área ambiental. A intensa produção de livros o transformou em um dos imortais da Academia Brasileira de Letras (ABL), onde viria a ocupar a cadeira 11 em 1993. Nos últimos anos de vida, surpreendeu com sua produção de poemas.

Sobre sua atuação política na esfera educacional, na sua biografia consta: "Em seu retorno ao Brasil, em 1976, depois de um longo

período de exílio pós-golpe militar de 64, volta a dedicar-se à educação e à política, tendo sido eleito vice-governador do estado Rio de Janeiro em 1982. Em 1983, assenta as bases do que viria a ser o Programa Especial de Educação, com o encargo de implantar 500 Cieps, escolas de horário integral para crianças e adolescentes. Anos mais tarde, elege-se senador da República pelo estado do Rio de Janeiro em 1991, tendo elaborado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 20 de dezembro de 1996 como Lei Darcy Ribeiro.”

Fonte: <http://fundar.tempsite.ws/>

Até então, sem considerar diferenças regionais, a legislação vigente propunha a centralização da formação em currículos válidos para todo o país, que eram aprovados pelo Conselho Federal de Educação. Esses currículos pretendiam uma espécie de universalização que ignorava as mais diferentes realidades e as mais diferentes situações. Com a nova legislação, foram formulados parâmetros que favorecem a liberdade de criação das escolas, considerando a inserção geográfica e econômica. Um passo decisivo a esse respeito aconteceu no âmbito da educação básica, não em termos da mudança de tempo de ensino, mas modificou profundamente a essência desse processo, no que se refere à formação do educando.

A legislação atual sobre o assunto traz como novidade a tese de que a educação básica é obrigatória e que o ensino médio deverá ser estendido a todo o país. Atualmente sabemos que é meta do governo federal empreender políticas efetivas no âmbito da educação básica. Tal situação se reflete em cifras: atualmente no Brasil temos aproximadamente dez milhões de alunos frequentando a educação básica. Mas o que mudou em termos das políticas educacionais?

O que mudou significativamente foi a educação geral e a educação básica, que era, antes, acoplada à educação profissional. A nova legislação trouxe como proposta a separação desses dois estágios da formação educacional: a educação básica passa a se constituir com um direito de todo cidadão, sendo, pois, obrigatória, a exemplo de muitos países. Também foi fruto da nova legislação o término do projeto que determinava que uma dada habilitação, para ser considerada nacional, teria de ser aprovada pelo Conselho Federal de Educação e que as habilitações regionais ficariam ao encargo dos Conselhos Estaduais. Essa regulamentação em termos de habilitações desapareceu para dar lugar às áreas profissionais.

Aqui nos interessa situar a área profissional no leque do MEC denominada Turismo e Lazer, que é circunscrita em termos de parâmetros e diretrizes gerais. Porém, cada escola tem a liberdade de construir o seu currículo quando tiver como meta formar um técnico em lazer. Assim, a escola terá a liberdade de programar o currículo em consonância com o profissional que pretende formar, considerando os aspectos da realidade de inserção da escola e a possibilidade de ocupação de profissionais no mercado de trabalho. Com isso, a escola constitui-se como um forte aliado para atuar junto à questão do desemprego, que é um problema estrutural, mas igualmente um problema de falta de qualificação profissional.

O Brasil freta navios estrangeiros para atuarem na indústria da pesca, porém não tem tripulação especializada para operar esses barcos. Por quê? Em primeiro lugar, porque são barcos de alta tecnologia e, em segundo lugar, as escolas de formação de profissionais ainda não propuseram em seus currículos conteúdos voltados para esse setor do mercado de trabalho. Então, temos nesse exemplo, um caso típico da falta de formação profissional e, se levamos em conta que a indústria pesqueira gera empregos diretos e indiretos, veremos como a situação é bastante grave.

A educação profissional, com a nova lei, não deve mais estar presa a um tipo de determinação, podendo ser independente, pois as escolas têm autonomia na elaboração de seus currículos. Mas como devem proceder as escolas no processo de formação profissional? Em princípio, devem estar atentas às tendências do mercado de trabalho no sentido de cotejar quais os seguimentos que estão em expansão para então organizar seus cursos nesses setores.

A autonomia que foi concedida à escola representou a quebra dos antigos paradigmas que permeavam o processo de formação profissional. Mas há nisso uma nuance que é alvo de muitas críticas: as escolas formam um profissional tão específico e voltado para a realidade regional e econômica, que dificilmente poderia se sair bem em outras circunstâncias. Seria algo comparável à situação de um pássaro criado em uma gaiola que sequer tem noção da liberdade referida ao aprendizado do voar.

Em função dessas críticas, vemos profissionais de alguns setores da formação profissional alimentar a esperança de um retorno ao processo vigente em outras épocas. O caso mais marcante é o Ministério da

Educação e do Desporto, que promulga a possibilidade de um retorno ao passado. Mas o projeto em termos de grandes diretrizes e das ênfases curriculares tem como foco a educação básica e também a educação profissional. Sendo assim, o que pode acontecer é a proposta de diretrizes específicas para cada profissão, e a escola deverá, a partir dessas diretrizes, se organizar para oferecer o ensino, de modo a não deixar de fora toda a contribuição da educação não formal que acontece em espaços não instituídos para tais fins, como um transporte coletivo, por exemplo. Assim, a escola não pode ignorar a importância de tudo o que o aluno aprende fora do contexto escolar.

A educação não formal no processo de formação do jovem pode ser um caminho no processo de educação profissional, principalmente na área profissional que estamos focalizando, o lazer, que abre, assim, a possibilidade de expressão de competências que podem ser devidamente acolhidas pela escola. Essas experiências podem ser convertidas em exigências, se considerarmos que as competências são um tipo de instrumentalização que o educando pode trazer em termos de uma profissão.

Isso para jovens e adultos jovens que se entusiasmam com o campo profissional do lazer pode ser um enorme avanço, pois representa uma abertura de iniciativas. Por um lado, o lazer é o campo que mais cresce no país e em uma grande velocidade. Por outro, os empresários se queixam de não existirem profissionais habilitados no mercado. Tem-se a sensação de que os profissionais que são lançados no mercado trazem as marcas do despreparo em relação ao processo de formação, pois no dia a dia apresentam muitas deficiências. Até pouco tempo atrás, por exemplo, a inserção das pessoas na área do turismo e lazer contava com o impedimento relativo ao domínio de uma língua estrangeira, além de conhecimentos de informática.



Figura 15.1: Um cruzeiro, por exemplo, pode ser uma dessas possibilidades de inserção do jovem no mercado de turismo para trabalhar. Entretanto, devemos ressaltar que para formação deste jovem profissional nesta área, o conhecimento de outros idiomas é crucial na sua capacitação, haja visto o número de turistas estrangeiros que participam de viagens e eventos em cruzeiros.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/726350>

Essa situação se agrava também no setor de hotelaria e de restaurantes. Por essa razão, a proposta de reformulação do processo de formação profissional deve incluir condições referentes à comunicação e ao manejo de conhecimentos de informática. Tudo isso já deve fazer parte do programa de educação básica, para que o jovem possa estar preparado para ter acesso a esse mercado.

É fundamental assinalar que, enquanto os educadores estão focalizando suas preocupações para o ensino superior, os jovens estão pensando em trabalhar tão logo terminem o ensino médio. Para muitos jovens, é mais importante ingressar no mercado de trabalho do que em uma universidade. Dados da Fundação Mudes (Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social que, em parceria com várias instituições públicas e privadas, promove programas de

REUNI

O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto nº 6.096/2007, é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior.

estágios para jovens estudantes) indicam que existem muitas pesquisas realizadas no estado de São Paulo que confirmam essa tendência. Além disso, não é mais novidade o fato de que muitos jovens que estão inseridos no ensino noturno, porque trabalham, valem-se de suas experiências de trabalho para dar consistência a seus estudos.

Projetos do Governo Federal têm sido desenvolvidos no sentido da oferta de cursos noturnos em universidades federais e isso tem sido bastante incentivado na primeira década deste século com o projeto **REUNI**. Isso significa que, para muitos que trabalham, não resta apenas a possibilidade do ensino em instituições de formação que são mantidas pela iniciativa privada.

Esse novo cenário, o do jovem que aspira por uma inserção no mercado de trabalho tão logo termine o ensino médio, funciona tanto para as escolas do governo quanto para qualquer entidade que esteja disposta a manter um programa de educação profissional. Nesse sentido, os recursos devem ser organizados tanto para a criação e melhoria de ambientes físicos, como para a compra de equipamentos que são necessários ao processo de expansão da educação profissional. Outros programas também estão sendo idealizados para apoiar os projetos voltados para o Ensino Médio. Mas é preciso saber o que é possível em termos da legislação. Vamos nos deter um pouco nesse aspecto.

O LAZER NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Do ponto de vista das diretrizes referidas pela LDB, alguns problemas já foram superados no setor do lazer para a formação profissional com a criação de cursos técnicos. Temos, em nível federal, as escolas técnicas que recentemente mudaram de denominação e, em nível estadual, no estado do Rio de Janeiro, com o exemplo da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC). Todas as mudanças empreendidas visam a atender tanto as necessidades de uma sólida formação profissional quanto colocar no mercado profissionais para preencher as lacunas existentes.

Prova disso é a verba destinada para o ensino médio para atender as necessidades de formação profissionalizante. Mas oferta de verbas não significa ainda qualidade, embora possa ser um caminho frutífero nessa direção. Cabe salientar que os esforços das políticas de educação,

nos tempos atuais, deve se concentrar na qualidade do ensino, objeto de atenção no âmbito da educação básica.

Isso significa que, na área de formação de profissionais do lazer, teremos que investir em um modelo próprio de capacitação, como os cursos de bacharelado, diferente do projeto referente às licenciaturas, e que muitos aspectos devem ser considerados e implementados, seja no preparo dos professores que vão se encarregar da formação desses profissionais, seja na daqueles que vão monitorar suas atividades práticas. Assim, somos da opinião de que a formação do profissional da área de lazer deve ser fruto de um projeto amplo e que as escolas de regiões tão diversificadas do país não podem ser iguais.

O LAZER E A INDÚSTRIA DO EMPREGO

Uma das grandes preocupações do **MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO** são as políticas referentes à geração de emprego e de renda no âmbito da indústria do lazer. Essa preocupação pode ser entendida como uma mudança de postura, do perfil e da história desse ministério, pois somente na última década do século XX é que tal ministério se encarregou de programas específicos que consideram a descentralização na relação entre o capital e o trabalho. Essa relação passou a ser objeto de estudo em função das cifras referentes à inflação. Dificilmente seria possível pensar essa relação, considerando o mercado de trabalho e o setor produtivo em um universo permeado por altos índices de inflação a curto prazo.

Por um lado, existem aqueles que consideravam que o setor produtivo estava organizado no setor formal e, por outro, alguns teóricos entendiam que o setor produtivo era desorganizado e informal a ponto de confundir trabalho precário, pobreza e dificuldade com baixos níveis de rendimento. O grande ponto de mudança é que a forma de organização econômica do setor produtivo é consoante com a globalização em sua política de eliminar fronteiras, principalmente no âmbito do consumo.

Mas o que poderíamos refletir sobre a globalização? Não sejamos ingênuos de pensar que a globalização é a grande novidade do final do século XX, porque a lógica do sistema capitalista desde muito tempo predominou na política econômica do Brasil, seja em termos de globalização, seja em termos de expansão de mercado. Basta que relembremos

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO

No início de 1930, foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, por meio do Decreto nº 19.433 assinado pelo, então, presidente Getúlio Vargas. Somente em 1999, o Ministério passou a ser denominado Ministério do Trabalho e Emprego, por meio da Medida Provisória nº 1.799.

Sua competência abrange os seguintes assuntos: política e diretrizes para a geração de emprego e renda e de apoio ao trabalhador; política e diretrizes para a modernização das relações do trabalho; fiscalização do trabalho, inclusive do trabalho portuário, bem como aplicação das sanções previstas em normas legais ou coletivas; política salarial; formação e desenvolvimento profissional; segurança e saúde no trabalho; política de imigração; e cooperativismo e associativismo urbanos.

que o chamado descobrimento do Brasil foi fruto de uma política de expansão mercantil. Não obstante, temos que salientar que muita coisa mudou: naquela época, as caravelas portuguesas levaram três anos para atracarem em terras brasileiras e atualmente a transferência de dinheiro se faz em segundos. Certamente, faz parte de nossas experiências atuais uma nova forma de globalização que reflete uma lógica do sistema capitalista com o qual convivemos.

Essa remissão na história se fez necessária para indicar que temos que refletir sobre o entendimento acerca do setor produtivo. Primeiro, devemos abandonar a classificação de setor formal e informal, pois a indústria do lazer aloca-se em ambos. Segundo, não devemos entender agricultura, comércio e serviços como setores isolados. Terceiro, temos que imaginar que estamos diante de **CADEIAS PRODUTIVAS**, para que possamos situar a indústria do lazer. Aprofundando mais essa questão, salientamos que a denominação de setor informal é bastante inadequada, visto que as pessoas que estão integradas no mercado de trabalho, sem carteira de trabalho assinada, são extremamente necessárias à própria lógica de expansão capitalista que é a característica de nossos tempos.

Em outras palavras: o setor produtivo sobrevive às custas das chamadas cadeias produtivas, que englobam os diferentes setores da indústria, da agricultura, do comércio e de serviços. Sendo assim, os profissionais do lazer fazem parte dessas cadeias produtivas da mesma forma que o setor de produção tecnológica. Desse modo, os técnicos da tecnologia sofisticada, o produtor terceirizado de parafusos, o produtor de peças de roupas que trabalha no quintal de sua casa, o guia turístico, o promotor de festas e outros tantos profissionais estão integrados em uma mesma cadeia produtiva. Assim chegamos na esfera da chamada “indústria do lazer”, para lançar mão de uma expressão que significa um avanço qualitativo no âmbito cultural e econômico.

CADEIA PRODUTIVA

É uma sucessão de operações (ou de estágios técnicos de produção e de distribuição) integradas, realizadas por diversas unidades interligadas como uma corrente, desde a extração e manuseio da matéria-prima até a distribuição do produto.

Na língua portuguesa temos, a respeito da expressão “indústria do lazer”, uma interessante peculiaridade. Primeiro, porque a palavra indústria quase se tornou sinônimo de metalurgia, e isso determina uma série de políticas em termos da relação entre capital, trabalho, qualificação profissional e distribuição de renda. E segundo porque, convém lembrar, o sentido da palavra indústria, na língua portuguesa, é bem diferente do significado em outras línguas, como no inglês, em que a palavra “*industry*”

se refere a toda e qualquer forma de produtividade e de geração de renda. Daí que, nesses países, utiliza-se comumente a expressão “indústria do cinema”, “indústria da moda”, indústria de vendas”, entre outras.

A INDÚSTRIA DO LAZER

As perspectivas históricas para o uso da expressão “indústria do lazer” são bem complexas, razão pela qual é importante fazer o dimensionamento das diferentes categorias em termos de política do trabalho e de renda. É importante salientar que esse fato gera uma crise na preparação dos profissionais: como preparar alguém no setor da indústria, quando se tem como alvo o lazer e não o setor metalúrgico? Para refletir sobre essa questão teremos que, em primeiro lugar, recorrer ao conceito de trabalho, que era formulado como um conceito sociológico e, atualmente, é compreendido como uma categoria relacionada a questões de cunho sociais, como sobrevivência.

Essa distinção é importante para que se entenda o trabalho desvinculado do consenso sociológico relacionado ao viés cultural da tradição judaico-cristã, cujo significado era “ganhar o pão com o suor do rosto”. Ora, atualmente, o trabalho situado no âmbito do setor econômico e de política pública coloca-se como uma questão de problema social. Por isso, faz-se necessária a qualificação de agentes do setor produtivo centrada mais na pessoa. Neste sentido, podemos pensar em uma formação de profissionais voltados para a “indústria do lazer”. Além do mais, nesse novo contexto, a ideia de trabalho e de renda se assenta em uma política estreitamente vinculada aos direitos humanos. Por esse motivo, a qualificação profissional tem que ser um direito do trabalhador e da população economicamente ativa.

Enveredando por esse viés, refletiremos agora sobre a formação profissional no contexto do lazer como produção de emprego e de renda, como a fonte mais promissora de ocupação profissional do homem no terceiro milênio. Sem sombra de dúvidas, a “indústria do lazer” pode representar uma economia significativa das comunidades em um momento em que, em todo o planeta, são feitas menções a esse setor da atividade econômica como aquele potencialmente capaz de gerar mais empregos.

Com toda certeza, a grande maioria dos jovens, neste século, está envolvida economicamente em atividades de lazer, pois tais atividades representam uma cadeia econômica bem consistente. Basta que pensemos nos parques temáticos para dar apenas um exemplo.

Na atualidade, as atividades de lazer não são circunscritas apenas àquilo que é natural, seja do ponto de vista geográfico, seja do ponto de vista histórico. Com toda a parafernália tecnológica à disposição, o homem dos dias atuais cria atrações artificiais que se convertem em pontos de turismo e em setores produtores de emprego e de renda. Também se considerarmos a internet, podemos vislumbrar a possibilidade de entretenimento bem dinâmica apenas pelo envio de um e-mail. Mas sabemos que, se, por um lado, estamos diante de um grande avanço, o próprio progresso, por outro, traz consigo situações de difíceis soluções, como a falta de segurança, que é atualmente o maior dilema das grandes metrópoles.

A falta de segurança do mundo atual, principalmente nas grandes metrópoles, os sérios problemas de trânsito, o crescimento não planejado das cidades, o aumento incontrolável da violência, a poluição, entre outros tantos fatores, têm obrigado o homem a planejar atividades de lazer em seu próprio lar, com maior conforto, graças ao progresso tecnológico que disponibiliza computador, vídeo, canais de televisão por assinatura, sistemas de compra de programas esportivos, filmes e espetáculos. Porém, essa é uma solução paliativa, pois, ao mesmo tempo em que o homem está tendo acesso a todas essas formas de lazer, sente a necessidade de viver grandes emoções no ambiente além dos muros onde reside.

Diante dessa necessidade, foram criados os parques temáticos. Os parques temáticos desenvolveram uma tecnologia especial para propiciar sentimentos que não são experimentados no ambiente doméstico, através do computador. Por isso, fazem muito sucesso, mesmo porque neles o ambiente de lazer é agradável e alegre e existem atividades para toda a família. Daí, então, que as atividades de lazer devem ser planejadas para grupos e não apenas para pessoas isoladamente.

Tomemos, por exemplo, uma viagem de turismo. Geralmente são grupos de amigos que se reúnem e, em decorrência desse aspecto, estamos diante de um tipo de economia em cadeia. A garantia de segurança geralmente é o grande atrativo. Há no mundo grandes exemplos que comprovam a dinâmica, com sucesso, das atividades de lazer que são criadas para atrair pessoas que, mesmo vivendo distantes, planejam conhecê-las.

O fluxo de pessoas, muitas vezes, é tomado como o índice para a construção de novas atrações. Assim acontece a ampliação dos parques temáticos com restaurantes e lojas à medida que aumenta o número de visitantes. O aumento do número de visitantes tem reflexos no interesse de empresários para o investimento na indústria do lazer, com concorrência e redução de custos. Com isso, forma-se uma cadeia que passa a funcionar conjuntamente, incluindo o setor de transporte aéreo, o de hotelaria, as locadoras de automóveis, e outros setores prestadores de serviços. Geralmente esses setores diminuem o preço de seus serviços, à medida que se observa o aumento do volume, ou seja, o rendimento é um ciclo bastante positivo, basta que tomemos como ilustração a Disney World.



Figura 15.2: Hotel Hilton localizado no Walt Disney World.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Disney_World



Figura 15.3: Blizzard Beach, parque aquático integrado ao complexo Disney em 1995 e que representa uma estação de esqui na neve, com inúmeros tobogãs, piscina de ondas e muitas outras atrações.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Disney_World



Fontes: Disney World <http://www.pacoteturismo.com/wp-content/uploads/2009/11/Disney-World.jpg>; Las Vegas http://3.bp.blogspot.com/_HlmahmMmGw/THMu7CxNla/AAAAAAAAABLm/bzA5zSfQXwo/s1600/las-vegas-strip-jj-001.jpg

A Disney World fica em um lugar que era um pântano. Não havia circulação de automóveis. Por esse motivo, as terras, nesse lugar, eram muito baratas, ou seja, foram compradas por preços irrisórios. Um outro exemplo é a cidade de Las Vegas, repleta de cassinos onde antes era um deserto. Até a atualidade, esta cidade fica em meio a um deserto, onde não há absolutamente nada, mas está gerando empregos e benefícios econômicos. Temos também que mencionar como força de turismo as montadoras da Honda, da Mercedes-Benz e outras que foram implantadas no Brasil que vão produzir muitos empregos.

Para finalizar, gostaríamos de fazer uma observação. Vivemos na era da automatização, do computador, dos robôs. O serviço que, no século passado, era executado por cem homens, atualmente fica ao encargo de dois para operarem máquinas. Isso nos faz constatar que o emprego está mais voltado para a indústria. Assim, podemos concluir que precisamos da indústria e cada vez menos da mão de obra. Porém, a mão de obra é necessária no contato humano. A indústria que precisa de contato humano é o lazer. Não há lazer e turismo sem relação humana. Já pensou em ir ao Pão de Açúcar ou ao Corcovado e não encontrar ninguém por lá? Como não existe lazer e turismo sem relação humana, então esses setores são uma grande indústria geradora de empregos. Nesse sentido, a juventude que está sem perspectivas de trabalho precisa ficar atenta, pois as atividades de lazer podem ser um caminho frutífero para solucionar o problema.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 2 e 3

2. Leia atentamente a passagem do texto. WERNECK, Christianne Luce Gomes. "A formação profissional no lazer em nossa moderna sociedade: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área". Revista *Licere*, Belo Horizonte, 1998. v. 1.

A temática da formação profissional vem ocupando um espaço cada vez maior no cenário educacional, seja no Brasil ou em outros Países do mundo. As pesquisas e publicações sobre o tema demonstram a necessidade de conhecer melhor os diferentes aspectos que o envolvem, tendo em vista articular propostas para as demandas que este final de século impõem ao profissional do lazer.

Assim, eu gostaria de começar esta reflexão repensando o papel do lazer em nossa moderna sociedade, o que considero fundamental para uma análise mais aprofundada sobre os limites e os horizontes da formação profissional nessa área em nossa realidade sociocultural histórica, tendo em vista ressaltar os desafios que vêm impulsionando as experiências do Centro de Estudos de Lazer e Recreação da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, no que se refere à formação de profissionais para atuarem no lazer.

É importante destacar que, ao lado da educação, da saúde, do trabalho social e da informação, dentre outras possibilidades de assistência às pessoas, o lazer integra hoje o movimento global de "terceirização" das sociedades modernas, alcançada por meio do aumento contínuo e significativo da força de trabalho relacionada aos serviços.

Uma vez que o progresso tecnológico gera um aumento considerável na produção de bens de consumo, reduzindo o trabalho nos setores agrícola e industrial, vem se multiplicando, se diversificando e se sofisticando a oferta de bens e de serviços no setor terciário, como alternativa às mudanças geradas no estilo de vida e também ao desemprego em massa, que assola hoje o mundo inteiro. A busca pela qualificação, assim como os investimentos substanciais na chamada "indústria do lazer e entretenimento", deve-se, em grande parte, ao quadro social que caracteriza hoje a nossa realidade sociocultural histórica.

Fundamentando-se nas ideias apresentadas, responda:

1 – Como as atividades de lazer devem ser consideradas em termos de educação profissional?

2 – Qual o sentido da expressão "indústria de lazer" para a formação do jovem em relação às expectativas de trabalho?

RESPOSTA COMENTADA

1 - As atividades de lazer, no cenário do mundo atual, movimentam um considerável capital e representam uma grande possibilidade de inserção do homem moderno no mercado de trabalho. Em função da demanda crescente de profissionais capacitados para trabalharem nesse setor, o processo de formação profissional, fundamentado na Lei das Novas Diretrizes Curriculares, deve ser calcado em conteúdos que considerem aspectos de realidades locais bem como o lazer como uma das necessidades do homem.

2 – A expressão “indústria do lazer” significa um novo campo de aplicação da palavra indústria entendida como um espaço de produção de atividades, de circulação de capital e de produção de renda. Para o jovem, a inserção no âmbito das atividades de lazer mostra-se como uma promissora fonte de empregos no sentido da prestação de serviços que ofereçam satisfação para as pessoas utilizarem seu tempo livre de forma agradável. Daí a importância da formação profissional dos jovens para atuarem na área de turismo, do esporte, da produção cultural, de parques temáticos e de tantas outras que são, potencialmente, destinadas às pessoas que pretendem desfrutar coletivamente de espaços de lazer.

CONCLUSÃO

A indústria do lazer representa uma grande diversidade de interesses econômicos bem como oportunidades de trabalho consideráveis na área da cultura, do turismo e do esporte. O lazer é referido ao tempo livre de que o homem dispõe para empreender experiências agradáveis, valorizando o desenvolvimento pessoal, sem o risco de comprometer as normas e costumes sociais. Nesse sentido, lazer é um direito de todos e é a resposta do mercado que desponta, nesse terceiro milênio, como bastante promissora, no sentido de engajar jovens no competitivo mercado de trabalho.

Por ser uma expressiva atividade econômica, o lazer exige, cada vez mais, uma mão de obra qualificada. Por ser também um campo de oferta de possibilidades de ocupação destinada aos jovens, os programas de formação profissional devem considerar que, em primeiro lugar, a juventude deve receber opções de práticas esportivas e de atividades artísticas e culturais, no sentido de promoção da educação e da construção da cidadania. Em segundo lugar, os orçamentos governamentais devem empreender políticas para a promoção da formação profissional de jovens e capacitá-los para atuar nesse setor. Eis o que encontramos no parágrafo 3º do artigo 217 da Constituição Federal de 1988 como a recomendação de que o poder público deve incentivar o lazer como forma de promoção social. Em terceiro lugar, as atividades culturais e esportivas apresentam uma cifra significativa de rentabilidade comprovada. Em quarto lugar, as relações socioculturais são indicadoras das práticas de lazer e conseqüentemente das ofertas de trabalho que são geradas.

O conhecimento das crescentes demandas no âmbito da indústria do lazer torna-se o fundamento para se elaborar programas de formação profissional, como também planejar a alocação de recursos e orientar as intervenções governamentais e iniciativas de empreendedores ligados à cultura, ao esporte e ao turismo. Isso quer dizer que se faz necessário o aperfeiçoamento das políticas públicas em consonância com as iniciativas privadas. Trata-se de uma proposta ousada que se volta para a qualidade de vida como base de investimento em benefícios para a indústria do lazer, no contexto da globalização em uma sociedade pós-industrial.

Um projeto dessa envergadura deve, em princípio, compreender que as atividades de lazer são uma rica fonte de oportunidades de trabalho e, por extensão, podem influenciar a queda dos índices do desemprego, promovendo significativas mudanças sociais. Com isso, estamos propondo refletir sobre o conceito de empregabilidade, considerando a transição que se processa no mundo atual do emprego formal para as modalidades de trabalho mais flexíveis. Isso requer também repensar novos conceitos em termos de soluções a serem produzidas, sem deixar de atender as condições necessárias à equidade social. Para tanto, as políticas públicas devem priorizar o atendimento à juventude no sentido de estar ao lado dos jovens no momento da oferta do primeiro emprego, mas já com qualificação profissional, fruto do acesso à educação.

Situar a indústria de lazer e focalizar a educação de jovens requerem o estabelecimento de estratégias que possibilitem ações integradas entre os setores público e privado, tendo como horizonte as crescentes demandas advindas do contexto social em termos de ofertas de oportunidades de trabalho e de produção de renda. Para a realização de um projeto de tal natureza, se faz importante situar a prática como um caminho propício para a geração de conhecimentos, tanto para serem vertidas em serviços quanto para o aprimoramento teórico de dadas áreas emergentes. Assim, estaríamos disseminando o conhecimento e favorecendo o intercâmbio de experiências produzidas em caráter coletivo, seja pelo processo de mobilização social, seja pela visibilidade de ações locais.

ATIVIDADE FINAL

Atende a todos os Objetivos

Vamos nessa atividade fazer uma descoberta sobre aspectos da realidade que nos cerca e que não nos chama tanto a atenção. Procure setores de sua cidade que são destinados à informação de turistas ou setores da prefeitura encarregados de programas de lazer. Obtenha informação sobre a existência de alguns clubes que têm programações destinadas ao lazer, como, por exemplo, a Associação do Banco do Brasil ou da Caixa Econômica.

Procure trabalhar em grupo com três colegas.

Investigue se, nas escolas de seu município, existem projetos para a formação de jovens no sentido de inseri-los em atividades de lazer.

Verifique se existem políticas públicas e de iniciativa privada que estão voltadas para as atividades de lazer como um direito para a formação do cidadão.

Depois de recolher as informações sugeridas, discuta com seus colegas a importância dos programas de lazer de seu município, tanto no sentido de destacar os aspectos positivos quanto os negativos.

Por fim, apresente uma síntese crítica que resulte das discussões firmadas de forma consensual.

RESPOSTA COMENTADA

Como se trata de uma atividade que depende dos dados a serem coletados pelo grupo de três alunos, as respostas deverão seguir a especificidade de cada contexto regional em termos da existência de programas implementados na área do lazer. As diretrizes das respostas já são apresentadas no próprio roteiro da atividade.

RESUMO

As grandes perspectivas que se abrem em termos de propostas de trabalho nos fazem pensar na potencialidade que os jovens apresentam para tal finalidade. Por isso, é preciso investir na formação de jovens para capacitá-los em termos de atuação em setores culturais, artísticos, de turismo e de diversão. Na atualidade, não se pode desconhecer a evidência da expansão desse setor das atividades humanas e também que o homem de hoje vive em um mundo globalizado, onde a qualidade e a velocidade são os principais pré-requisitos considerados para o sucesso e realização pessoal. Por isso, a educação é a parte mais importante na estratégia de preparo de jovens para ocupar esses novos nichos no mercado de trabalho. É preciso formar uma geração voltada para as novas organizações que visam a perspectivas de futuro para o país, e os jovens são aqueles que precisam ser capacitados, quer dizer, ter qualificação profissional, pois esse setor de atuação multidisciplinar requer a atuação de profissionais com habilidades gerais. Isso quer dizer que há, no contexto das relações sociais, a demanda por pessoas criativas, inovadoras, disponíveis para empreender mudanças, com capacidade para ensinar e para monitorar atividades diversificadas. Por esse motivo, a educação deve abrir um setor especial de formação para planejar a educação desses jovens, tendo esse novo horizonte como meta de realização pessoal e econômica. Eis o que as políticas governamentais estão produzindo na rubrica de educação continuada, que envolve a juventude em projetos, de certa forma, ambiciosos, mas de cabal importância.

Tribos urbanas, exclusão social e laços identitários

Francisco Ramos de Farias

AULA

16

Meta da aula

Apresentar o processo de formação das tribos urbanas, bem como a utilização, pelo adolescente, de modelos do mundo do crime para firmar laços identitários.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. conceituar tribos urbanas e destacar o vínculo emocional dos jovens pertencentes às mesmas;
2. identificar alguns fatores que explicam a busca de identidade e de um modelo de virilidade através da criminalidade.

INTRODUÇÃO

Iniciemos por um diálogo, nada agradável, entre um adolescente e um assistente de uma instituição destinada à aplicação de medidas socioeducativas em adolescentes infratores de uma grande metrópole.

Assistente – Você é adolescente.

Adolescente – Onde está o adolescente? Eu sou é ladrão e tenho a turma lá fora! Esse adolescente não hesita em afirmar que faz parte de um bando que tem como atividade o roubo, como também se sente muito confortável em termos de sua pertinência a esse grupo. Por um lado, parece que sua afirmação traz um tom reivindicatório de uma identidade, mesmo que seja uma identidade atravessada pela imagem do crime. É assim que esse adolescente acredita estar incluído nos espaços de interação social. Por outro lado, tudo nos leva a crer que a insígnia de ladrão reveste-se de notoriedade para esse jovem. Acrescentemos a esse extrato, o depoimento de um jovem que faz parte de uma tribo urbana, cuja atividade principal é pichar lugares, entendidos como altamente interditados:

Pergunta – Você é artista?

Resposta – Não. A gente só quer incomodar.

Em ambas as situações, deparamo-nos com o ingresso do jovem a um grupo com a finalidade de contestação. Então, indaguemo-nos: por que esses jovens, entre outros que pertencem a grupos que buscam contestar a ordem, fazem esse tipo de escolha?

Em primeiro lugar, parece que a queda dos valores referenciais, transmitidos pela família, interfere significativamente nesse tipo de construção de identidade pelo jovem. Mas essa queda é signo de uma precariedade nos vínculos afetivos na dinâmica familiar e com isso o jovem busca, fora desse âmbito, encontrar esteios sólidos para construir sua identidade.

Em segundo lugar, para os jovens, há também as escolhas por bandos que apresentem insígnias de virilidade. É por essa via que entendemos a modalidade de pertencimento a determinadas tribos urbanas, exceto os *emos* e os *yuppies*, que não fazem apologia à violência ou à afirmação de uma identidade viril, tanto em grupos que defendem slogans de violência, quanto naqueles que buscam no universo da criminalidade modelos que são tomados como índices de virilidade.

O adolescente experimenta um tipo de satisfação especial em pertencer a esses grupos e em praticar as atividades que deles são próprias. Em qualquer uma dessas comunidades, teremos de considerá-las como manifestações dessa etapa do desenvolvimento psicológico que são o resultado de profundas

modificações. Porém, devemos considerar igualmente o contexto sócio-histórico das últimas décadas do século passado e da primeira do século XXI. Essa é a nossa empreitada na discussão de tópicos tão complexos: identidade, adolescência e mundo do crime.

O SURGIMENTO DAS TRIBOS URBANAS

Somente na primeira metade do século XX, as tribos urbanas adquiriram visibilidade especial, como sendo comunidades que se diferenciam do contexto social em termos de construir um mundo próprio, ou seja, com uma certa ideologia, com determinados padrões de estética e com uma afeição por determinados estilos musicais. Esses grupos, de forma bastante tímida, apresentavam-se como reivindicativos de um lugar no contexto social, no qual pudessem expressar suas singularidades e não apenas serem vistos como apenas uma fração de uma grande massa indiferenciada em termos de posturas e costumes.



Andre Larsson

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/d/di/didi90/789333_rock_sister_.jpg.

Assim, podemos situar os históricos roqueiros, passando pelos *punks*, *heavies*, góticos, até os atuais *ravers*, *floggers*, *emos*.

É possível que em todos esses grupos estejam presentes modalidades de insatisfação dos jovens em relação à forma com que são confrontados com o mundo, como é comum acontecer na adolescência, especialmente na faixa etária compreendida entre 13 e 20 anos. O fato de o jovem buscar esses grupos nessa faixa etária não é causal, pois a adolescência é a etapa da vida em que os jovens são constantemente mobilizados à busca da construção de sua identidade. Em primeiro lugar, em decorrência da perda da identidade infantil e, em segundo, pelo turbulento processo de reorganização das mudanças externas que acontecem no corpo, e também das internas, que se referem à mudança de horizontes de referência que são necessários para o ingresso na vida adulta.

No transcorrer dessa etapa vital, produz-se uma modificação substantiva na relação do jovem com seu ambiente, especialmente, no que concerne à construção da identidade. Gradativamente, o jovem distancia-se das opiniões dos pais para assumir suas próprias ou as do grupo a que pertence.

Assim, o adolescente progride na construção de critérios próprios para questionar valores que foram transmitidos pela família. Esses questionamentos motivam os adolescentes a reconhecer outros referenciais na construção da identidade, principalmente ante a incômoda pergunta que faz para si: quem sou eu?

A partir desse questionamento, o adolescente terá de abandonar o âmbito daquilo que é conhecido para buscar novas e diferentes experiências, mediante pertencimentos a comunidades fora do âmbito familiar. É um processo de busca de amigos e companheiros que assume um valor significativo, para que o adolescente reveja os referenciais relacionados aos valores da infância. Por este motivo, há um distanciamento físico e afetivo de sua família, no processo de construção da identidade.

A construção da identidade na adolescência significa, para o jovem, diferenciar-se daquilo que é conhecido e reconhecer-se no que é diferente. Nesse sentido, a única tarefa à qual o adolescente propõe-se é reconhecer-se e ser reconhecido a partir dos atributos que são próprios desse momento da vida e que confirmem uma identidade ainda em processo de construção. Para tanto, é necessário que o jovem saia da comodidade e proteção dos espaços familiares.

Esta saída é a marca da aproximação do jovem a outros adolescentes em termos de afinidades, gostos, expectativas, ideais, visão de mundo e afirmação de virilidade para os rapazes. Mas o que o adolescente busca nesses grupos? Certamente, procura acolhimento e solidificar ainda mais o sentimento de confiança em si mesmo. Sob esse prisma, podemos afirmar que as comunidades que o adolescente busca fora do âmbito familiar são uma espécie de “famílias de transição”, espaço onde são recriados afetos e interesses comungados.

Se, por um lado, o pertencimento a esses grupos pode ser de grande valia na ajuda da transição para a vida adulta, por outro, pode trazer à tona o conflito relacionado ao tornar-se independente. Isso porque o jovem ainda é dependente dos pais, porém está em busca de um modelo de identificação e de reconhecimento de si como alguém diferente da criança que foi até então.

Cabe assinalar que, quando os modelos referenciais da família são frágeis ou inexistentes, o jovem pode buscar, em uma atitude reativa, pertencer a grupos marginais, como no caso dos jovens que ingressam em facções criminosas para encontrar, de forma equivocada, um modelo sólido de identificação.

Para entender como o jovem chega a essas facções criminosas, devemos considerar o papel da mídia em termos da exibição de fatos delinquentes na condição de espetáculo e performance da imagem. Há também um elemento que não deve passar despercebido: a notoriedade e destaque em importantes jornais e revistas no país, nos quais criminosos são “premiados” com a capa.

Sem dúvida que a finalidade da mídia é a de noticiar e não apresentar o mal como elemento de adesão do jovem a determinados grupos marginais. Ainda assim, esse tipo de adesão ocorre com muito mais frequência do que se imagina. É importante seguir essa via de reflexão para entender um pouco acerca do processo de formação das tribos urbanas e também sobre a adesão feita, por muitos jovens, a modelos do universo do crime, tanto como possibilidade de pertencimento a uma forma de comunidade, quanto na busca e afirmação da virilidade.

No entanto, se os grupos marginais, conhecidos nos grandes centros urbanos sob a rubrica de comandos, exercem tanto fascínio sobre os jovens, especialmente sobre os do sexo masculino, teremos de refletir sobre esse assunto em termos de quais elementos, no processo

de transmissão de valores, no âmbito das práticas educativas estão, possivelmente, falhando na formação desses jovens. Qual será então o papel da família em apresentar ao jovem outras possibilidades de construção de suas identidades? E a escola, como se posiciona diante dessa situação? Essas são indagações preocupantes, pois a cada dia aumenta o ingresso de jovens que abandonam as instituições escolares no universo do mundo do crime.

TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE



Figura 16.1: Somos iguais?

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Teenagesfromist.JPG>

O que são as tribos urbanas? O que representam para o adolescente? E por que apresentam atrativos irresistíveis para os jovens? Indagações inquietantes que tomamos como objeto de reflexão para começar a pensar sobre as tribos urbanas.

Antes de discutir a temática das tribos urbanas, é preciso esclarecer que o jovem move-se pela busca de sua identidade, no momento em que passa a conhecer outro mundo de referenciais diferente daquele que era organizado pelas referências familiares. Isso quer dizer que o processo de construção de identidade dos adolescentes começa com a saída do contexto do mundo familiar para o encontro com outras oportunidades de relacionamento.

Apesar de essa saída ser um grande avanço na vida do jovem, esse processo traz consigo muitas preocupações, principalmente ante a possibilidade do confronto com o desconhecido e com tudo o que está por vir no mundo extramuros da família. Além disso, o jovem tem também de se ocupar com as mudanças corpóreas e com a perda da identidade infantil. Como isso acontece? A princípio, o jovem constata que os pais não são infalíveis como acreditara, ou seja, cai a idealização acerca deles. Daí por diante, os pais são vistos como pessoas comuns. Eis o momento de abertura para um novo mundo, mas à custa de um mundo que se perde: o mundo infantil. É nesse momento de transição, experimentado por uma certa vulnerabilidade, que o jovem faz sua inscrição nos grupos fora do contexto familiar.

A esse respeito temos vários aspectos a assinalar que contribuem para o ingresso do jovem nesses grupos.

Em primeiro lugar, a queda da idealização pode ter repercussão direta na relação com os pais que, de um momento para outro, sentem que não entendem mais o seu filho. Essa “incompreensão” dos pais é consequência do distanciamento do jovem dos referenciais familiares.

Em segundo lugar, os pais sentem que alguma coisa acontece com seu filho, quando este faz sua inserção nos grupos. Quer dizer, eles se preocupam, pois não têm mais o controle dos espaços onde seu filho circula.

Em terceiro lugar, os jovens, uma vez tendo feito seu ingresso nos grupos, demonstram esse fato de várias formas:

- a) mudança de vestimenta;
- b) utilização de uma linguagem específica;
- c) gosto por determinados estilos musicais, dentre outras.

Todas essas novas formas de agir são o reflexo da construção de traços identitários com o grupo, em termos de sentimentos, pensamentos e ações. Por essa razão, as tribos urbanas constituem-se como verdadeiras comunidades, marcadas por fortes vínculos emocionais. Esses vínculos servem para o jovem sentir-se protegido em sua fase de transição e também são uma forma valiosa de escapar do isolamento.

Tratando-se das tribos urbanas, o estilo, a forma com que se apresentam na sociedade, as indumentárias utilizadas são os meios empregados para demarcar uma diferenciação de um grupo com outro, mas principalmente do grupo familiar. Geralmente, o aspecto físico é um critério determinante para a pertinência no grupo. É muito comum os jovens serem reconhecidos no grupo, a partir desses indícios. Aliás, bem mais que isso: os jovens têm a sensação de integração. A ênfase na aparência física e a preocupação com detalhes são mecanismos, utilizados no processo de construção da identidade. Quer dizer, os jovens apresentam sinais que os diferenciem de outras pessoas, tanto as jovens quanto as adultas. Assim constroem seus traços identitários, no sentido de produzir sentido para a pergunta: quem sou?

Compreender a noção de tribo urbana requer que analisemos detidamente cada um dos termos dessa expressão. De acordo com uma acepção no sentido clássico, no âmbito antropológico, a ideia de tribo é concebida como uma pequena comunidade ou classe de pessoas, ou seja, são grupos reunidos por fortes laços sociais, econômicos e de parentesco.

A ideia de tribo urbana está ligada aos efeitos das transformações que ocorreram nos grandes centros urbanos em função do avanço da modernização industrial, especialmente os grupos de jovens trabalhadores que, além do trabalho, passaram a exercer, em grupo, atividades que significassem a transgressão de normas, conforme aconteceu com a população de jovens emigrantes que viviam na periferia das grandes cidades. Esses jovens formavam grupos que eram reconhecidos como grupos marginais.

No entanto, devemos assinalar que, apesar de esses jovens praticarem atividades ilícitas, como destruição de patrimônios públicos, pequenos furtos em lojas de departamentos, entre outras, há entre eles um vínculo afetivo que deve ser considerado. Por isso, recorreremos à noção de tribo para pensar esses agrupamentos urbanos. Sendo assim, podemos nos referir à tribo urbana como um conjunto de jovens que

se organizam, segundo normas próprias, que são os indícios de diferenciação de outros grupos. Isso ocorre seja em termos de demarcação de um território em uma cidade, conhecido como ponto de interação, seja pelas indumentárias com seus significados próprios: roupas, estilo de cabelo, preferências musicais, modo de falar, ídolos, expectativas e ilusões compartilhadas.

O elemento de sustentação dessas comunidades é um suporte afetivo que, para os jovens, significa segurança e apoio diante das incertezas próprias da adolescência e também das exigências, e intromissões dos adultos. Nas grandes cidades, é possível existir grupos de adolescentes que têm como referência de encontro avenidas, ruas, pátios de igrejas, calçadas, esquinas, praças e outros espaços que são delimitados como verdadeiros territórios. Mesmo que as particularidades de cada comunidade variem uma em relação à outra, todas apresentam um traço comum que é o vínculo afetivo, uma caracterização física, certos hábitos de consumo e políticas de distanciamento de outros grupos. Isso quer dizer que, ao pertencer a uma tribo, o jovem constrói uma imagem de si e a partir de então passa a agir como os demais membros de seu grupo. Com isso, o jovem deixa de ser um sujeito anônimo, pois doravante é alguém que pertence a uma comunidade. Assim, afirma sua identidade, pela pertinência a um grupo. Daí, então, engaja-se na participação de experiências e na prática de rituais do grupo como demonstração de sua inserção.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos indagar então qual o sentido da tribo urbana para o jovem? Em primeiro lugar, é possível que a tribo urbana funcione como um espaço que congrega, ou seja, que produz o encontro de pessoas que praticam as mesmas ações, pensam da mesma maneira e têm quase os mesmos sentimentos. Em segundo lugar, a ideia de tribo possibilita que seja feita uma demarcação entre um espaço interior onde estão aqueles que são semelhantes, quer dizer, aqueles que são como nós, e um espaço exterior onde se encontram aqueles que são diferentes. O movimento do jovem para participar de uma tribo urbana representa a saída do estado de encapsulamento, vivido no âmbito familiar cujas referências são as dos pais.

O sociólogo da atualidade **MICHEL MAFFESOLI** define as tribos urbanas como comunidades tipicamente emocionais.

MAFFESOLI

Sociólogo francês, professor na Universidade René Descartes, desenvolveu um trabalho em torno da questão do vínculo social nas comunidades, centrando seus estudos nas comunidades contemporâneas. Publicou vários livros, entre eles um que aborda a temática desta aula: *O tempo das tribos*.

As tribos urbanas são agrupamentos que têm como fundamento emoções intensas e sentimentos compartilhados que, muitas vezes, são passageiros. Porém, os jovens aderem ao projeto grupal em termos da participação em atividades e adotam as atitudes que circulam no grupo. Geralmente, essas atitudes assumem um sentido especial na vida desses jovens, ou seja, o sentido que eles produzem para suas vidas decorre da aceitação dessas atitudes, principalmente, quando se encarregam de atividades para expressar a maneira pela qual compreendem o mundo, conforme podemos ilustrar com aqueles que participam de festas eletrônicas ou dos torneios de esporte, entre outros. Esses acontecimentos são movimentos contestatórios, organizados como respostas ao olhar do adulto ante a situação do adolescente. Os adultos costumam qualificar os adolescentes de seres incômodos e que apresentam atitudes, em grande parte, reprováveis. A reação dos jovens a esse tipo de atitude dos adultos é o ingresso em grupo para estabelecer relações com pares que não os recriminem e que tenham quase os mesmos pensamentos.

Daí, podemos extrair pelo menos duas características desses grupos: empatia e proximidade, tanto pelo fato de uns poderem colocar-se no lugar dos outros quanto em termo do encurtamento das distâncias entre seus membros. Por isso, no interior desses grupos são construídos tempos e espaços próprios onde é possível os jovens compartilharem aquilo que têm de comum, mas de modo intenso, geralmente com contatos físicos. São tempos e espaços de interação, mas que apresentam sinais de descontinuidade, pois os encontros, apesar de serem marcados por sentimentos muito intensos, têm duração limitada. As festas duram uma noite, o encontro na calçada dura poucas horas. Mas um dado é fundamental: o comparecimento a esses acontecimentos exige que o jovem apresente os códigos daquele grupo, pois assim fica determinado o sentimento de pertinência e de proximidade, tanto física quanto afetiva, que acontece em cada encontro, em cada ocasião.



Figura 16.2: Festa rave.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rave>

As festas, os eventos musicais são exemplos representativos das situações das tribos urbanas que têm como objetivo principal ser um elemento de coesão e oferecer proteção contra a ameaça de fragmentação que paira no homem da atualidade. Sendo assim, as tribos urbanas representam um poderoso instrumento, do qual os adolescentes utilizam-se para a construção de sentidos para a vida e também para produzir significados para as experiências pessoais.

Há também o processo de elaboração, pelo jovem, de sua imagem social, de suas atitudes e da maneira como se relaciona com os outros. Sendo assim, podemos admitir que as tribos urbanas oferecem às jovens gerações a possibilidade de recriar formas de socialização marcadas pela confluência e pelo agrupamento fundado, principalmente, pelos vínculos afetivos. Com isso, o jovem avança significativamente no processo de construção do conhecimento acerca de si. Isso quer dizer que o jovem produz um aprendizado que influencia positivamente a maneira de se conceber, de caminhar em termos da formulação de projetos e aspirações, e firmar vínculos em condições de solidariedade. Cabe salientar que esses grupos urbanos são fenômenos que, embora tenham surgido na primeira metade do século XX, somente ganham forma expressiva e intensificam-se nas três últimas décadas desse século.

No transcorrer do século XX, os adolescentes converteram-se em atores reconhecidos que conquistaram um lugar na sociedade, marcando a distinção com os adultos. Até esse século, a passagem para a vida adulta era bem precoce: por volta dos quinze anos, geralmente a idade de ingresso em ambiente de trabalho. Aqueles jovens que tinham condições de receber uma educação formal em escolas, geralmente davam por terminada a escolaridade com a complementação do curso primário, para então os rapazes engajarem-se na aprendizagem de um ofício, enquanto que as mulheres ocupavam-se do aprendizado das tarefas ligadas aos cuidados do lar, além do aprendizado de bordado, costura, entre outros, que eram tidos como exclusivos da mulher. Era assim que os jovens programavam seus projetos familiares e casavam-se muito cedo. Na segunda metade do século XX, a categoria “adolescente” passou a figurar como ator social, diferenciado da criança e do adulto, em consequência do desenvolvimento de uma sociedade urbana e industrial.

AS TRIBOS URBANAS E O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

Nas duas últimas décadas do século XX, com a política de globalização difundida como a recuperação da democracia – pois muitos países viviam em regimes políticos autoritários –, muitos jovens sentiram-se convocados a participar de movimentos políticos em defesa de ideais de mudança do mundo. Na última década desse século e na primeira do século XXI, esses mesmos jovens, agora adultos, tornaram-se apáticos e desinteressados pelos problemas sociais, além de acomodados diante de situações impactantes. Muitos são partidários da adoção da atitude de nada fazer de produtivo ante a descrença em mudanças, a dificuldade de um posto de trabalho e a efemeridade das relações afetivas.

O estado de apatia e o estilo de vida monótono que são assumidos por esses jovens são, na verdade, processos de alienação que têm como resultados a adoção de estilos de vida que oscilam entre um viver em periculosidade e a busca de escassos meios produtivos. Tudo parece indicar que, entre a perspectiva de um horizonte futuro e a compreensão do contexto histórico-social, tudo se esvai, ou seja, forma-se uma zona de indefinição que paralisa não só as ações, mas as alternativas criativas do pensamento. Frente a esse marasmo, as tribos urbanas insurgem-se como movimentos reivindicatórios de reflexão acerca das condições do próprio adolescente, como aqueles que se encontram em uma travessia para a vida adulta. Isso quer dizer que as tribos urbanas podem ser o reflexo de um estágio de preparação psíquica do jovem, que agora é confrontado a todas as incertezas da vida adulta e das constantes ameaças que rondam

sobre o homem moderno, como o aumento desenfreado da violência, o aquecimento global, a possível falta de água potável em algumas partes do planeta, a extinção de animais, e outras tantas.

Assim, estamos assinalando que o jovem encontra-se demasiadamente implicado no processo de construção de sua identidade e os grupos que se formam nos centros urbanos podem ser um caminho frutífero, exceto quando são facções criminosas. Mas não devemos compreender com isso que estamos querendo dizer que os jovens são imaturos, sem capacidade de construir projetos e de compreender a sociedade. A ideia de que o jovem é imaturo é uma maneira estereotipada de reflexão tanto sobre o próprio jovem, quanto sobre as organizações, denominadas tribos urbanas. Geralmente, os adultos têm dificuldades de entender o jovem e ainda mais suas organizações como manifestações autênticas e necessárias dessa etapa da vida. Essas manifestações devem ser compreendidas como relações que, por um lado, indicam o nível de exigência que a sociedade faz ao jovem e, por outro, indicam as expectativas dos próprios jovens.

Com isso, precisamos fazer um esclarecimento: há uma imagem “oficial” mais ou menos de conhecimento coletivo sobre o jovem em termos de atitudes que deveriam ser observadas. Quando essas atitudes não são expressas, costuma-se pensar que alguma coisa de errado está acontecendo com aquele jovem. Assim, espera-se que o jovem concentre um leque de qualidades que são definidas como requisitos necessários para a vida em sociedade, mas que, na verdade, são expectativas de que o jovem aceite agir para reproduzir o sistema. Eis o que é perpassado pelos meios de comunicação, que são veículos de divulgação dessas expectativas. Geralmente, essa divulgação traz embutida a ideia de um jovem “natural”, que seja potencialmente capaz de produzir meios para o consumo sugerido como a satisfatória experiência de vida.

Mas devemos salientar também que as crises sociais, econômicas e políticas que os países atravessaram nas três últimas décadas do século XX afetaram significativamente grandes contingentes da população em termos do surgimento de uma instabilidade na vida cotidiana. Devido a essa instabilidade pela falta de segurança, tráfego com grandes engarrafamentos, aumento da violência e doenças, o homem da atualidade vive, na própria pele, toda uma série de dificuldades as quais interferem nos seus projetos de vida, aqueles pessoais e profissionais. Quando consegue contornar tais dificuldades, o custo é bastante elevado em virtude das

precariedades das condições sociais, principalmente no que concerne à possibilidade de ser parte integrante da dinâmica social.

Assim, os jovens do mundo atual não escapam da experiência de vulnerabilidade, instabilidade e descrença no futuro. Essas experiências fazem parte da própria vida do jovem, especialmente quando situamos o universo do mercado de trabalho, cuja lógica, baseada na competição, indica que só há lugar para os mais capacitados, deixando clara a indicação de que não há lugar para todos os que querem trabalho. Nesse sentido, o cenário do mercado de trabalho, no século XXI, com raras exceções, só tem a oferecer aos jovens a dificuldade de ingresso no trabalho e ainda a sujeição a trabalhos em condições nada favoráveis.

Os jovens precisam de inclusão ao contexto social e reconhecimento de si mesmos como agentes criativos e transformadores, para a redução de suas incertezas. Mas como os jovens podem construir seus projetos de vidas sem considerar graus diferenciados de incerteza? Ou seja, será que, ao concluir um curso superior, o jovem fará parte do mercado de trabalho formal ou terá de trabalhar informalmente para garantir a sua sobrevivência?

Diante desse panorama, as jovens gerações constroem espaços simbólicos que servem de autorreconhecimento com as tribos urbanas. A criação desses espaços resulta na produção de mecanismos de expressão e participação social. Daí, são formuladas estratégias para servir de suporte afetivo às relações sociais, com apoio mútuo, conforme podemos observar nas comunidades, denominadas tribos urbanas.

Por fim, poderíamos mesmo afirmar que o jovem, ao fazer parte de uma tribo urbana, estaria, com essa atitude, fazendo um apelo para o que está acontecendo com ele, mas que parece que o mundo adulto ignora. Em suma, as tribos urbanas são ilustrações de que os jovens têm uma mensagem para transmitir.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Analise a fotografia e leia cuidadosamente o trecho do artigo "Tribos urbanas: metáfora ou categoria?", de José Guilherme Cantor Magnani, professor do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, publicado em *Cadernos de Campo*. Departamento de Antropologia, São Paulo, ano 2, nº 2, 1992.



Figura 16.3: Punks.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Punk>

Quando a imprensa noticia certo tipo de ocorrência, geralmente envolvendo grupos de jovens ou adolescentes (enfrentamentos entre bandos rivais, comportamento em shows e festivais, pichações etc.), inevitavelmente aparece o termo "tribos urbanas" no box explicativo que acompanha a matéria. Com essa referência, o que se pretende é introduzir algum princípio de ordenamento num universo que se caracteriza exatamente por sua fragmentação e singularidade. Analisando mais de perto essa tentativa de explicação, percebe-se que na maioria das vezes o caráter das transgressões, identificado em tais manifestações, não extrapola um limiar até certo ponto previsto e tolerado como característico de determinada faixa etária. Quando os efeitos de tais práticas vão além desse limiar, muda o enfoque: está-se no âmbito da delinquência, do banditismo, da violência urbana. Algumas dessas ocorrências, contudo, oscilam entre as fronteiras do tolerado e do francamente reprovado: é o caso das pichações, que introduzem uma tensão entre a natureza de seus protagonistas (adolescentes em fase de autoafirmação) e os danos que suas intervenções produzem no patrimônio público ou privado.

Apresente três características das tribos urbanas, comentando cada uma delas.

RESPOSTA COMENTADA

As três características das tribos urbanas são:

1) Forte vínculo emocional: os jovens de uma comunidade urbana apresentam entre si um laço afetivo de grande intensidade, como mecanismo de reparação da perda do vínculo afetivo com as figuras parentais estabelecido na infância. Esse laço afetivo é indício de proteção, segurança e estabilidade para o jovem.

2) Modos e ações idênticas: adoção de estilos semelhantes de vestimenta, de corte de cabelo, do uso de acessórios, de estilos de linguagem, de lugares de encontro e de coesão, a partir de normas de funcionamento.

3) Transmissão de uma mensagem: o jovem, ao se integrar em uma tribo urbana, está expressando, para o contexto das relações sociais, o seu desejo de reconhecimento e de sua situação ante as incertezas que se afiguram em seus projetos.

IDENTIFICAÇÃO COM MODELOS MARGINAIS E BUSCA DE VIRILIDADE



Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://bp0.blogger.com>

É um fenômeno bastante frequente, nos grandes centros urbanos, encontrarmos muitos adolescentes que não encontram valores e referências, na família e no contexto social, buscarem um lugar de suporte no universo das práticas criminosas. O que buscam esses jovens quando se vinculam ao universo da criminalidade, geralmente na condição de obediência a um “chefe” tirano?

Sem dúvida o risco que há nessa vinculação somente pode ser entendido pelo fato de o jovem buscar nessas organizações suportes que são considerados como condições ideais de virilidade. Geralmente, o universo do crime deixa transparecer, para os jovens, uma imagem viril, vislumbrada na figura do criminoso, que é considerado um herói. Essa imagem, muitas vezes influente, parece se colar no corpo do adolescente como uma tatuagem ou mesmo ser um invólucro para proteger seu corpo. Mas sabemos que essa inserção, além de ser uma proteção ilusória, é também uma forma de segregação e de **DEGRADAÇÃO SOCIAL**.

DEGRADAÇÃO SOCIAL

É a destituição de *status* que o sujeito tem na sociedade, como direito à educação, ao trabalho, à saúde, entre outros, provocando muitas vezes a marginalização. Geralmente, o processo de degradação social tem como matriz a ausência de referenciais familiares que, uma vez não transmitidos ou transmitidos de forma inadequada, produz a perda dos sentimentos de interesse comum. A mais comum da ausência de esteios familiares é a delinquência de jovens quando saem dos lares para viverem nas ruas, ou para participarem de facções criminosas em busca de dinheiro ou a ilusão de uma vida melhor. Os processos de globalização que concorreram no mercado interno e externo, avanço tecnológico, terceirização que surge com nova forma de trabalho e precárias condições econômicas da família contribuem para um maior grau de exclusão social. Além disso, o aumento das desigualdades sociais, regionais e nacionais, diante das inovações econômicas e tecnológicas, e a ausência de oportunidades para maiores conhecimentos culturais são fatores presentes no processo de degradação social.

Mas pensemos: se o jovem busca apresentar, em seu corpo, insígnias que indicam seu pertencimento a um grupo marginal, como uma tatuagem, por que age então dessa maneira? Ou ainda, por que alguns jovens, que cumprem medidas socioeducativas, tatuam seus corpos com o número do delito que praticaram? Podemos começar a refletir sobre difíceis questões, pontuando que, em primeiro lugar, esses jovens estão fazendo uma espécie de denúncia sobre a falha de alguns fundamentos que deveriam ter funcionado em sua educação e, em segundo, buscam ser reconhecidos pela transgressão. Isso não parece muito estranho? Não, se considerarmos que, na atualidade, a divulgação de crimes retira pessoas comuns do anonimato e transforma-as em ídolos, às avessas, mas em condições de atrair grandes admiradores. A esse respeito, é bastante ilustrativo o fato de que, nos Estados Unidos, algumas pessoas organizaram um fã-club para um matador em série, com vendas de camisetas com a sua foto, outros objetos e ainda reuniões, próximo ao local de sua residência, na data em que aconteceu sua execução.

No entanto, o que mais causa perplexidade é o fato de que tais práticas no universo da criminalidade, ao invés de ser fonte de vergonha, são, para muitos jovens, motivo de orgulho. Aqui vemos uma inversão de práticas sociais antigas: geralmente quando um criminoso era marcado com um sinal, esse processo visava humilhá-lo e castigá-lo. Atualmente, em quase todos os presídios, observa-se a retomada dessa prática, mas com outro sentido: orgulho, honra e exibição.

Precisamos fazer um esclarecimento sobre o uso da tatuagem. Mesmo que nos primórdios fosse utilizada com fins discriminatórios, sabemos que há também a possibilidade de exibição e, na atualidade, as tatuagens, em sua grande maioria, são também uma forma de identificação do sujeito a um dado grupo social, ou seja, é a marca que agrupa o sujeito em um determinado bando. Nos jovens, as tatuagens são, às vezes, o equivalente a verdadeiros ritos de passagem, como o acesso a uma posição viril, principalmente, nos conteúdos de algumas delas.

Seja pela tatuagem ou pelo pertencimento a uma facção criminosa, os jovens estão fazendo um tipo de denúncia que deve ser considerado, pois, nesses casos, estes jovens estão informando que a virilidade é alcançada mediante a construção de uma imagem de heroísmo que resulta da filiação ao universo da criminalidade. Se, por um lado, esse movimento de adesão às facções criminosas indica um tipo de inclusão, por outro, são

verdadeiras formas de exclusão social. Daí um motivo para uma análise mais aprofundada nos movimentos de transgressões dos jovens que, ao invés de ser caminhadas de aventura e de risco esperadas como caminhos de liberdade, são na verdade a prova do maior abandono à infância. Sem dúvida, os adolescentes buscam, no mundo do crime, o brilho de uma imagem que teria sido ofuscada na infância. Melhor dizendo, os jovens buscam um lugar de evidência que parece não alcançarem de outra forma que a transgressão. Isso explica o encanto dos jovens pela imagem do “bandido” que tem uma boa situação, apesar de ser proveniente de uma classe social economicamente bastante desfavorável. Cabe assinalar que não só a posse de bens é um atrativo, como o fato da conquista de espaços significativos nas páginas policiais.

O jovem que não tem suporte para renunciar a esses “atrativos” mergulha com tamanha intensidade nesse universo na esperança de que essa seria a maneira de ser alguém na vida, quer dizer, sair do anonimato, mesmo que seja por um curto intervalo de tempo.

A identificação com o bandido, com o traficante, com o criminoso produz-se nos jovens pela busca de imagens de poder e de realização, pois dificilmente consegue avaliar adequadamente a situação. Muitas vezes, os jovens de determinados segmentos do contexto social, principalmente os de baixo poder aquisitivo, veem nesses personagens alguém que obteve êxito na vida de forma rápida e fácil. Quando isso acontece, não estaríamos diante da precariedade das instituições sociais, como a família e a escola, em fornecer esteios sólidos para os jovens? O que faz então, o jovem, apostar mais na imagem do bandido do que na de seus familiares? O que os encaminha, de forma rápida, ao mundo do espetáculo?



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/s/sa/salsus/35754_motovational_hate_4.jpg.

Em princípio, temos nessas ações a tentativa de solucionar os conflitos próprios da idade pela prática de delitos, quer dizer, pelo confronto com as normas, mas em um de seus extremos: o crime. Todos somos sabedores de que é muito comum adolescentes praticarem certos delitos que não têm a repercussão de dissolução nas relações sociais, como, por exemplo, anunciar a chegada em um bairro quando se trata de outro, em transporte coletivo, para ver os desavisados descerem equivocadamente. Geralmente, isso é motivo de satisfação, mas não é uma forma de exclusão social. Poderíamos dizer que é uma dor de cabeça para quem desce sem olhar em que lugar está, pois terá de pagar nova passagem para chegar ao seu percurso. Mas, certamente, essa conduta não é aprovada na escola, nem em casa. Quando uma ação dessa natureza vem à tona, geralmente quem ouve, na condição de agente educacional, ocupa-se em oferecer uma outra possibilidade de inclusão daquele jovem, no contexto das relações sociais. Deve-se, pois, ofertar outros signos aos jovens como forma de visibilidade sem se lançarem no mundo da criminalidade.

Quando o jovem faz a inclusão no mundo do crime, muitas vezes é para confirmar sua trajetória de conflito com a lei e buscar a imagem heroica do bandido como forma de solução para esse conflito, em ações violentas com finalidade de chamar a atenção, entre outras.

Mas o que pode ser feito por esses jovens que buscam, no mundo das práticas criminosas, modelos identificatórios e afirmação de virilidade? A esse respeito temos duas posições extremas. Existe quem defenda que não devemos investir em projetos destinados à “recuperação” desses jovens, pois se trata de pessoas que escolheram outros caminhos e seria esforço inútil qualquer ação no sentido de tentar reverter a situação. Tal concepção parte da premissa de que esses jovens seriam o equivalente a objetos descartáveis e deveriam ser colocados em algum lugar de depósito, tipo um presídio, para serem mantidos longe, inclusive do olhar da população.

Existe, também, quem os veja em uma perspectiva de abandono, como sendo vítimas da sociedade, quer dizer, seriam os injustiçados que perderam as oportunidades da vida. Há nisso o reforço da ideia de que a culpa pela situação desses jovens é do contexto social e que são pobres coitados. Ambas as visões extremistas em nada colaboram no processo de ajuda aos jovens que se encontram nessa trilha de identificação aos heróis do crime. Não se deve esquecer de que esses jovens têm de estar implicados em suas escolhas para o universo da criminalidade, ou seja, eles não são forçados a esse tipo de prática em suas vidas.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Considerando que o jovem, ao ingressar na adolescência, ocupa-se do processo de construção de uma identidade própria a essa fase do desenvolvimento, uma vez que não pode mais se utilizar de sua identidade infantil para se relacionar com o mundo, aponte que fatores explicam a tentativa de buscar uma identidade e um modelo de virilidade pela adesão a “heróis” e “ídolos” do mundo do crime.

RESPOSTA COMENTADA

O processo que marca pertinência de jovens ao mundo do crime no sentido de afirmação de virilidade e construção de identidade pode ser explicado por vários fatores:

- a) falha, no âmbito familiar, na transmissão de valores e referências que sejam resultado de experiências de degradação social, seja em função de precárias condições econômicas ou pela ausência da inclusão em ambientes educacionais;*
- b) descrença em modelos familiares, como alternativas para a produção de vida;*
- c) expectativa ilusória de que a notoriedade obtida através do crime serve de reconhecimento social;*
- d) busca de afirmação da virilidade fundamentada na crença de que certos criminosos ocupam a posição máxima de potência, fama e glória;*
- e) as precárias condições de vida decorrentes do desemprego e da dificuldade de acesso àquilo que é necessário para a sobrevivência, como saúde, habitação, segurança e educação.*

CONCLUSÃO

Rastreamos nesta aula dois movimentos que repercutem significativamente na vida dos jovens, na construção de seu processo identitário. Por um lado, as tribos urbanas contribuem, de forma decisiva, para a formação do jovem pelo fato de ser uma espécie de família de transição que oferece suporte para a passagem do modo de vida infantil para a vida adulta. Além disso, as tribos representam a possibilidade de inclusão em termos da adesão aos hábitos, mas principalmente pela forma compartilhada de vida em termos da obediência às normas de funcionamento que é necessário para a vida em comunidade.

As tribos urbanas ajudam ao jovem no sentido de que são espaços com demarcações próprias a partir de determinados indícios que sinalizam modalidades de pertencimento a um dado tipo de funcionamento social diferente da família e também a um reconhecimento em contexto fora do ciclo familiar. São também movimentos reivindicatórios da busca de espaço onde seja possível ao jovem expressar-se de forma singular, segundo o modelo construído fora dos “muros” da família. Há uma

diversidade de grupos que recebem essa denominação que vão desde aqueles que se organizam em ambientes pacíficos até aqueles que têm como meta a apologia à violência.

O processo de inclusão do jovem, nesses grupos, tem suas consequências, dependendo, evidentemente de sua natureza, pois uma vez que o jovem faz sua inserção em um desses grupos, passa a seguir rigorosamente as regras de funcionamento. Sendo assim, esses grupos tanto podem ser de grande utilidade para os jovens – no sentido da construção de suas identidades, quando apresentam como meta apenas a possibilidade de ser um movimento reivindicatório – quanto podem ter uma influência, quando, além de ser um movimento reivindicatório, são também espaços de culto e prática de ações violentas.

É sob esse prisma que refletimos sobre os agrupamentos dos grandes centros urbanos, ligados às facções criminosas que têm atraído em grande número jovens no frescor de sua juventude. A escolha desses jovens por esses grupos deve-se a vários fatores. Em primeiro lugar, o jovem, ao marcar sua pertinência a uma facção criminosa, está buscando ser reconhecido socialmente como personagem importante e respeitada. Em segundo lugar, há também a visão de que esta seria uma maneira de se dar bem na vida em pouco tempo e com pouco esforço.

Por fim, falta a esses jovens uma referência familiar que abrande a inclinação ao suposto “sucesso” que se obtém pela participação no universo do crime. Mas sabemos que temos um aliado muito poderoso que é a maneira como a mídia transforma pessoas comuns em pessoas notáveis, apenas por que são atores que praticaram ações sinistras que resultaram em dissolução dos laços sociais.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

A seguir transcrevemos trechos de letras de três músicas (uma do repertório da MPB e duas do estilo *rap*) que deverão ser utilizados para a realização da atividade. Leia com atenção essas passagens no sentido de estabelecer uma articulação com os conteúdos abordados na aula, acerca da inclusão dos jovens nas tribos urbanas e do processo de exclusão, quando o jovem escolhe se incluir em grupo marginalizado, ligado às facções criminosas.

1.

Deixe-me ir, preciso andar

Vou por aí a procurar

Rir pra não chorar

Quero assistir ao sol nascer

Ver as águas dos rios correr

Ouvir os pássaros cantar

Eu quero nascer, quero viver.

("Preciso me encontrar" – Candeia)

2.

Eu perguntei e você responde,

Tu é bandido da onde? Tu é bandido da onde?

Eu nunca te vi na TV, eu nunca te vi no jornal

Nunca puchô uma cadeia e ainda por cima se acha o tal

("Bandido da onde" – MC Ney)

3.
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorras me amam,
Os playboy se derretem,
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bola um plano,
Sou herói dos pivete.
("Eu sou 157" – Racionais MC)

O conteúdo do primeiro trecho faz alusão à necessidade de evasão, muito comum nos jovens, mas também à possibilidade de construção do processo identitário, representado pelas aspirações a entrar em contato com outros aspectos da realidade fora do âmbito familiar, como: rios, canto dos pássaros, nascer do sol. No segundo trecho, vemos a indicação de que a notoriedade de um bandido é somente alcançada por meio da divulgação em meios de comunicação, como o jornal e a televisão. O trecho deixa claro que o bandido só é considerado em termos de fama, prestígio e poder quando passa a circular nos meios de comunicação. O terceiro trecho indica que a vida de bandido exerce um tipo de fascínio no plano da virilidade e também temor. Agora responda:

1 – Qual a finalidade do ingresso do adolescente nos grupos denominados tribos urbanas?

2 – Como explicar, no segundo trecho, o apelo à construção de vínculos sociais por intermédio do crime, noticiado em jornais e televisão?

3 – Quais elementos podem ser extraídos do terceiro trecho em termos de aspectos do sujeito?

RESPOSTA COMENTADA

1 – O adolescente busca em grupos sociais encontrar valores e referências diferentes em relação a tudo que foi consolidado no contexto familiar. Os grupos representam famílias de transição que servem de suporte para os jovens construírem suas identidades no momento em que terão de abandonar suas identidades infantis. Além disso, as tribos urbanas representam a possibilidade de o jovem conhecer outros horizontes de relacionamentos além do universo familiar e escolar.

2 – O trecho faz uma distinção entre bandidos comuns (aqueles que permanecem fora dos veículos de comunicação e dos ambientes prisionais) e bandidos importantes (aqueles que conhecem o ambiente carcerário e que seus atos foram destacados pela mídia). Pela análise do trecho, vê-se a sugestão da possibilidade de enquadramento social pela prática do crime.

3 – Em princípio, a mensagem é a de que para viver no crime, o sujeito não pode ter medo. Há também indicações de insígnias de virilidade, alcançadas pelo crime, e também a difusão do bandido na figura de herói como algo que faz parte de um processo de transmissão de valores. A autoridade é conseguida na cena do delito.

RESUMO

A construção da identidade dos jovens quando saem da infância apresentam nuances próprias. Por um lado, os jovens devem abrir mão dos suportes que eram os esteios de segurança da infância, uma vez que a adolescência exige um novo posicionamento ante a vida, à família e a sociedade. Por outro, deve encontrar, no contexto das relações sociais, modelos de quem extrairá características para o acabamento de sua identidade. A saída da família faz com que o jovem faça a inclusão em grupos que passam a lhe servir de referência. É nesse sentido que, além dos grupos de amigos, do bairro, os amigos da escola, é bastante frequente os jovens participarem das chamadas tribos urbanas, por serem agrupamentos que oferecem suportes para a expressão de singularidades, em termos das condições

que diferenciam um grupo do outro. Nesse sentido, a caminhada em direção a esses grupos é bastante salutar. Existem circunstâncias em que falham os referenciais transmitidos no seio da família ou da instituição escolar, motivo que leva os jovens a um tipo de autoexclusão, decorrente da inclusão ao universo da criminalidade na busca de afirmação da virilidade, de prestígio, sucesso e poder.

Adolescência tardia

Francisco Ramos de Farias

AULA

17

Meta da aula

Apresentar os fundamentos para compreender o fenômeno da adolescência tardia.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar algumas atitudes que caracterizam a adolescência tardia;
2. enumerar as situações extremas na vida do adolescente.

INTRODUÇÃO

Conforme abordamos em aulas anteriores, a adolescência é um momento inaugural no desenvolvimento psicológico, pois seu advento deve ser compreendido como uma etapa fundadora na qual acontecerá a ressignificação do passado, quer dizer, da infância. Mas o que devemos entender com essa ressignificação? Em primeiro lugar, temos nela a mudança de sentido de tudo o que foram as experiências da infância. Em segundo lugar, a reelaboração da vida infantil é o ponto de abertura para a preparação do horizonte futuro, que é a vida adulta.



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/i/in/innosence/1012452_uggless.jpg.

Poderíamos mesmo afirmar que se trata de uma construção do passado, ou seja, dar continuidade à etapa de organização psíquica que aconteceu na infância. Para que possamos ter esse tipo de raciocínio, temos de entender o psiquismo como um processo em construção contínua, que apresenta momentos de construção intensa e outros em que poucas transformações ocorrem. Não é de longe comparado ao crescimento físico que estagna depois de certo tempo: há sempre alguma coisa nova a ser produzida do ponto de vista psíquico.

Como pensar a diferença entre infância e adolescência, considerando a constituição psíquica? Não iremos nos aprofundar nesse tópico, mas assinalar uma característica principal em relação a essas duas etapas do desenvolvimento. Na infância, a criança é pensada em função dos personagens parentais ou de seus cuidadores, enquanto que o adolescente é necessariamente pensado

em termos da relação com pares que se organizam fora do ciclo familiar. Sendo assim, o jovem dispõe de duas referências: a que foi construída na infância a partir dos esteios edificados no contexto familiar e a dos grupos a que passa a pertencer. Podemos, por isso, afirmar que o adolescente é um ser social e gregário, mesmo apresentando o isolamento como um dos momentos dessa etapa. Além desse caráter social, não podemos pensar a adolescência sem incluir, no processo, a dimensão temporal, visto que, embora não possamos nos firmar em limites cronológicos, temos de situar essa etapa como um intervalo de tempo que tem desafios próprios e também modos próprios de elaboração.

É nessa linha de raciocínio que abordamos o fenômeno da adolescência tardia. O conceito de adolescência tardia suscita mais perguntas do que nos oferece respostas. Vamos refletir sobre a condição de jovens que mantêm, apesar de transcorridos anos, uma dinâmica de pensamentos e de ações que não são esperadas socialmente, quando se ultrapassa um limiar etário. É nesse contexto que situamos o fenômeno da adolescência tardia e sua implicação para os jovens e seus familiares.

SENTIDOS DA ADOLESCÊNCIA TARDIA

A seguir, apresentamos um trecho da entrevista da atriz Carolina Dieckmann, capa da revista *Vogue* do mês de abril de 2010, em uma matéria intitulada: Não fui adolescente aos 14, mas fui aos 30.

Nessa reportagem, a atriz “abriu o jogo” sobre sua vida, afirmando que “quando a pessoa pisa no meu calo, descarto mesmo. Esqueço até que um dia conheci. Sou capaz de encontrar e não cumprimentar. E não brigo, porque acho cafona brigar, tomar satisfação. Sou muito exigente, só acredito na ética e no caráter”. Mãe de Davi, fruto do seu casamento com o ator Marcos Frota, e de José, filho do seu atual marido, o diretor de televisão Tiago Worcman, ela revela: “Adoro ser mãe, mas odeio estar grávida. Torno-me uma pessoa insuportável, enjoa muito.” Ano passado, ela foi vista várias vezes se divertindo nas noites do Rio. Adolescência tardia? Ao ser indagada sobre o assunto, admite que “vivi isso sim e foi maravilhoso. Eu tive de me dar uma autorização para curtir esses meses. Se estiver, qual o problema? Não devo nada a ninguém, não estou fazendo nada de errado. Libertei-me da culpa de não ter sido adolescente; não fui aos 14, mas fui aos 30”.

Adolescência tardia: o que quer dizer essa expressão? Para abordar essa temática, temos de, em princípio, situar as teorias clássicas que definem a adolescência como um processo que apresenta três subfases: a puberdade, a adolescência intermediária e o final da adolescência. Essa terceira subfase é esperada como o momento de solução dos conflitos da infância e também a compreensão dos temas da vida futura, como identidade, vocação profissional, independência dos pais.

Eis o cenário de término da adolescência: solução dos conflitos edípicos, minimização das ambivalências nas relações de amor e ódio, e maior clareza no estabelecimento das relações no contexto social. Também podemos nos referir a uma certa estabilidade no processo de construção da identidade ou uma posição diante da difícil indagação para o jovem: querer ou não ser um adulto e toda carga de significação da vida adulta?

São essas nuances conflitivas da vida do adolescente que podem ser um determinante no retardo desse momento de término da adolescência, o que denominamos adolescência tardia. Como compreender o sentido dessa expressão?

Adolescência tardia é uma concepção que supõe um determinado tipo de funcionamento psíquico na vida dos jovens adultos quando apresentam modos de pensar, de sentir e de agir típicos dos momentos conturbados da vida.

Essa ideia é conhecida socialmente como a crise dos anos quarenta, quando jovens adultos se afirmam em termos da busca de fortes emoções, expondo-se a aventuras extremamente arriscadas, como a dependência química e outros atos arriscados, como se estivessem querendo ser observados, como quem coloca certos limites à prova. Seria um meio de reativar, com muita intensidade, todas as ferramentas que suscitaram a onipotência própria da adolescência, para evitar o confronto com os limites que são apontados na vida adulta, como os limites em termos do mercado de trabalho, o declínio de certas destrezas corpóreas e consequentemente a sinalização da morte como um fim que se aproxima. Esse é o momento em que o homem não tem como ignorar o peso da existência, ou seja, é obrigado a se conscientizar de coisas que não deseja fazê-lo.

Assim, apresentamos uma primeira característica da adolescência tardia que é a negação das circunstâncias do momento de vida. São jovens adultos que, possivelmente, não elaboraram ou elaboraram de

forma inadequada a crise da adolescência, ou mesmo que viveram em situações completamente superficiais ou, ainda, fizeram parte de um mundo massificado, sem refletir sobre a própria singularidade. Nesse sentido, a adolescência tardia pode ser apontada como um retorno às ações dos jovens quando estavam envolvidos na solução dos conflitos, devido à ruptura com o mundo infantil.

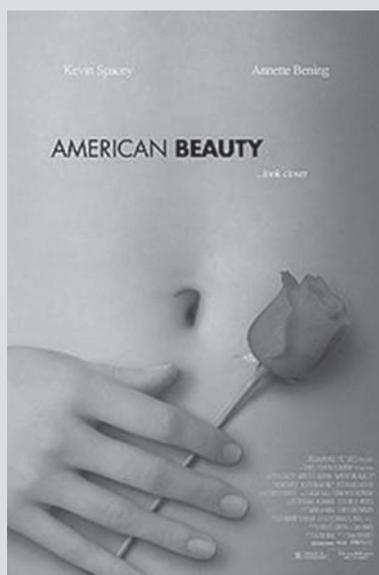


Figura 17.1: Filme: *Beleza americana*.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/thumb/b/b6/American_Beauty_poster.jpg/220px-American_Beauty_poster.jpg

O filme *Beleza americana* (1999, EUA) ilustra com propriedade a condição de adolescência tardia como o retorno de jovens adultos às situações conflituosas da adolescência. Nesse filme, o pai aparece fumando maconha, de forma contínua, planejando uma vida puramente fantasiosa e imaginária, a ponto de se ocupar da sedução de uma jovem amiga de sua filha. Além disso, recusa um trabalho de sucesso para ser atendente de uma loja de uma grande rede de *fast food* e ainda confina-se em uma garagem onde o tom é uma música em altíssimo volume.

Há outro sentido para a expressão adolescência tardia, formulado como o prolongamento da vida adolescente. Seria então a estirada na terceira subfase da adolescência, que se prolonga depois do curso de Ensino Superior e da inserção no mercado de trabalho. Trata-se de um prolongamento do modo de ser adolescente que ultrapassa a faixa dos trinta anos ou até mais.

Existem algumas particularidades em relação a essa questão, principalmente se nos remetermos à definição de adolescência como um momento de transição. Porém, se é um momento de transição, espera-se que quanto mais rápido transcorra, melhor. Isso pressupõe que há um ideal acerca da vida infantil que deveria ser o preparo para a vida adulta e a adolescência seria o momento de elaboração dos conflitos infantis para que o jovem disponha de condições para o ingresso na vida adulta.

Certamente, teríamos nesse tipo de compreensão a crença de que há uma imagem do ser criança e uma do ser adulto, plenamente definidas e delimitadas, sendo que a imagem do adolescente não apresentaria limites claros e definidos. Mas, se analisarmos o cenário da contemporaneidade, teremos outras circunstâncias a considerar em termos da valorização da imagem dos corpos dos adolescentes como ideal de beleza e juventude. Quando focalizamos esse aspecto, tão presente no mundo atual – onde muitas pessoas não abrem mão da condição de ter um corpo adolescente –, somos levados a extrair duas conclusões:

- a) a vida adulta seria o momento que não se deseja alcançar, especialmente em relação ao declínio natural das funções corpóreas como o frescor da juventude;
- b) ingressa-se na vida adulta desde que sejam conservadas todas as condições da vida adolescente.

Situação difícil. Não é por acaso que adultos, na atualidade, não medem esforços em dietas, atividades físicas, cirurgias estéticas, tratamentos dermatológicos, para parecerem eternamente jovens. Há certamente um apelo desesperado à manutenção do corpo de adolescente, pois dificilmente esses recursos oferecem o vigor da vida da juventude em termos subjetivos. Devemos assinalar que parecer jovem é uma coisa e ser jovem é outra bem diferente. Porém, sabemos que, na atualidade, as políticas de saúde coletiva recomendam a prática de atividades físicas e determinados estilos de alimentação, para o bem-estar e saúde, e não visando ao resgate de um corpo adolescente, uma vez que tal empreitada é impossível.

No entanto, se o ideal de manutenção de um corpo jovem é tão difundido hoje em dia, alguma razão deve existir para isso. A esse respeito, podemos tecer algumas considerações muito mais em tom interrogativo do que propriamente afirmativo. Estaríamos vivendo em uma época em que não existem modelos de vida adulta que sejam satisfatórios, seja em termos de trabalho, seja de realização sexual? Ou os jovens adultos se confrontam com a dura realidade da falta de oportunidades ou de alternativas para uma vida adulta tranquila?

Certamente, são indagações inquietantes em relação às quais pensamos que a maioria dos jovens adultos, do mundo atual, não abre mão da dependência à imagem corpórea da adolescência. O fenômeno é conhecido na atualidade como o endeusamento, no âmbito feminino, do modelo **LOLITA**, e no universo masculino do modelo **METROSSEXUAL**. São jovens adultos que se esforçam para manter a imagem de um corpo jovem, utilizando-se dos diversos meios disponíveis no campo da estética, principalmente. Cabe salientar que, em grande parte, esses jovens são de classes economicamente bem favorecidas e que dispõem de uma boa situação econômica.



Figura 17.2: Meninas fantasiadas de Lolita.

Fonte: http://www.flickr.com/photos/eelssej_/610367741/sizes/m/in/photostream/



Figura 17.3: A imagem inocente da menina.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/il0vepullip/3798958306/sizes/o/in/photostream/>

LOLITA

É o termo designado para um estilo de moda de origem japonesa que se reporta às décadas de 1970 e 1980. As seguidoras desse estilo de moda são frequentemente conhecidas como “fofas” ou “adoráveis”. Além disso, há nesse estilo de moda a nostalgia em relação a outros tempos históricos ou simplesmente à infância. O estilo pode ser descrito como aquele que aparenta “inocência” e também relembra o universo infantil para evitar que a mulher apresente uma imagem adulta.

METROSSEXUAL

É um termo originado na última década do século XX que alude a dois conceitos: o jovem metropolitano e heterossexual. Trata-se de uma gíria para o jovem heterossexual dos grandes centros urbanos que se preocupa excessivamente com a aparência, a ponto de dedicar grande parte de seu tempo a cuidados com o uso de cosméticos e acessórios de grifes.

O termo, lançado na década de 1990, logo foi aproveitado pelas revistas masculinas britânicas e norte americanas, no intuito de fazer desses jovens o público-alvo em termos de consumo.

Neste século, o termo alcançou uma grande difusão, a partir de entrevistas com desportistas famosos que afirmavam ser adeptos de salões de beleza para tratamento da pele e do cabelo. Os metrossexuais são conhecidos como os jovens que

não vivem sem a sua marca predileta de hidratante para a pele, que apreciam um bom vinho, que sonham com o último modelo de carro desportivo e gostam de comprar peças de *design*. São tipos de jovens que, apesar de toda a incursão no universo dos cosméticos e dos salões de beleza, fazem questão de afirmarem a heterossexualidade.



Figura 17.4: David Beckham, famoso metrossesual, ao lado de sua esposa.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/il0vepullip/3798958306/sizes/o/in/photostream/>

Considerando essas reflexões, seria pertinente recorrer ao processo de produção do vinho, conhecido como colheita tardia, que consiste na permanência da uva por mais tempo na planta para que, com esse procedimento, o vinho produzido apresente um sabor extraordinário e particular. Assim como a permanência da uva na planta por mais tempo produz um sabor agradável para o vinho, poderíamos admitir que a estirada da adolescência tornaria o jovem um adulto mais tranquilo na vida adulta?

Como transpor a situação do vinho, em termos meramente comparativos, para pensar a questão da adolescência? Em primeiro lugar, podemos pensar que a adolescência, como uma etapa de construção dos esteios para a vida adulta, é uma etapa de transição. Então, as ela-

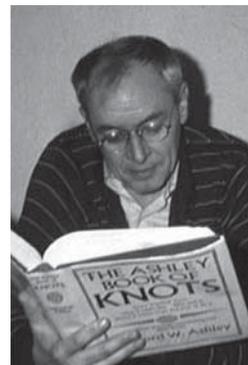
borações e conquistas dessa etapa do desenvolvimento psíquico podem ser consideradas como a ferramenta que prepara o jovem para a vida adulta e que o torna desejável, quando elabora a rebeldia e as atitudes de negativismo. Em segundo lugar, devemos assinalar que essas conquistas não são o resultado daquilo que, no meio midiático, é enfatizado nos modelos dos corpos de “lolitas” ou de atletas de forma massificada em que se apregoa a afeição desenfreada ao consumo.

Podemos afirmar que o que suaviza a vida do jovem adulto não são os objetos oferecidos como ideais de corpos que apresentam o invólucro de jovialidade, e sim o processo de criação que é próprio da adolescência, principalmente, por ser uma etapa que se processa “às margens”, tanto da vida infantil quanto da vida adulta. Eis o que podemos depreender dos ritos de passagem nas sociedades “primitivas” como expressões representativas desse potencial criador, pois sinalizam o momento de máxima abertura em termos de pertencimento ao universo da vida adulta, o que requer, necessariamente, a construção de uma nova identidade.

Assim, podemos compreender a adolescência como o momento em que o jovem coloca-se “entre parênteses”, quer dizer, à margem, mas que se entrega à sabedoria para solucionar a situação em que se encontra: do caos à criação. Criação no sentido da construção de uma nova identidade para enfrentar as difíceis condições da vida adulta, entregar-se ao exercício das tarefas necessárias à sobrevivência e usufruir das realizações que advêm desse momento da vida.

Analisando a questão por esse prisma, compreendemos que o tema do final da adolescência, quando focalizado como adolescência tardia, aparece confundido com o processo de adolescência interminável. Mas, seja adolescência tardia ou adolescência interminável, devemos considerar que as saídas tradicionais formuladas para o término da adolescência devem ser repensadas.

A esse respeito temos muitas dúvidas, objeções e indagações. Então quando um jovem produz o término de sua adolescência? Em princípio, podemos afirmar que um jovem faz o término de sua adolescência quando a preocupação dos pais já não pesa de forma significativa, ou seja, quando essa preocupação não tem um efeito inibidor na vida do jovem. Essa é a concepção de **R. D. LAING**, um psicoterapeuta que muito se dedicou ao estudo e tratamento das situações familiares nas quais havia um membro em situação de distúrbio psíquico grave.



**RONALD DAVID
LAING**

Nasceu em 7 de outubro de 1927 e morreu em 23 de agosto de 1989. Foi um psiquiatra escocês que se dedicou ao tratamento das doenças do psiquismo, tendo escrito muitos livros sobre seu ponto de vista sobre a doença mental e sobre o tratamento. A fórmula de término de adolescência, proposta por Laing, pode ser compreendida como sendo o momento em que o jovem consegue metaforicamente “matar sua família”. Quer dizer, quando o jovem consegue tomar uma certa distância de sua família interna e construir outros vínculos afetivos fora desse contexto. Mas o grande desafio que enfrentamos a situar essa abordagem consiste no questionamento do término da adolescência compreendido, em termos de parâmetros culturais, como a profissionalização ou a união conjugal. No entanto, indagamos: esses parâmetros significam que os jovens libertam-se da proteção de seus pais e de seus pais? Provavelmente, não. Em termos psíquicos, essas conquistas podem não ter grande repercussão, embora sejam realizações importantes.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Analise atentamente os fragmentos de vida de dois jovens adultos:

1. Alfredo encontra-se no momento de concluir um segundo curso de doutorado, incentivado pela empresa onde trabalha, aos 42 anos, vivendo comodamente com os pais, pois por ser filho único não pensa em sair de casa, embora já trabalhe e ganhe um bom salário. Tem uma namorada com quem mantém relações sexuais esporádicas, mas não pensa em casar tão cedo. Alega que seus pais já são idosos e que precisam de alguém para cuidar deles. Tem planos de fazer um pós-doutorado. Seus amigos são os colegas do atual curso de doutorado, todos com menos de dez anos em comparação com sua idade. Gradativamente, interessa-se por esportes e frequenta campeonatos na companhia de desportistas com menos de 30 anos. Em casa, esmera-se dos cuidados com seu automóvel e com a coleção de modelos de carros de corrida que preenchem uma grande estante em seu quarto.

2. Lúcia, com 38 anos, dedica grande parte de seu tempo à prática do alpinismo, razão pela qual não conseguiu ainda concluir um curso universitário. Vive dependendo de ajuda financeira de seus pais e de sua avó materna, que cumpre a função de pagar seus cursos e comprar todo o material do alpinismo. Costuma alimentar-se e dormir nas encostas de uma grande rocha, nas escaladas que realiza, dentre as quais uma já teve duração de 28 horas seguidas. Até o momento não consegue terminar seus estudos em função da dedicação ao treino com o grupo de jovens que praticam essa modalidade de esporte. Não pensa em ter filhos, uma vez que não se dispõe a cuidar de crianças. Tem um namorado do grupo de esportistas, mas não considera algo sério.

A seguir, identifique e explique qual o sentido da adolescência tardia em cada um deles.

RESPOSTA COMENTADA

No primeiro extrato, vemos a situação de um jovem adulto que ainda está aprisionado à preocupação dos pais que, embora trabalhe significativamente e tenha sucesso nos estudos, revive determinados conflitos da adolescência que não foram devidamente elaborados com a independência afetiva dos pais e ainda não construiu elementos para gerenciar sua própria vida. O hábito de colecionar carros é o retorno de uma prática muito comum na primeira subfase da adolescência em que os jovens firmam vínculos pela trocas de objetos de suas coleções.

No segundo fragmento, vemos o prolongamento da adolescência pelo fato da dificuldade de conclusão de um curso superior como possibilidade de planejamento de uma perspectiva de trabalho. A dependência financeira de pessoas do ciclo familiar sinaliza que esta jovem ainda se encontra em um momento de sua vida que não pensa em produzir meios para sua sobrevivência.

TAREFAS NA VIDA DO ADOLESCENTE

A saída do núcleo familiar é uma tarefa que deve fazer parte do horizonte dos jovens, ou seja, deve ser planejada a médio ou a longo prazo, em termos da profissionalização, principalmente. Isso corresponde à conquista do mundo exterior pelo pertencimento a grupos de amigos e relações afetivas como namoro, quando ocorre a ruptura com a família nuclear e o distanciamento das referências próprias do mundo infantil.

A saída da família nuclear é um dos principais desafios para o término da adolescência. Um dos aspectos críticos, nessa ocasião, é o confronto das ideias da família com as ideias dos amigos. Muitas vezes, quando os jovens validam somente os referenciais dos grupos de amigos e rompem, sem planejar, as relações com a família nuclear, seja por um laço conjugal, ou pela inserção no mercado de trabalho, podem passar por situações difíceis e retornar à família na condição de quem não estava preparado para tal empreitada. Nessas circunstâncias, o jovem ainda se encontra na terceira subfase de sua adolescência e as tentativas de solução não são satisfatórias. Podemos admitir que o retorno à família nuclear é o indício mais significativo da adolescência tardia.

Muitos jovens tentam fazer a ruptura com a família nuclear sem mesmo sair de casa, como acontece na gravidez na adolescência, principalmente em situações em que a jovem engravida e o jovem passa a conviver na família dela. É uma tentativa fracassada, pois esse tipo de ação somente intensifica os vínculos de dependência afetiva e econômica com a família. Deixando de lado as situações de graves conflitos na relação dos pais com os filhos, em que estes pretendem sair o mais rápido da companhia dos pais, os jovens da atualidade se mostram menos apressados em deixar a casa dos pais do que aqueles dos anos 1970. Essa mudança explica-se pela abertura em relação às questões concernentes à sexualidade e às exigências de profissionalização.

Certamente, determinados indícios são marcas importantes que sinalizam a ruptura com a família nuclear: a construção de relações em grupos de amigos, a profissionalização e o projeto de união conjugal. Essas são exigências culturais esperadas para um adulto. A esse respeito, há um aspecto interessante a ser considerado: a relação do jovem com os pares de mesmo sexo dos grupos a que pertence tem se modificado. As festas deixaram de ser um lugar de encontro para conquistas amorosas para serem somente um lugar de pura diversão dos amigos de mesmo sexo, rapazes e moças. A diversão inclui ingredientes como as escolhas por alternativas tóxicas, como o consumo de álcool e de outras substâncias que circulam ilicitamente.

As escolhas por substâncias tóxicas, como o álcool e as drogas, devem ser consideradas como um alerta para um tipo de conduta dos jovens: o grande investimento em ações sensoriais, referidas ao prazer em detrimento das relações afetivas, como acontece naquilo que conhecemos como o tipo de relacionamento “ficar”, tão comum entre os jovens nas festas em que se encontram.

Associado à ruptura da família nuclear, temos como condição de solução dos conflitos da terceira subfase da adolescência o planejamento relativo à possibilidade de construção de um laço conjugal. Geralmente, a solução esperada para a sexualidade dos jovens, em termos culturais, é a postura heterossexual. Porém, como na adolescência há a reativação dos conflitos edípicos, em grande intensidade, os jovens podem buscar soluções de amizades muito intensas com parceiros de mesmo sexo, ou ainda terem práticas sexuais de cunho homoerótico, uma das vertentes da orientação sexual conhecida como **HOMOEROTISMO**.

HOMOEROTISMO

É o termo que designa a atração sexual entre dois seres de mesmo sexo. Na opinião de Jurandir Freire Costa, em sua obra *A inocência e o vício*, o estudo sobre o homoerotismo contribui para a discussão da ética da vida privada. O interesse pelo tema surgiu das preocupações sobre a incidência do preconceito sexual. O termo homoerotismo não pretende rebatizar moralmente a homossexualidade. Quando se emprega a palavra homossexualidade, inevitavelmente se pensa em duas coisas: ou que é uma condição natural, um tipo específico de sexualidade comum a certos sujeitos, em qualquer período histórico ou circunstância cultural, ou então que se trata de uma condição psicológica igualmente universal e típica de certos sujeitos. O termo homoerótico alude ao que é designado por homossexualidade no sentido de se referir a quaisquer práticas eróticas entre sujeitos do mesmo sexo biológico.

Como então explicar tais acontecimentos? Em tese, para assumir uma identidade sexual, o jovem teria de, pelo menos, articular três aspectos:

- a) investir sexualmente em uma pessoa fora do âmbito familiar;
- b) assumir o gênero que é socialmente esperado;
- c) planejar o ato sexual como possibilidade ou mesmo realidade, visto que os jovens da atualidade iniciam a vida sexual bem cedo.

São, na verdade, três grandes desafios para o adolescente que, uma vez não superados, poderão retardar, em muito, o término da adolescência.

Nos tempos atuais, a mídia divulga modelos de jovens que fazem sucesso, não apenas os heterossexuais, como também transexuais, travestis e outros que podem ter influência para o adolescente no momento da produção de soluções para esses conflitos. Certamente, trata-se de uma abertura no sentido de que algumas formas de sexualidade são tornadas públicas e que, em tempos passados, eram vistas de forma preconceituosa.



Figura 17.5: Saleti Campari e Isabelita dos Patins, famosas *drag queens* brasileiras, na Parada Gay de São Paulo de 2009.

Além disso, a ideia de fidelidade é fortemente questionada pela juventude, do mesmo modo que são os modelos de família. Todo esse cenário de mudanças apresenta aspectos que podem intensificar os conflitos infantis que são reativados nos jovens. Isso levaria um tempo maior para produzir uma solução, podendo postergar o término da adolescência, especialmente no que concerne à assunção, pelo jovem, de um corpo adulto, o que exige um longo processo de luta pela perda do corpo infantil. Além disso, existem também exigências sociais em relação ao um modelo estético de corpo que são veiculadas pela publicidade e pela televisão.

A pressão exercida pela difusão de um modelo ideal de corpo é de tal natureza que o jovem, ao invés de se reencontrar com sua imagem em seu próprio espelho ou a de seu semelhante, vê-se remetido a corpo do modelo televisivo, seja em termos de imagens de caráter sexual, seja pelo valor do corpo para fins econômicos como acontece na publicidade e na moda.

Enfim, um outro tipo de realização da qual o jovem deve se ocupar consiste no planejamento da escolha profissional e de projetos para o trabalho. Certamente o momento da escolha de uma profissão é repleto de dúvidas, porém se esta escolha não acontece, podemos afirmar que o jovem ainda se encontra na adolescência tardia, visto que a escolha de uma profissão é a porta para a realização em termos de trabalho.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Vamos aguçar a nossa criatividade nesta tarefa e dispor-nos a assistir ao filme *Diário de um adolescente*, do diretor Scott Kalvert, estrelado pelo ator Leonardo DiCaprio, lançado no ano de 1995, disponível em DVD. Apresentamos o breve resumo para familiarizá-lo com a temática.

O filme é a adaptação do livro de Jim Carrol, no qual se encarrega de relatar os difíceis passos de sua adolescência problemática. O papel principal coube a Leonardo DiCaprio que interpreta o jovem Jim, nos tempos em que era um jogador de basquete na escola onde estudava. Na rua, constantemente se envolve em brigas com os amigos e tem suas primeiras experiências com drogas. Uma vez tendo ingressado no mundo das drogas, sua vida esvai-se quase por completo. Entra em verdadeiro estado de ruínas. Um dia, desmaia em um jogo, passa a roubar, razão pela qual é expulso de

imerso nos problemas decorrentes de sua imaturidade, por outro, ele poderá com muito empenho contorná-las e superar os desafios. Você acha que Jim foi capaz disso?

Veja que você poderá encontrar algumas respostas para essa questão. Na verdade, não existe uma única, mas você deverá refletir sobre como o adolescente coloca-se diante de desafios e escolhas, e como sua postura diante delas pode mudar radicalmente sua vida. A grande diferença entre um processo de adolescência natural e aquele que se estende além do considerável está na sua atitude diante da vida e como poderá resolver seus conflitos internos e externos. Alcançar a independência implica traçar um caminho que pode ser difícil, mas que exige coragem, determinação e superação. Será esta a mensagem do filme? Pense sobre isso.

ADOLESCÊNCIA TARDIA OU CRISE PERMANENTE?



Para iniciar nossas reflexões acerca da indagação que propomos no título, sugiro a leitura do depoimento, bastante elucidativo, de uma jovem adulta (em estado de adolescência tardia que evidencia situações de conflitos), extraído do seguinte site: <http://sexoprozac.blogspot.com/2010/03/adolescencia-tardia.html>

No mês em que faço os 39 anos, sinto-me completamente adolescente! Mas será possível?! E as espinhas que não me largam! Ainda hoje o dermatologista voltou a confirmar o que eu já sabia: Acne tardia. São os hormônios, pois...já deu para ver cada vez que aparecem no rosto e depois as vejo ao espelho. Sinto-me estar de

novo apaixonada, em que nas horas em que não estamos juntos falta qualquer coisa e que, sempre que me acontece qualquer coisa fico doída para lhe contar. Tem também a vontade de partir, viajar, conhecer, aprender como se não houvesse amanhã e como se eu pouco ou nada soubesse ou conhecesse. Sempre mais. A vontade, às vezes, de ficar no meu canto, de não falar com ninguém, de não ver ninguém, de não atender ao telefone, querer curtir a fossa. Como se não me sentisse adaptada... insegura como uma adolescente.

Inspiramo-nos nesse importante depoimento para situar uma questão da adolescente tardia que nos servirá de guia de reflexão: a adolescência tardia pode ser compreendida como uma crise permanente? Quer dizer, como a crise da infância que é reativada, com toda força, na adolescência, mas que não se resolve?

A crise da adolescência que ressurgir dos conflitos infantis requer que o jovem se debruce em profundas reflexões, desta vez não mais em termos do amor às figuras parentais, mas em relação às escolhas que devem ser feitas, frente ao horizonte futuro. Nesse momento de reflexão, as reações dos jovens são de diversas naturezas, indo desde um certo desinteresse pela vida até um estado de perplexidade. Mas, em função das descobertas que acontecem, o jovem descobre que as respostas rápidas para seus questionamentos têm de esperar um pouco, seja em termos da realização profissional, seja em termos da possibilidade de união conjugal e procriação.

A possibilidade de espera é, às vezes, bastante desanimadora para os jovens que sonham com a realização imediata. Assim aconteceu com o crescimento, pois a criança impacienta-se por não ter a altura dos adultos e não poder alcançar certos alvos. A espera pela altura é bastante incômoda, inversamente proporcional à satisfação ante a descoberta do crescimento. Quantos jovens relatam o prazer de um dia terem alcançado o suporte superior de segurança de um ônibus!

A atitude de espera e a perplexidade que são evidenciadas por questionamentos demonstram a essência das verdades do processo de desenvolvimento do jovem, ou seja, não são aspectos negativos. Muito pelo contrário, são esperados em termos das transformações psíquicas do modo de vida infantil. Além do mais, são os esteios da identidade

do jovem em processo de construção no momento em que teve de rever a identidade infantil em termos de seu alcance para o confronto com o ambiente extrafamiliar.

A construção da identidade é a tarefa da qual o jovem deve se ocupar no sentido da compreensão e elaboração da passagem infantil para o universo da vida adulta. Mas devemos salientar que, apesar de nos referirmos à ideia de passagem, não estamos, com isso, querendo afirmar que a adolescência é somente um momento de passagem, e sim uma etapa de profunda construção e elaborações, principalmente um momento marcado pela presença de angústia diante de um horizonte que se afigura como novo, incerto e temido, especialmente se considerarmos que o homem, na atualidade, vive pressionado por uma intensa angústia em relação às incertezas sobre as condições de vida no planeta, o destino da humanidade, entre outras.

Então como compreender a adolescência tardia, considerando esses referenciais que se apresentam ao jovem, como as dificuldades em termos de colocação no setor produtivo, as ameaças ao planeta, a crescente onda de violência, a insegurança? Não teríamos de refletir sobre essa situação, uma vez que o cenário de nossa época coloca muitas exigências ao jovem? Sendo assim, a adolescência tardia pode, muito bem, ser considerada como uma expressão saudável do estado de perplexidade, questionamento, dúvidas, mas, sobretudo, como uma abertura para um processo de transformação que tem lugar nessa etapa da vida. Poderíamos mesmo afirmar que a adolescência tardia seria comparável a uma “parada” para reflexão no sentido da construção da criação e da descoberta de novos caminhos.

Eis o sentido da crise da adolescência: potencialidade transformadora e criadora. Por esse motivo, a ideia que podemos formular do que seja a adolescência tardia deve considerar que esse processo de transformação acontece no cerne de uma problemática que, na medida em que surgem soluções, indica o engajamento do jovem em projetos articulados com ideais para a vida no futuro, mas que igualmente expressa a capacidade criativa e os arranjos necessários para a elaboração da ruptura com o mundo infantil. Esses ideais são de fundamental importância, pois conduzem o jovem a acreditar em sua potencialidade para transformar-se

e também transformar o mundo. É um tipo de inquietação bastante positiva que, se for bem canalizada, pode ser bastante frutífera na produção dos esteios para o confronto e o enfrentamento das intempéries da vida.

São ideais que se desdobram em projetos de vida em termos da inserção no mercado de trabalho, a participação em organizações de cunho solidário e outras iniciativas que têm importância em termos de transformação subjetiva. É nesse sentido que compreendemos a adolescência tardia como o último dos momentos lógicos do processo de construção da identidade do adolescente, o que requer considerar dadas particularidades de etapas anteriores, especialmente a maneira como foram produzidas soluções para os impasses e conflitos com os quais o jovem se defrontou. Além disso, devemos considerar a mudança que ocorre em termos dos limites.

O problema dos limites para os jovens é a grande “dor de cabeça” para pais, educadores e demais agentes de socialização no mundo atual. Vários são os fatores que acentuam a questão dos limites. Em primeiro lugar, vivemos em uma sociedade que apresenta anseios de universalidade, o que exige dos jovens o esforço de atualização e domínio em vários campos do conhecimento e de atividades. A questão dos limites deve ser considerada em termos das condições histórico-sociais em que são produzidos os arranjos subjetivos fundamentais na construção da identidade. Em segundo lugar, a adolescência acontece em um momento crucial de revolta em termos de história pessoal, pois se afigura um corte de gerações que se evidencia com o advento da puberdade em termos da prontidão para a procriação. Então os limites da adolescência são representativos desse corte com gerações que é percebido pelo jovem como peso da responsabilidade evolutiva, ou seja, dar continuidade à espécie.

CONCLUSÃO

A análise do fenômeno adolescência tardia permite repensar muitos dos conceitos até então construídos para explicar a adolescência. Começamos pelo processo de constituição de grupos: os grupos formados por jovens que atravessam essa fase não corresponde mais a uma formação de pares e sim um grupo regido por relações de hierarquia em que o jovem deverá inserir-se conforme acontece nas tribos urbanas. Nessas configurações, prevalecem os vínculos afetivos e a admiração por um

suposto líder ou por ideais aos quais os jovens submetem-se na crença de ser possível, nesse novo espaço, realizar seus projetos de transformação de si e do mundo, em melhores condições do que as até encontradas no contexto das relações familiares.

Vemos claramente que o processo de inserção em novos agrupamentos é a busca de um espaço para a solução dos conflitos diante das exigências em termos de escolha profissional e de cunho afetivo. Há nessa empreitada o temor pelo jovem em ser reprovado ou criticado pelos colegas da grupalidade a que pertence, pois qualquer expressão de singularidade que se distancie dos ideais do grupo é entendido como uma espécie de traição ao grupo, o que pode resultar em exclusão. Isso quer dizer que o jovem, para fazer parte de uma tribo, deve considerar as regras de funcionamento e dispor-se à abertura para confidências sobre projetos e vínculos de intimidade. Eis o que acontece nesses grupos, principalmente em termos da observância do respeito à figura do iniciador que, geralmente, é reverenciado e adorado pelos jovens.

A figura do iniciador, no momento da adolescência tardia, tem a função de apresentar ao jovem um contexto de configurações sociais diferentes daquela referida ao ambiente familiar, uma vez que as regras de funcionamento dos grupos são outras, da mesma forma que a finalidade do grupo é também outra. É muito comum, nesses grupos, ter lugar o questionamento do jovem sobre o que fará em sua vida em termos de trabalho e união conjugal, principalmente. Daí a importância da pertinência a esses grupos, pois é uma forma de planejar mecanismos de inclusão no universo profissional, mas fundamentalmente a importância revela-se em termos do esforço para conquistar um lugar que seja próprio.

Essa é a grande preocupação dos jovens que se encontram no momento da adolescência tardia. São jovens que se mobilizam para encontrar um lugar no mundo e esse processo pode ser demorado, o que explica o retardo no término da adolescência. Em muitas circunstâncias, a estrada do tempo deve-se ainda ao sonho nostálgico de esperar dos pais o suporte para a vida. Geralmente, nessas condições, o jovem ainda se encontra aprisionado à visão infantil dos pais como doadores de vida, imortais e sempre presentes na vida. O grande conflito vivido, pelo jovem, a esse respeito consiste na dificuldade de abrir mão dessa visão e confrontar-se com o difícil, mas não impossível, processo de construção da identidade por si, ou seja, aceitar a mortalidade dos pais, as contra-

dições da vida e todas as adversidades próprias do contexto das relações sociais. Há também a abertura para a reflexão acerca do investimento em termos amorosos em personagens fora do ciclo familiar, o que pode ser, dependendo das circunstâncias, um momento de difícil travessia.

Além das dificuldades que o jovem tem à sua frente em termos das mudanças corpóreas e psíquicas, devemos considerar o peso dos fatores sociais e as transformações culturais que produzem os chamados choques de gerações entre pais e filhos, cuja maior evidência expressa-se na adolescência. Isso pelo fato de que os valores de uma época que são transmitidos no contexto das relações familiares determinam modos de ação que nem sempre encontram ressonância no universo atual das relações sociais. Geralmente, o entorno social transforma-se em uma velocidade maior, comparável ao processo de transmissão de valores de uma geração a outra. Um aspecto interessante a esse respeito é o ideal de realização profissional que geralmente não apresenta ressonâncias muito próximas entre pais e filhos, pois os pais ainda têm o olhar voltado para um mundo que não aquele em que vivem os filhos.

A exigência de sucesso, pouco importando os meios, que faz parte do mundo atual pode ser uma das grandes dificuldades enfrentadas pelo jovem e que também pode ser um obstáculo à criação e à sustentação de determinados ideais sociais no sentido da construção de projetos que sejam de cunho solidário. É fundamental que a possibilidade de construção da identidade pelo jovem faça-se tanto em termos dos valores transmitidos pela família, mas também pelas novidades que advêm do contexto social em constante mudança.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Para a realização desta atividade, sugerimos a leitura das seguintes passagens de adolescentes que frequentaram o Centro de Acolhimento e Orientação de Jovens de uma universidade. Por razões éticas, os nomes dos jovens são fictícios, bem como o nome da instituição.

1. Joana é uma jovem universitária de 21 anos que se ocupa, voluntariamente, de trabalhos de orientação de mães em uma comunidade. Além dos estudos, realiza um estágio remunerado e tem planos de viver independente de sua família, tão logo conclua o seu curso superior. Não tem opinião contrária à convivência com pais e irmãos, porém acredita que é preciso construir seu próprio espaço, pois acredita que a casa em que mora é o espaço dos pais. Juntamente com outros colegas universitários, participa de um movimento solidário de esclarecimento a jovens que encontram dificuldades de escolha profissional e dá aulas em um curso de pré-vestibular na comunidade onde faz seu estágio. Faz parte de seu projeto de vida, em tempos futuros, o exercício da maternidade, pois tem em mente estabelecer uma união conjugal e ter filhos, tão logo produza condições materiais para este fim.

2. Mário é um homem de cinquenta anos, com formação universitária, mas que não consegue se fixar em nenhum trabalho, vivendo de rendimentos provenientes de mesadas de seus pais. Quando busca trabalho, somente consegue com amigos ou por influência dos mesmos. É casado, pai de dois filhos, mesmo dependendo economicamente de seus pais, com quem vive em clima de tensão, devido às constantes cobranças. A esposa trabalha como gerente de uma boutique da família de seu marido, sendo a única fonte de renda proveniente de trabalho nessa família. Frequentemente, diz para seus filhos e amigos que não nasceu para trabalho, e sim para ser artista. Tem toda uma preocupação com vestimenta, frequenta academias de ginástica e faz uso de produtos para rejuvenescer, pois afirma que quer ter a aparência de uma jovem de trinta anos. Já fez cirurgias estéticas e colocou implantes de silicone.

3. David é um jovem universitário de 26 anos que atravessa períodos de dificuldades em termos de isolamento e de relacionamento fora do pequeno grupo de três colegas do tempo em que cursava a faculdade de Administração. Tendo prestado dois concursos públicos, abandonou os empregos por não conseguir adaptar-se às rotinas do trabalho e também porque acredita que não escolheu o curso

RESPOSTA COMENTADA

1 – Podemos afirmar que Joana, pelas características apresentadas, é um exemplo de tenacidade e que se encaminha de forma satisfatória para a elaboração dos conflitos da adolescência, seja pela construção de vínculos afetivos com o grupo de colegas da faculdade, seja pelos projetos de inserção no mercado de trabalho e de saída do ambiente familiar. Sem dúvida, o seu processo de término da adolescência está bem avançado em função das soluções planejadas para sua vida, ou seja, é só mesmo uma questão de tempo de conclusão de seus estudos profissionais. Sendo assim, podemos afirmar que realiza, de forma adequada, as tarefas planejadas para a sua satisfação pessoal e profissional.

2 – Dentre as várias possibilidades de compreensão do fenômeno da adolescência tardia de Mário, podemos concluir que se trata de um retorno às condições de vida infantil em função do que alimenta determinadas ilusões em razão do medo de se tornar independente e fazer determinadas escolhas, pois aquilo que apresenta como um projeto de vida desejado é algo pelo qual não se esforça por realizar.

3 – A situação de David enquadra-se perfeitamente naquilo que denominamos a adolescência tardia como uma crise permanente, pois, apesar de dar alguns passos como concluir um curso superior, apresenta dúvidas de que essa não é a profissão que o realizará. Apresenta um vínculo de dependência afetiva do pai e dificuldades em termos de ruptura com a família, no sentido de planejar uma vida independente. A vida sexual é um campo de experiência também difícil, principalmente pelo fato de não esboçar qualquer desejo em termos do exercício de paternidade e mesmo de companheiro conjugal.

O conceito de adolescência, como vimos ao longo de nossas aulas, é uma produção cultural do final do século XIX que se edifica no século XX. Porém, as transformações de costumes, as consequências da revolução industrial, a exigência de escolarização para manuseio de máquinas e outras impuseram determinadas balizas na compreensão da adolescência. Os rituais das sociedades primitivas que marcavam a passagem do jovem para a condição de adulto não foram assimilados no contexto civilizado e, com isso, a adolescência foi abordada em outros parâmetros como acontece com a estrada que marca o seu término, conhecida como adolescência tardia. No século XX, também surgiram novas configurações de pertencimento dos jovens com as chamadas tribos urbanas, entendidas como um ambiente de transição, onde o jovem constrói esteios para a constituição de sua identidade. A inserção nesses grupos requer do jovem filiar-se a um ideal que é o aspecto diferenciador de cada grupo e também o fator que determina seu elo. Em muitas circunstâncias, o ingresso nesses grupos é de grande valia para os jovens no processo de construção de suas identidades, especialmente, quando atravessam o período de vulnerabilidade em face da perda da identidade infantil e o horizonte que se afigura em termos da ruptura com os vínculos afetivos restritos apenas ao contexto familiar. É uma longa caminhada, o que requer do jovem reflexão para elaborar o manancial de questões que surgem de vários aspectos da vida. Por isso, a adolescência tardia pode ser compreendida como um estado de crise que se alonga, mesmo após a conclusão de um curso superior ou mesmo pelo projeto de vida conjugal, deixando em aberto o processo de término desta etapa do desenvolvimento, visto que as dificuldades em relação à continuidade da geração familiar e a inserção no mercado de trabalho exigem profundas elaborações e são delicadas tomadas de decisão, quando são formuladas a partir de um longo processo de reflexão.

A adolescência no transcurso da história

Francisco Ramos de Farias

AULA

18

Meta da aula

Apresentar a evolução da adolescência no transcurso da história, tendo em vista a adolescência como a produção cultural, oriunda das grandes transformações que caracterizam a sociedade contemporânea.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

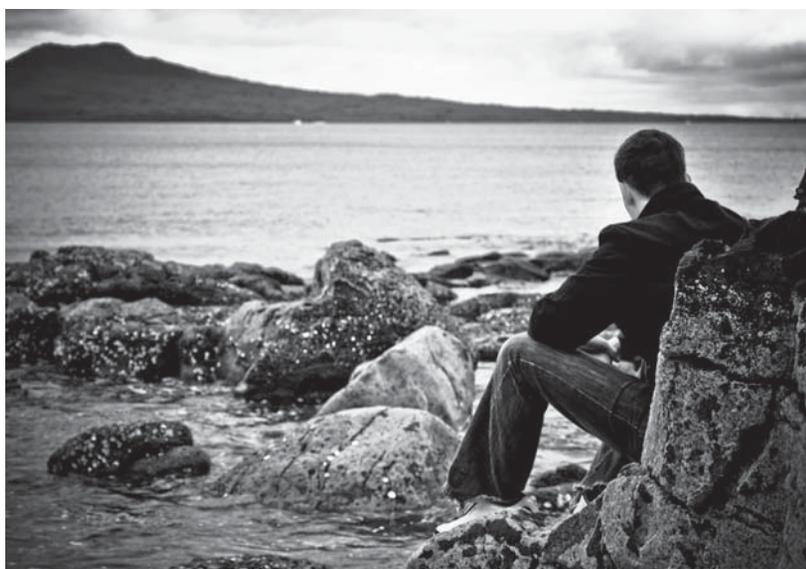
1. identificar a adolescência como uma produção decorrente de transformações, de costumes e valores;
2. verificar como os jovens relacionam-se no mundo atual.

INTRODUÇÃO

Vamos começar a abordar o assunto, a partir de uma reflexão: a adolescência, nos dias atuais, apresenta características próprias em relação a outros momentos históricos da experiência humana. Sem sombra de dúvida, os jovens que nasceram na última década do século XX apresentam um modo de relacionamento que é fortemente influenciado pelas grandes revoluções que tiveram lugar nesse século. Isso se deu tanto em termos de avanços tecnológicos, com a invenção dos computadores e a criação da internet, como também no setor da bioengenharia, com a inseminação artificial, os transplantes, a clonagem e a produção de células-tronco.

No entanto, sabemos que diante de tantas mudanças, de tantas descobertas e de um cenário de violência nunca visto, como os conflitos sangrentos que marcaram o século, o jovem traz consigo marcas indelévels desse mundo, o que influencia sua vida, suas escolhas e seus projetos para o futuro.

De uma coisa o homem do século XXI está ciente: a sensação de ter perdido alguns referenciais e, em decorrência disso, de se encontrar em profundo estado de desamparo e de incertezas em relação ao futuro.



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/s/ssspivak/1282219_looking_at_the_sea.jpg

Basta, para ilustrar essa situação, que nos debruçemos na leitura das notícias de jornais e revistas para nos depararmos com o relato de acontecimentos que, a princípio, parecem totalmente inexplicáveis e incompreensíveis, principalmente as ações de alguns jovens, que devastam vidas humanas, não em situações de guerras, mas em situação da vida, como: escola, lazer e trabalho.

Haverá uma explicação para a onda crescente de violência entre os jovens? A esse respeito temos mesmo de especular, mas algumas premissas podem ser estabelecidas para o entendimento dessas ocorrências.

Antes de adentrarmos nessa delicada questão, queremos assinalar que a violência entre os jovens não é apenas um fenômeno dos tempos atuais, pois determinados fatos históricos são ricas ilustrações da prática de ações violentas por jovens, seja como um hábito aceito como próprio da idade, seja como demonstração de forma e afirmação da virilidade.

Mas não esqueçamos que, se tomarmos o cenário da vida dos jovens na atualidade, podemos apenas formular algumas hipóteses. Em primeiro lugar, o que explica a grande evasão de jovens de suas famílias para viverem em bandos ou gangues? Em segundo, o que os jovens buscam para se afirmarem no mundo dos adultos?

É na esteira dessas duas questões que refletiremos sobre questões, como: o amor, o trabalho, a vida em bando e, principalmente, sobre os conflitos com os quais os jovens confrontam-se na construção de suas identidades. Partimos da circunscrição da vida dos jovens em outros momentos históricos para compreender a dinâmica de seus relacionamentos, seus valores, crenças e, principalmente, a separação de universos, considerados adequados para homens e mulheres.

Tentaremos esclarecer quais as balizas que demarcavam o *modus vivendi* para os jovens e que sequer eram objeto de qualquer questionamento pela família, pela sociedade e, muitas vezes, pelos próprios jovens.

O percurso que realizamos tem como meta situar a vida dos jovens em outras épocas, mas certamente sugerindo que não estamos abordando a vida desses jovens de outras épocas como entendemos a vida dos jovens na atualidade, pois sequer a adolescência era compreendida como uma etapa do desenvolvimento psicológico: havia somente a infância e o momento em que o jovem deixava a casa dos pais, o que era diferente nas sociedades primitivas e nas chamadas sociedades civilizadas.

Nas primeiras, havia os ritos de iniciação, para marcar o momento de transformação da criança em adulto. Nas últimas, outros balizadores, como a conclusão dos estudos profissionalizantes, o ingresso no universo de trabalho e uma decisão quanto à saída do universo familiar em função de uma relação conjugal, entre outros, foram considerados como indicadores do término da adolescência.

Mas essa é uma questão que levou os pensadores a grandes divergências, principalmente em relação ao contexto das grandes metrópoles, quando se considera o modo de vida de jovens de classes social e economicamente diferentes.

OS AMORES IMPOSSÍVEIS DA ADOLESCÊNCIA



Figura 18.1: O impossível do amor.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

Ficheiro:20070205000653!Romeo_and_juliet_brown.jpg

Nada seria mais ilustrativo na abordagem desse tema do que a conhecida tragédia vivida por dois jovens que conhecemos tanto através de textos literários e que, no século XX, ganhou difusão nas telas do cinema. Quem desconhece a história de Romeu e Julieta?

É sobre a vida desses dois jovens do século XIV que iniciaremos nossa reflexão, pois se trata de uma história de adolescentes que não é apenas uma criação literária: esses jovens existiram de fato, na opinião de muitos autores que deixaram escritos preciosos sobre a vida deles.

A grande difusão da tragédia de amor, vivida por Romeu e Julieta, chegou-nos através de Shakespeare. Porém, o texto é baseado no poema italiano "A história trágica de Romeu e Julieta" de um autor pouco conhecido, chamado Bandello. Esse poema foi traduzido para a língua inglesa por Arthur Brooke, no ano de 1562, e a peça de Shakespeare é de 1596. Seja no poema ou na peça, que completou quatro séculos, a grandeza da história é a trama que envolve o amor entre jovens adolescentes.

O enredo da peça é bastante conhecido, mas convém lembrá-lo. Julieta é uma jovem que ainda não completou quatorze anos. Romeu é um jovem um pouco mais velho que, como os jovens adolescentes, costuma andar em bando. Em seu grupo de amigos, há Mercúrio, que é hábil na arte de contar piadas, além de ser mestre de trocadilhos e de insinuações maldosas. Há Benvólio, que faz jus ao seu nome, pois seu lema é paz e tranquilidade.

Esse grupo de jovens do qual Romeu faz parte rivaliza com outro grupo na cidade italiana de Mantua. Esses dois grupos confrontam-se e atualizam uma intriga mortal entre duas famílias inimigas em função da luta pelo poder: os pais de Romeu e os pais de Julieta. Essas famílias jamais se uniram, seja diante do amor dos filhos, seja diante de suas mortes, o que nos leva a pensar que o fundamental era o cultivo do ódio. No contexto dessa rivalidade, a peça apresenta um grande desafio: o amor entre os dois jovens, mas não um amor qualquer, ou seja, trata-se de um amor adolescente que eclode, logo após a puberdade.

A peça deixa clara a possibilidade de pensarmos duas nuances da sexualidade: o coito entre os jovens, escondido dos pais, mas não da ama de Julieta, e da autoridade religiosa e o que há de mais impossível

em relação a uma possível união, devido à situação de conflito entre as famílias. Poderíamos mesmo pensar tratar-se do coito entre jovens em uma situação de um amor impossível, cujo desfecho é a morte. O que há de possível é aquilo que acontece com os jovens na cama e daí então surgem todos os tipos de impossibilidades de ficarem juntos em vida, ou seja, os jovens unem-se somente pela morte de ambos.

O que podemos extrair dessa história? Em princípio, podemos assinalar que aconteceram, devido ao encontro de Romeu e Julieta, todos os infortúnios do despertar do sonho de uma união conjugal, provocada pelo amor. Mas não de qualquer amor, e sim do amor romântico da adolescência, e é isso o que a peça ensina-nos: dois jovens buscam a união impossível, além do que é possível pela união dos corpos no ato genital.

Mas em que lugar fazem esse encontro? Certamente na morte: Julieta, para escapar de um casamento arrumado por seus pais, ingere uma substância para se fingir de morta e Romeu, vindo ao seu encontro e acreditando em sua morte, ingere um veneno e morre.

Quando Julieta acorda, encontra ao seu lado Romeu morto e então se apunhala, caindo morta sobre o corpo de Romeu.



Uma dica de filme que mostra a história de amor desse famoso casal é *Romeu + Julieta* (EUA, 1996).

Nesta versão para os dias de hoje da peça de Shakespeare, o cenário é Verona Beach. Os Capuleto e os Montecchuo, duas famílias que sempre se odiaram, têm rixas sem cessar, mas isto não impede que Romeu (Leonardo DiCaprio), um Montéquio, se apaixone pela bela Julieta (Claire Danes), uma Capuleto. Entretanto, uma apresentadora de televisão anuncia que este amor profundo acabará gerando trágicas consequências, em virtude desta insana rivalidade familiar. Vale a pena assistir. Fonte: Adaptado de [http://www.interfilmes.com/filme_14365_Romeu.e.Julieta-\(Romeo.Juliet\).html](http://www.interfilmes.com/filme_14365_Romeu.e.Julieta-(Romeo.Juliet).html).

SITUANDO A ADOLESCÊNCIA NA HISTÓRIA

Uma vez situada a história desses jovens, antes de prosseguir nossa reflexão, é necessário abrir um parêntese e recuar um pouco mais na história. Reportamo-nos à Grécia e Roma para entender como era

feito o ingresso dos jovens no universo da vida dos adultos e encontramos costumes bem diferentes que dependiam dos valores sociais e da organização social daquela época.

As crenças e a compreensão que se tinha sobre a educação dos jovens para prepará-los para a vida adulta eram determinantes nos tipos de atividades que eram empregadas para esse fim.

Na Grécia Antiga, o ingresso do jovem na vida dos adultos se fazia por um ritual de iniciação, que consistia em o jovem rapaz manter relações sexuais com homens mais velhos, que eram seus preceptores ou mestres. Essa prática era a abertura para a afirmação, pelo jovem, do exercício de sua virilidade. Era comum os homens receberem jovens para “educar”, quer dizer, prepará-los para a vida adulta com o consentimento dos pais e das instituições sociais, principalmente o Exército, que não desconhecia o contexto das relações sexuais de homens mais velhos com jovens. Era a prática conhecida pelo nome **PEDERASTIA**, que não tinha a acepção negativa que hoje conhecemos. Com isso, estamos salientando que a pederastia era uma prática sexual socialmente aceita e entendida como fundamento para a formação do jovem.

PEDERASTIA

Relacionamento sexual entre homem e rapaz bem jovem.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pederastia>

Na Grécia Antiga, o termo pederastia significava o amor de um homem mais velho por um adolescente, geralmente entre quatorze e dezesseis anos. Cabe salientar que a relação sexual entre pessoas adultas do mesmo sexo não era comum e tampouco aceita, sendo altamente reprovada, quando era de conhecimento público. Qual a razão para essa reprovação? Para os gregos, um homem mais velho não devia ser passivo em uma relação sexual, pois isto só cabia aos jovens. A pederastia em nada afetava a vida conjugal dos homens, ou seja, o fato de o homem ser casado com uma mulher não era obstáculo para um relacionamento sexual com um adolescente. Da mesma forma, o relacionamento de um homem com um jovem adolescente não significava o fim do seu casamento.

Isso quer dizer que a pederastia não maculava a imagem do homem perante a sociedade, uma vez que os gregos eram partidários da compreensão de que o amor ao belo, ao sublime e o cultivo da inteligência não tinham sexo. O que era objeto de máxima condenação era o homem buscar um jovem apenas para finalidades sexuais. Além da diferença etária, a relação sexual de um homem mais velho com um jovem incluía a questão do *status* social. Por esse motivo, para que um homem pudesse manter relações sexuais com um jovem, deveria ter um domínio intelectual e econômico sobre esse jovem, pois somente por esse intermédio seria possível a complementação da formação do jovem, que aconteceu pelo ingresso no universo das artes, em especial, na arte de amar e também nos estudos da filosofia e da moral.

Havia todo um procedimento para que um homem iniciasse a “corte” a um jovem, pois disso dependia o caráter de aceitação e beleza da relação. Os papéis nesse caso eram bem definidos: o homem demonstrava seu interesse e o adolescente poderia aceitar ou não. O homem, para demonstrar seu interesse frequentava os ginásios para ver o adolescente exercitar-se nu. Eis uma modalidade de prática da pederastia que teria fim quando o jovem apresentasse os primeiros sinais de virilidade: barba e bigode, momento em que era considerado pertencente ao mundo adulto, sendo daí por diante reprovável continuar a relação sexual com aquele homem. Havia também a possibilidade de tais relações no Exército que eram estimuladas pelo fato de que se acreditava que, dessa maneira, os soldados se tornariam mais fortes e que provavelmente um amante jamais abandonaria seu amado. Sendo assim, o amor entre soldados fortalecia o Exército, mas que isso não excluía a relação sexual com uma mulher. Somente após o surgimento do Cristianismo é que a pederastia passou a ser pecaminosa.

Em Roma, os ritos de iniciação eram de outra natureza: os jovens frequentavam instituições de natureza privada, vivendo em bandos organizados que refletiam, geralmente, o pensamento de determinadas famílias que representavam o poder. O jovem, aos doze anos, abandonava o ensino elementar e, aos quatorze, as vestes infantis, passando a ter o direito de fazer tudo o que desejasse. Aos dezesseis, poderia fazer opção pela carreira pública ou ingressar no Exército. Não havia maioridade legal e nem menores. O que então existia era os jovens impúberes (aqueles que não haviam chegado à puberdade) e os jovens autorizados a trocar as vestes e cortar o primeiro bigode.

Após essa autorização, era comum os jovens organizarem-se em instituições, denominadas *colegia juvenium*, locais onde praticavam esportes e também participavam de desordens públicas à noite, quando saíam em bando, maltratando pessoas e destruindo lojas. Essas atitudes eram consideradas como privilégios da juventude que conhecia seu fim com o casamento, que também punha fim à vida dos jovens com amantes. Os casamentos eram assunto entre a família e o Estado em função dos títulos de nobreza e da circulação de fortunas, sem evidentemente implicar qualquer vinculação pelo amor.

Uma particularidade do direito romano que em nada se assemelhava com os costumes gregos era a ideia de que um jovem, qualquer que fosse sua idade, casado ou não, somente se tornava inteiramente independente da autoridade do pai após a sua morte. Mas o pai poderia deixar selado o destino do filho com uma sentença que era rigidamente seguida mesmo depois de sua morte.

É sabido que muitos jovens foram executados pelo Estado romano para cumprir uma sentença paterna. Além do mais, nenhum homem poderia dispor de qualquer ato jurídico, se seu pai ainda estivesse vivo. Isso quer dizer que, em termos jurídicos, o poder paterno atenuava-se gradativamente: os filhos não dispõem de bens quando o pai vive, além do que, se o filho ganha algum dinheiro ou bem, estes seriam pertences do pai. Todo esse cenário leva-nos a concluir que qualquer passo do filho deveria ser autorizado pelo pai.

Na Idade Média, os jovens começavam a trabalhar muito cedo. Os filhos mais velhos ficavam à disposição do pai para o trabalho, que exercia total controle sobre eles, determinando o que deveriam fazer em sua vida. Era tarefa do pai gerir a vida de seus filhos, inclusive a decisão de quando e com quem deveriam se casar. Os filhos eram obrigados a trabalhar para seus pais até o dia em que se casassem. Quando, porventura, enviuvavam, teriam de retornar à casa do pai e continuar trabalhando para ele. Como podemos observar, a única forma de liberdade relativa do filho aconteceria com a morte de seu pai, pois o casamento não punha fim às obrigações dos filhos com seus pais.

No decorrer do século XIV, na Europa, o jovem até seus 23 anos era considerado um ser perigoso, pois se acreditava que lhe faltava moderação pelo fato de ser dedicado ao luxo e aos excessos, principalmente os jovens de classes abastardas, que se preocupavam com roupas, diversões e festas.

É interessante salientar a esse respeito que as autoridades preocupavam-se com os jovens, principalmente o clero, pois na Suíça, no século XVI, as autoridades eclesiásticas fizeram circular um panfleto cujo conteúdo era uma denúncia dos jovens que circulavam em grupos durante a noite, batendo tambores e lambuzando, com fezes humanas, as fechaduras das portas das casas. Resta esclarecer que esses jovens faziam um tipo de protesto, dirigido às autoridades que os denunciavam. Certamente, era um ato contra o moralismo da época que era difundido por representantes do clero. Nessa época, jovens misturavam-se com adultos, conversavam e planejavam ações.

No Renascimento, os filhos adolescentes continuavam a viver sob total jugo da autoridade paterna, porém com uma grande diferença: o processo de transmissão dos conhecimentos foi transferido do ambiente familiar para as instituições escolares e conseqüentemente para os professores que, apesar de se sentirem na obrigação de dar continuidade à educação recebida em casa, não deixaram de ser uma outra referência.

Com isso, os jovens passaram a ter contato com outros valores e costumes, mesmo porque, por mais que os professores quisessem, jamais conseguiriam reproduzir, de forma idêntica, as regras próprias do contexto familiar. Certamente pelo fato de que uma coisa é ser pai de uma criança e encarregar-se do processo de educação primordial, outra coisa é colocar-se no lugar de mestre com o objetivo de formação pela possibilidade de colocar o jovem aprendiz em contato com o universo das Ciências, das Artes, da Filosofia, entre outros campos da experiência humana.

A prática educativa dos professores com os jovens nos estabelecimentos de construção do conhecimento foi responsável por um novo tipo de enquadramento da infância e da adolescência, principalmente em relação à transmissão dos valores e costumes que era feita sob a égide de princípios austeros, lembrando o ambiente familiar. No entanto, podemos dizer que havia uma certa flexibilidade no tocante à abertura que o mestre propiciava para o universo dos saberes, em especial, o campo dos saberes científicos.

Em primeiro lugar, a disciplina dessas instituições era bastante severa com vigília diurna e noturna no sentido da observância das regras de conduta, e nisso se configurava uma clara repetição das normas para a vida que eram apresentadas pelos personagens da família.

Em segundo lugar, a prática pedagógica – originalmente pautada na aplicação dos dogmas religiosos e de valores morais para que os jovens pudessem ser transformados no sentido de corresponder às expectativas da família e da sociedade – tinha um efeito subversivo, pois permitia o acesso a outros horizontes. Consequentemente, esse fato propiciou transformações de cunho subjetivo, embora não fosse essa a finalidade esperada.

Até quase o final do século XVIII, era comum haver em uma classe escolar jovens de diferentes idades. Essa desatenção produzia um tipo de violência dos alunos maiores sobre os menores. Esse tipo de ocorrência fez com que, no início do século XIX, as classes fossem agrupadas com alunos de mesma idade, mas as regras de controle eram as mesmas: vigilância constante, encorajamento da competição e a aplicação de castigos corporais para tornar os alunos um grupo homogêneo no sentido da obediência ao mestre. Desta feita, dois tipos de relação eram esperadas: uma horizontal entre os alunos e uma vertical do aluno com o mestre.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Analisando a vida dos jovens, podemos constatar a existência de particularidades em diferentes épocas. O jovem na Grécia Antiga era concebido de uma maneira própria, em termos dos rituais que marcavam a passagem para a vida adulta, da mesma forma que em Roma Antiga, no Renascimento e nos tempos atuais, essa passagem é indicada por circunstâncias próprias de cada cultura e também das diferentes épocas.

A seguir são apresentadas três caracterizações acerca do modo de vida dos jovens que se relacionam a diferentes épocas. Identifique cada uma delas e justifique sua resposta.

1 – Sociedade em que os jovens saem de casa para viver em organizações privadas. Nesses grupos, era aceito o jovem praticar determinadas desordens como brigas com outros grupos, participação de festas de forma desregrada, mudar o tipo de vestes. Mas a independência somente acontecia após a morte do pai.

2 – Forma de organização social onde os jovens ingressavam na vida adulta depois do aparecimento de características viris, como: a barba, o bigode e sinais físicos do corpo adulto. Momento em que o jovem deixa as práticas sexuais com um homem adulto mais velho, podendo repetir a situação vivida com outro jovem, mais novo.

O CENÁRIO PÓS-INDUSTRIAL E A “PRODUÇÃO” DA ADOLESCÊNCIA

Vamos iniciar nossas reflexões, fazendo alusão a um triste acontecimento, datado do início do século XX, noticiado na edição de 10 de setembro de 1900 no *The New York Times*. Em sua primeira página, lia-se a seguinte manchete: “Morto por uma gangue parisiense.” A notícia aborda o ataque a uma carruagem por jovens de idades entre 17 e 25 anos e, como o condutor reagiu, foi morto a facadas. Esses jovens vestiam-se como os índios apaches e usavam máscaras. Eram denominados “**Os APACHES**”, uma gangue que aterrorizava um bairro operário da capital francesa. Nesse episódio sangrento, dois policiais que surgiram foram dominados pela gangue. Esse bando cometia desordens em larga escala, como assassinatos, espancamentos, estupros, porém a polícia não conseguia prender seus integrantes.



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/s/sh/shortsands/492501_protest_series_2.jpg

Gary Cowles

OS APACHES

É o nome de um grupo de delinquentes juvenis que aterrorizavam um bairro operário na cidade de Paris, em fins do século XIX e início do século XX. A denominação não foi do próprio grupo e sim de uma matéria publicada no jornal *Le Matin*, que fazia uma analogia desse grupo com os nativos “selvagens” dos Estados Unidos, principalmente pelas vestimentas e indumentárias que usavam. Suas ações consistiam em brigas de rua, espancamentos e pequenos furtos. Em termos estéticos, difundiam um estilo de dança e de roupas, como indicativas do processo de formação da identidade. Era uma norma do grupo que todos se vestissem da mesma forma.



Figura 18.2: Emblema do grupo de jovens Wandervogel.

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Wandervogel>

WANDERVOGEL

É a palavra alemã que significa “ave migratória”, empregada para denominar um grupo de jovens da Alemanha no início do século XX que se organizaram para questionar as restrições impostas pela sociedade com a proposta de retorno ao modo natural de vida, sendo esse o emblema de liberdade. O movimento espalhou-se em toda a Alemanha, mas muitos grupos funcionavam de forma independente. Esse grupo é considerado o primeiro grupo de jovens que surgiu na Alemanha que tinha como finalidade a ênfase na liberdade, a autorresponsabilidade e o espírito de aventura, além de defenderem uma proposta nacionalista. Esse grupo sofreu grande desilusão, abalado com os resultados da Primeira Guerra.

Era a ineficiência do aparato policial francês? Certamente, não. Do que sabemos era que os comerciantes, além de não denunciar esses bandos, davam-lhe cobertura. Em certo sentido, os donos de estabelecimentos comerciais não delatavam esses jovens, temendo retaliações, como a depredação de lojas e cafés, que efetivamente aconteciam, em caso de simples suspeita de delação.

Ainda em solo europeu havia, na Alemanha, um grupo de jovens, denominado **WANDERVOGEL**, que tinha como lema a defesa de um modo de vida antiburguês, antitecnológico, propondo o retorno a modos naturais de vida, centrados na ideia de liberdade. Esses grupos entraram em declínio no final da década de 1920, tendo reaparecido com quase uma mesma ideologia na juventude nazista.

Se considerarmos histórias de jovens da Idade Média, como as duas relatadas anteriormente, encontramos muitas semelhanças com as histórias dos adolescentes, de nossa época, principalmente no que concerne às desordens e outros tipos de ações que põem em xeque determinados valores sociais. Se ainda não dispúnhamos do conceito de adolescência, não podemos desconsiderar o fato de que os jovens mantinham relacionamentos que eram próprios, ou seja, eram relações que não eram permitidas às crianças e que também não eram bem vistas, quando praticadas por adultos. Em certo sentido, havia uma certa tolerância em relação às ações praticadas pelos jovens que eram, na verdade, pequenos delitos.

A ideia de andar em grupos é antiga, mas os meios utilizados na prática de desordens são bem atuais, pois contam com o reflexo da modernidade, em termos do progresso, advindo da Revolução Industrial que mudou significativamente o cenário dos valores e costumes no âmbito das relações humanas.

É uma característica da Era Moderna o fato de os jovens andarem em bandos como se isso constituísse um traço identificatório, mesmo que seja para a manutenção de uma dada ordem social, como acontecia na Renascença, seja por ações fora do âmbito da lei, como acontecia em Paris, ou mesmo pela construção de um discurso crítico, na Alemanha. Mas esses grupos não desapareceram por completo: apenas mudaram a denominação. Não é difícil encontrar uma semelhança entre o ódio dos jovens aldeões e os *skinheads*, como também existem muitas semelhanças entre Os Apaches e as gangues delinquentes das grandes metrópoles. Por fim, o movimento *hippie* pode ser considerado uma reedição da ideologia do Wandervogel.



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/m/mu/mushedup88/1151013_jumping_people.jpg.

Mas lancemos nosso olhar para o século XXI. Em princípio, constatamos que desde meados do século XX a juventude encaminhou-se em direção contrária àquela que era pretendida pelas instituições escolares. Enquanto a escola fez esforço para demonstrar a continuidade entre juventude e mundo adulto, os adolescentes apresentaram valores que puseram em xeque determinados valores sociais, ou seja, o laço entre juventude e vida adulta, em termos de valores, desfez-se por completo no século XXI. Como aconteceu essa transformação?

Focalizemos a situação da família para rastrear os sinais dessa mudança. Observa-se a valorização, pela família, de valores particulares que enfatizem a realização individual em prol dos projetos coletivos.

É nesse ponto que constatamos o esgarçar da suposta continuidade entre o grupo familiar e o discurso social. Quer dizer, o século XX assistiu à grande discrepância entre a família e outras agências de socialização

que, de forma implícita ou não, encarregaram-se de cimentar o hiato entre a família e a sociedade. Entre essas agências, temos em primeiro lugar a escola e em segundo, os arranjos construídos pela juventude, principalmente considerando os constantes apelos dos adolescentes por autonomia e a defesa dos pontos de vista dos jovens.

Outra grande revolução que podemos situar consiste na inversão do predomínio do espaço privado sobre o espaço público na educação dos jovens. Se até o século XIX, a família ditava aos estabelecimentos de ensino que regras deveriam ser mantidas para a disciplina de crianças e jovens, esse cenário muda no século XX, com a entrada em cena de profissionais que se ocupam de pensar o bem-estar da criança e do jovem, tanto no que concerne à saúde quanto à educação e recentemente à segurança. Aos poucos, a família perde o domínio no processo de gerenciar a disciplina dos filhos nas escolas e com isso temos a abertura de outro horizonte em termos de socialização. Então, cabe à escola a tarefa de ensinar a criança e ao jovem não só as ciências, mas a arte de conviver em sociedade.

No tocante aos jovens, vemos a não obediência da regra de que o lazer deva ser somente organizado e determinado pelos adultos nem por instituições de cunho público como a escola. Há uma aceitação, pelos jovens, dessas instituições, mas apenas parcialmente, uma vez que os jovens não abrem mão da possibilidade de que suas opiniões sejam também consideradas. Sendo assim, o trabalho, o lazer e outros aspectos da vida são articulados a partir de reflexões da juventude.

Essa reviravolta no tocante às escolhas em termos de trabalho, lazer, vida conjugal, entre outras, é o reflexo direto das exigências de um mundo que passou do trabalho artesanal para o domínio das máquinas.

Com a revolução industrial, os jovens precisam saber ler os manuais para operar as máquinas e assim um processo de escolarização necessário teve lugar. Contudo, o jovem, ao ter acesso ao saber, não aprendeu somente a ler manuais, pois conquistou espaços de sua liberdade, enquanto agente de produção e de transformação social, sujeito a deveres, mas também com direitos.

O aumento da produção decorrente do uso da máquina disponibilizou ao homem uma oferta considerável de objetos de consumo e então foi preciso aumentar o universo dos consumidores. Não se ignora

que nos dias atuais a criança e o jovem foram alçados à categoria de consumidores potenciais para atender às demandas de mercados.

É interessante notar que a necessidade de expansão de consumidores não apresenta limites, pois, como sabemos, até os animais de estimação não escaparam a essa engrenagem. Quem não sabe que, na atualidade, para se ter um animal doméstico deve-se dispor de uma certa quantia para a sua manutenção, sem considerar os gastos com roupas, brinquedos, jóias, especialistas. Então, podemos afirmar que a criança está inscrita na engrenagem do consumo da mesma forma que os jovens e os adultos. Certamente, também os animais domésticos na pessoa de seus donos.

Mas qual a posição dos jovens em relação ao consumo: aceitam consumir o que é determinado ou constroem regras próprias? Certamente, por mais que subvertam a corrente de valores que circulam, ainda assim estão na obediência às regras do consumo até em suas atitudes de protesto, de chamada à ordem e também nos movimentos dos quais participam.

Então o que caracteriza a época atual, conhecida como pós-industrial em termos do processo de formação dos jovens? Quais são os ideais que mobilizam o jovem a traçar horizontes para a vida futura? Questões difíceis, principalmente quando situamos os incentivos à disposição dos jovens para esse tipo de empreitada.

Para refletir sobre os ideais dos jovens no contexto da era contemporânea, é interessante analisar uma convocatória escrita em uma parede de um diretório estudantil de uma universidade, no momento de campanhas políticas: “Vote em Ninguém.” Como entender essa ironia?

A princípio, fica bem claro que para os jovens a melhor opção é a única escolha de votar em “ninguém.” Qual, então, para o jovem a importância desse ninguém? Certamente, o “ninguém” representa uma esperança de reconhecimento, por mais absurdo que isso possa parecer. Em segundo lugar, “Ninguém”, grafado como nome próprio, é a única possibilidade eleitoral dos jovens desse diretório.

Como devemos entender então essa forma de protesto? Sem dúvida, devemos entendê-la como a expressão de protesto e de descrença ante a real impotência do poder público em oferecer alternativas que se constituam em reais possibilidades de vida para esses jovens. Quer dizer, todos aqueles que são nomeados de outra maneira são, para os jovens, lugares esvaziados de significação válida e são pessoas que não merecem nenhum crédito.

Outro aspecto interessante que faz ressonância com a situação referida é a pichação escrita em uma parede de uma casa no balneário Camboriú, frequentado por adolescentes de classe média alta, no estado de Santa Catarina: “Ajude a polícia, bata em você mesmo.” Essa pichação causa espanto, à primeira vista, mas em uma análise mais detalhada revela a denúncia desses jovens a um tipo de violência sofrida em termos de tratamento indevido por agentes em quem deveriam confiar, como também naqueles de quem esperavam o reconhecimento de suas identidades.

Mas a que se deve esse confronto e essa atitude de apelo dos jovens, dirigidos às autoridades sociais? Em primeiro lugar, devemos considerar que os agentes sociais que representam o poder podem deixar transparecer algum tipo de arbitrariedade e leviandade no reconhecimento da identidade dos jovens, além do que determinados fatos sociais são abordados, de forma diferente, dependendo da classe social do jovem. Além disso, a difusão do cinismo e o apelo ao consumo de forma desenfreada, tão constante na sociedade de consumo, triunfam como ilusões que são oferecidas aos jovens como recursos para a coesão grupal e também como rumo de vida.

Esse fato é bastante preocupante, pois faz parte das políticas de vida deste início de século a falta de perspectiva crítica que ofereça outra interpretação, além do **MANIQUEÍSMO** da realidade social, em que a educação, a saúde, a participação de crianças e jovens, entre outras, perderam o **PROTAGONISMO**. Por isso, é fundamental iluminar o caminho com reflexões que considerem tudo aquilo que a sociedade atual mantém à margem, a não ser como potencialidade para consumir.

É inegável que existem alternativas que podem produzir transformações sociais importantes, considerando a participação de jovens e crianças, ou seja, trazendo à tona os lugares que são silenciados em detrimento de determinados interesses e que, muitas vezes, crianças e jovens entram em cena apenas de forma utilitária. É preciso acolher a potencialidade criativa das crianças e dos jovens não apenas para servir de incentivos para atrair pessoas em tudo o que é divulgado pelos meios de comunicação, de forma sensacionalista e apelativa.

Que os jovens buscam viver em bandos, gangues, grupos é um fato que podemos constatar ao longo da história dos costumes e dos valores em diferentes épocas e em diferentes culturas. Mas a preocupação de

MANIQUEÍSMO

Doutrina religiosa que afirma a existência de um conflito entre o reino da luz, compreendido como o lugar do Bem, e o reino das sombras, entendido como o lugar do Mal. Essa forma de pensamento localiza nesse último espaço a matéria e a carne, e afirma que a principal tarefa do homem deveria consistir em propiciar a vitória do Bem.

PROTAGONISMO

Tendência de uma pessoa a ocupar sempre o primeiro plano de uma ação ou mostrar-se como uma pessoa altamente qualificada. Refere-se também a uma ação coletiva, considerada como a mais importante.

moralistas, filósofos e educadores com a juventude somente aconteceu no final do século XIX e na primeira metade do século XX, principalmente no contexto das duas grandes guerras, momento em que a adolescência passou a ser vista como uma etapa do desenvolvimento que apresenta características próprias e peculiaridades que muito bem poderiam ser utilizadas a serviço das organizações estatais.

Certamente, o que aconteceu no século passado foi a expansão da adolescência que, em função da possibilidade de utilização de sua força produtora, empurrou a infância para trás e a maturidade para frente. Sendo assim, os tempos modernos assistem a uma produção cultural em que a adolescência, que até então não era considerada, passou a ser onipresente. E ainda há uma imperiosa existência em nossos tempos: o ser deve chegar muito cedo à vida adolescente e nela se demorar bastante em função da preparação técnica para enfrentar o campo do trabalho.

O processo de permanência prolongada do jovem na adolescência, desencadeado no século XX, ganhou todo seu vigor e exuberância em determinados movimentos culturais, como o *rock'n'roll*, como uma produção musical própria da adolescência e também pelo aparecimento de uma vestimenta própria, associada a uma linguagem específica que circula como um traço identificatório dos jovens. Mas o que realmente caracterizava a vida dos jovens nesse contexto? Havia a difusão dessa época como a era da irresponsabilidade, exceção feita às obrigações escolares, uma vez que o consenso era o de que a profissão do jovem é o estudo.



Charlie Balch

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/n/ni/nighthawk7/581762_five_am_club_3.jpg

Indicar para o jovem que sua profissão é o estudo é a frase que ecoa fortemente da boca das autoridades, indicando em que se resume a vida e a seriedade dos jovens. Mas, mesmo considerando a marca de irresponsabilidade dos jovens, é interessante observar que uma minoria deles organiza movimentos institucionalizados que, com o apelo a uma estética chocante, insurgem-se contra a moralidade tradicional, mas que, em certo sentido, erigiram regras rígidas que muito se assemelham aos procedimentos conservadores.

A esse respeito, podemos situar o fenômeno da contracultura que, apesar de ter sido fundado por adultos, teve a adesão de muitos jovens na luta pela condenação do racismo, pelo direito de igualdade, pela revisão do conceito de doença mental e pela criação de mecanismos de vida comunitária. Foram interessantes propostas revolucionárias, endereçadas à sociedade e aos valores conservadores. Porém, houve uma inversão nesse caminho, pois ao invés de ocupar um lugar no mundo adulto, os movimentos jovens apenas limitaram-se a indicar como o mundo adulto deveria ser organizado, mas mantendo-se fora dele.

E essa foi uma transformação que se estendeu a outros campos, principalmente se analisarmos o cenário dos anos 1970 e 1980, onde se tinha a clara sensação de que os jovens participavam de dois mundos opostos: o mundo dos “caretas” e o mundo dos revolucionários. Neste último, havia aqueles que seguiam a orientação de Marx e idolatravam Che Guevara e aqueles também orientados por Marx inclinavam-se a admirar Jimmy Hendrix. Nos dias de hoje, essa juventude parece ter se fragmentado em verdadeiras tribos urbanas, na tentativa de construção de uma identidade comum, conforme abordamos em aulas anteriores.

Não há um discurso revolucionário, originado das tribos urbanas, senão a denúncia à massificação do mundo contemporâneo pela assunção de uma estética promulgada como revolucionária, mas que muitas vezes é apenas reacionária. O estilo musical barulhento, denominado *hardcore*, e o visual corpóreo cheio de *piercings* e tatuagens são formas de uma estética bastante ilustrativa desses jovens. Não obstante, considerando essa e outras mudanças produzidas pelos jovens, podemos afirmar que a adolescência pode ser considerada como a primeira, quer dizer, a mais antiga das transformações culturais da era pós-industrial. Em outros termos: o primeiro fenômeno sociológico que caracteriza a sociedade na contemporaneidade.

urbanas que se valem de uma estética para demonstrar uma luta por reconhecimento em termos da construção do processo identitário. 2 – Quando os jovens reúnem-se em grupos com traços identificatórios próprios, estão sugerindo aos adultos um modo de ação a ser seguida, mas que os próprios jovens não consideram como fazendo parte de seu universo. É como se os jovens apresentassem propostas sobre a maneira como os adultos devem agir, muito embora esse não seja o propósito deles mesmos. Esse é um fato curioso: os jovens acreditam poder sugerir modos de ser aos adultos, mas que não se aplicam a eles próprios em seus projetos de vida para o futuro.

CONCLUSÃO

A adolescência, conforme abordamos ao longo de nossas aulas, é uma produção cultural e não um período etário, definido por mudanças biológicas, que apresenta diferentes tonalidades em termos de inovações, invenções, rupturas, radicalidades, mas também de produção criativa. Se lançarmos o olhar para a juventude das três últimas décadas, temos muito a contar, tanto positiva quanto negativamente. Poderíamos iniciar nesse percurso, contando histórias de jovens como encontramos na literatura e em outras formas em que ocorrências de jovens são difundidas.

Começemos a contar histórias de jovens na atualidade e podemos nos referir àqueles que se lançaram em universos artísticos e profissionais graças à ajuda de projetos comunitários. Mas temos a notícia de que, no ano de 2010, um goleiro de grande clube carioca que está preso, foi acusado de vários crimes, inclusive, assassinato. Somos também sabedores de que jovens, como Eric Harris e Dylan Klebold, no final do século passado, executaram professores e alunos na escola onde estudavam; o jovem alemão Tim K. que pegou a arma do pai e saiu matando várias pessoas; jovens brasileiros das grandes metrópoles que se envolvem como pequenos funcionários no tráfico de drogas, e de outros tantos.

Mas não podemos deixar de fora a questão da indisciplina nas escolas, no distanciamento desses jovens dos ambientes escolares, da habilidade fantástica de muitos deles em manejar a parafernália criada pela cibernética e ainda o grande espaço de relacionamento virtual próprio

do universo de vida da juventude. Considerando esses vários cenários, seria impossível afirmarmos se estas são características da adolescência ou se esses jovens expressam o espírito da época em que vivem.

Certamente, estamos diante da tradução contemporânea do que seja adolescência, mesmo que consideremos a possibilidade de uma crise, além do que não podemos descartar a constatação de que todo o questionamento da autoridade pelos jovens vem se edificando desde o início da Era Moderna até nossos dias. Então o que fazem os nossos jovens? Enquanto participantes do universo da juventude, alimentam-se da crença de que ninguém, por natureza, é feito para mandar ou para obedecer, pois deve-se considerar o exercício livre do julgamento. Assim, os jovens são contrários a qualquer forma de autoritarismo, mesmo porque acreditam que há uma esfera da vida na qual ninguém tem o direito de intervir. É por esse viés que entendemos as tão propaladas palavras de ordem “É proibido proibir” escritas nos muros da cidade de Paris, no ano de 1968. Estaríamos diante da enunciação do apelo a um declínio da autoridade? Provavelmente, sim, mas em tons proféticos, embora esse *slogan* tenha repercutido decisivamente no campo da prática educativa que se mostrou como o espaço mais suscetível, a aceitar tal prerrogativa, quer dizer, o declínio da autoridade.

A instituição escolar, mesmo tendo se modificado, tal transformação concerne apenas ao seu interior, uma vez que nada pôde fazer para impedir o que acontece fora de seus muros, em termos da aplicação de princípios autoritários. Ora, se a liberdade tão proclamada seria o apelo ao fim das proibições, o que aconteceu com determinados contextos da prática social que intensificaram e enrijeceram seus sistemas de interdições? Estaríamos à beira de uma catástrofe ou é esse o cenário da modernidade, repleto de contradições, em que são discutidas as práticas do poder?

De uma coisa estamos cientes: a força dos jovens em seus apelos centra-se, cada vez mais, no anseio pelo fim da autoridade tradicional, como também não alimenta a crença de que a autoridade carismática sustente-se por muito tempo. Eis o dilema que acossa o mundo dos jovens nos dias atuais, sendo esse o retrato da contemporaneidade. Mas os jovens mantêm uma esperança: a de que é possível vislumbrar transformações, quando se coloca em xeque o valor das figuras de autoridade. Daí, então, podemos pensar que uma criança que passa a maior parte

de seu tempo envolvida com o mundo das diversões visuais certamente seria influenciada pela autoridade parental em um escala bem pequena. Mas, se por um lado, essa criança “livrou-se” da autoridade parental, por outro, privou-se da possibilidade de ter acesso, por intermediação desses agentes de socialização, às lendas, histórias, crenças, ritos que são transmitidos no convívio cotidiano entre pais e filhos.

Assim, para finalizar, salientamos que os novos arranjos sociais podem estar produzindo um tipo de prejuízo da relação das novas gerações com a autoridade e que isso não é um pórtico para a liberdade e tão somente a exacerbação do individualismo. Eis um aspecto da formação do sujeito contemporâneo que não pode deixar de ser considerado e que afeta profundamente a formação do jovem.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Para a realização desta atividade, selecionamos várias passagens sobre o modo de vida dos jovens e sobre a compreensão dos adultos acerca dessa etapa da vida. Solicitamos a sua reflexão, considerando os diversos apontamentos que foram abordados ao longo da aula.

1 – Os tradicionalistas da Europa sabiam o que fazer com todo esse excesso de energia pubescente. Nada de se preocupar em dar aos jovens tempo para se desenvolverem, o que estes selvagens precisavam era de educação escolar, baseada em esportes e em seguida o alistamento em organizações pré-militares para cadetes (SAVAGE, 2009, p. 33).

2 – Morrem três jovens de lista publicada no Facebook. Três adolescentes que estavam em uma lista publicada no Facebook foram mortos nos últimos dez dias na cidade colombiana de Puerto Assis. A lista que, contém 69 pessoas ameaçadas de morte, foi publicada na rede social, no dia 17 de agosto, e dava aos citados três dias para fugir (*O Globo*, de 26 de agosto de 2010, seção O Mundo, p. 37).

3 – Máximo Eduardo Tosta Mello, de 15 anos, subiu ao palco da Sala São Paulo, uma das melhores para concertos de música clássica no mundo, com as mãos suadas. Era 9 de novembro de 2008 e ele mal conseguia segurar seu eufônio, instrumento de sopro pouco conhecido, semelhante a uma tuba. Máximo

traduz seu som como “o mais aveludado e belo da orquestra”. Sozinho tocou o “5º movimento de estudos folclóricos”, de Ralph Vaughan Williams. No final do solo, a sala foi tomada por emocionados aplausos (*Época*, de 14 de dezembro de 2009, p. 141).

4 – Nas metrópoles do fim do século XIX, muitas crianças e adolescentes eram deixados à própria sorte. Na falta de uma estrutura imposta por adultos, eles se organizavam em gangues que mal podiam ser controladas. Jacob Riis descobriu isso quando, na virada da década de 1890, deparou com um grupo de jovens valentões no sul de Manhattan. Embora estivesse acostumado a lidar com crianças de rua, ele descobriu que tinha de se aproximar deste bando de “malandros” com mais cautela. Foi só apelando para a vaidade deles (pediu para que fizessem uma pose de “fotos de cigarro” diante de sua câmera) é que evitou receber uma surra (SAVAGE, 2009, p. 50).

5 – Eles querem ser perfeitos. Uma nova geração de narcisistas exige de si e de outros nada menos que a beleza absoluta. Até onde isso pode levar? Foi em março do ano passado, pouco antes de o verão terminar, que o estudante paulistano F., de 16 anos, tomou a decisão: não haveria mais luz em seu banheiro. Ele não queria ver seu próprio rosto, refletido no espelho. Havia quase um ano que reclamava com a mãe sobre suas “rugas” (pequenas linhas de expressão no canto dos olhos, praticamente imperceptíveis). “Meu filho sempre foi bonito, alvo de elogios de todos”, diz ela. “Mas, adolescente, começou a inventar imperfeições”. (*Época*, de 23 de agosto de 2010, página 158).

Agora responda:

- 1 – Em quais passagens, podemos situar a concepção de adolescência como uma produção cultural dos tempos modernos? Justifique a sua resposta.
- 2 – Em que passagem podemos compreender o sentido da adolescência em termos do processo de formação de grupos?
- 3 – Destaque uma passagem que assinala um tipo de realização na adolescência bem-sucedida.
- 4 – Em que passagem, podemos situar os efeitos destrutivos, decorrentes de ações de jovens para impor ameaça e terror?

Compreender a adolescência como a consequência de um processo de transformação cultural é situar essa etapa do desenvolvimento psicológico como o reflexo de produções relacionadas a mudanças históricas de costumes e valores. Mas é preciso salientar que os jovens desde muito tempo já se organizavam para questionar os valores tradicionais que lhes eram transmitidos, como observamos nas produções literárias e também em outros campos que registraram esses feitos. A ideia de questionamento fica evidenciada nas tragédias que nos chegam através de diferentes modos: jornais, revistas, livros, noticiários de televisão, entre outros. Geralmente, essas notícias pontuam uma ação de jovens que vai de encontro a determinados princípios estabelecidos e convoca os leitores para um tipo de compreensão. Eis o que acontece quando situamos circunstâncias em que jovens ao invés de irem à escola para estudar, provocam verdadeiras matanças de pessoas, como também em outros tipos de desordens que são frequentes em nossos dias. Não obstante, o fato de os jovens organizarem-se em grupos deve ser considerado como fazendo parte do processo do adolescente no sentido de construção de sua identidade, a partir de outros parâmetros além dos referidos ao âmbito familiar. Por essa razão, é importante considerar esse momento, pois é nesses grupos que os jovens produzem um tipo de afirmação de suas identidades, razão pela qual pais, educadores e outros agentes de socialização devem estar atentos no sentido de orientar os jovens em termos de escolha dos grupos a que venha pertencer. Tudo nos leva a crer que é o momento de formação de grupos que marca o fim da infância e que a pertinência a esses grupos sofre grande declínio com o ingresso na vida adulta.

Adolescência e Juventude

Referências

Aula 11

DOLTO, F. *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

HEIDEMANN, M. *Adolescência e saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.

OZELLA, S. *Adolescências construídas*. São Paulo: Cortez, 2003.

OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.

SOARES, C. O.; GARCIA, L. M.; DOLCI, I. A. Gravidez na adolescência: um caminho entre a realidade e fantasia. In: DOLCI, I. A.; ABRÃO, J. L. F. (Org.). *Adolescência e universidade: questões atuais*. São Paulo: Arte e Ciência, 2008.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

Aula 12

BAPTISTA, G. C. *Adolescência e drogas*. São Paulo: Vetor, 2006.

DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ESSLINGER, I.; KOVÁCS, M. J. *Adolescência: vida ou morte?* São Paulo: Ática, 2006.

MACEDO, R. C. M. *O adolescente infrator e a imputabilidade penal*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

MELMAN, C. *Alcoolismo, drogadição, toxicomania*. São Paulo: Escuta, 1992.

OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.

RASSIAL, J-J. *A passagem adolescente*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

SILVA, G. L. *Adolescência, drogas e violência*. São Paulo: Bagaço, 2008.

Aula 13

ARATANGY, L. R. *Sexualidade: a difícil arte do encontro*. São Paulo: Ática, 2003.

ESSLINGER, I.; KOVÁCS, M. J. *Adolescência: vida ou morte?* São Paulo: Ática, 2006.

- MARTINEZ, M. W. *Adolescência, sexualidade e AIDS*. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- PAIVA, V. *Fazendo arte com a camisinha*. São Paulo: Summus, 2000.
- POLIZZI, Valéria. *Depois daquela viagem*. Disponível em: <http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/d/depois_daquela_viagem>. Acesso em: 07 jun. 2011.
- TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. *Sexualidade de jovens em tempos de AIDS*. Campinas: Átomo, 2003.
- UZIEL, A. P.; RIOS, L. F.; PARKER, R. G. *Construções de gênero*. Rio de Janeiro: Palas, 2004.

Aula 14

- BIDAUD, E. *Anorexia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELO, G. *História do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- JEAMMET, P. *Respostas a 100 questões sobre a adolescência*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MORAES, E. R. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- NUNES, M. A. *Transtornos alimentares e obesidade*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PIRES, B. F. *O corpo como suporte da arte*. São Paulo: Senac, 2005.
- TATUAGEM: eterna, enquanto dura: graças ao avanço tecnológico, ficou mais fácil remover uma tatuagem. Agora, flashes de luz recuperam a pele sem dor, sem demora e sem deixar cicatrizes. Disponível: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/tatuagem-eterna-enquanto-dura-436745.shtml>>. Acesso em: 07 jun. 2011.

Aula 15

- ALVES, R. *A gestação do futuro*. Campinas: Papirus, 1987.
- BAJOIT, G.; FRANSSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, p. 5-6, 1997.
- BOCK, D. S. A inserção do jovem no mercado de trabalho. In: ABRAMO, H. W. (Org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- CERTEAU, M. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

DOWBOR, L. *Desafios da globalização*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOBIM e SOUSA, S. *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7. Letras, 2000.

MANHÃ de lazer em São Gonçalo do Rio das Pedras. Curso de Educação física. Disponível em: <<http://educacaofisicaufvjm.wordpress.com/2010/05/page/2/>>. Disponível em: 17 dez. 2010.

OUTEIRAL, J. O. *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, M. C. P. *A paixão de formar: da psicanálise à educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. A formação profissional no lazer em nossa moderna sociedade: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. Revista *Licere*, Belo Horizonte, 1998. v. 1.

Aula 16

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BARROS, R.; ANGELO, D.; COLNAGO, V. *Adolescência, violência e lei*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FEIXA, C. *De jóvenes, tribus y bandas*. Barcelona: Ariel, 1998.

JOBIM; SOUSA, S. *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

MAFFESOLI, M. *El tiempo de las tribus*. Madrid: Icaria, 1990.

RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 1998.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

WINNICOTT, D. D. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Aula 17

BEAUVOIR, S. *As belas imagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

DONZELOT, J. *A política das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

LAING, R. D. *O eu e os outros*. Petrópolis: Vozes, 1989.

LEVI, G. e SCHIMITT, J. *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NICHOLS, M. P. *Análisis psicológico de la crisis de los 40 años*. México: Gedisa, 1987.

SARTI, C. A. *A família como espelho*. São Paulo: Cortez, 2005.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

VOLPI, M. *O adolescente e o ato infracional*. São Paulo: Cortez, 2002.

Aula 18

ARIÈS, P. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 1.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BIRRAUX, A. *Adolescent face à son corps*. Paris: Hartman, 2004.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE. *O adolescente e a modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

EISENSTADT, S. N. *From generation to generation*. London: Transaction, 2003.

RENAULT, A. *O fim da autoridade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

ROMEU e Julieta. Disponível em: <[http://www.interfilmes.com/filme_14365_Romeu.e.Julieta-\(Romeo.Juliet\).html](http://www.interfilmes.com/filme_14365_Romeu.e.Julieta-(Romeo.Juliet).html)>. Acesso em: 08 jun. 2011.

SAVAGE, J. *A criação da juventude*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SHAKESPEARE, W. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Objetiva, 2003.

ISBN 978-85-7648-790-6



9 788576 487906



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense

uff



UNIRIO



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA